

UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

ALINE BRANCALIONE

AQUISIÇÃO BILÍNGUE LIBRAS-PORTUGUÊS POR UMA CRIANÇA CODA

DISSERTAÇÃO

PATO BRANCO
2019

ALINE BRANCALIONE

AQUISIÇÃO BILÍNGUE LIBRAS-PORTUGUÊS POR UMA CRIANÇA CODA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Câmpus Pato Branco, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Anselmo Pereira de Lima

Coorientadora: Prof^a. Me. Mirélia Flausino Vogel

PATO BRANCO
2019

B732a Brancalione, Aline.
Aquisição bilíngue libras-português por uma criança CODA / Aline Brancalione. -- 2019.
202 f. : il. ; 30 cm.

Orientador: Prof. Dr. Anselmo Pereira de Lima
Coorientadora: Profa. Me. Mirélia Flausino Vogel
Dissertação (Mestrado) - Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Programa de Pós-Graduação em Letras. Pato Branco, PR, 2019.

Bibliografia: f. 200 - 202.

1. Aquisição de linguagem. 2. Educação bilíngue. 3. Língua brasileira de sinais. 4. Filhos de pais surdos. I. Lima, Anselmo Pereira, orient. II. Vogel, Mirélia Flausino, coorient. III. Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Programa de Pós-Graduação em Letras. IV. Título.

CDD 22. ed. 469

Ficha Catalográfica elaborada por
Suélem Belmudes Cardoso CRB9/1630
Biblioteca da UTFPR Campus Pato Branco



Ministério da Educação
Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Câmpus - Pato Branco
Diretoria de Pesquisa e Pós-Graduação
Programa de Pós-Graduação em Letras



TERMO DE APROVAÇÃO

Título da Dissertação n.º 30

“Aquisição Bilíngue Libras-Português por uma Criança CODA”

por

Aline Brancalione

Dissertação apresentada às quatorze horas, do dia dezoito de abril de dois mil e dezanove, como requisito parcial para obtenção do título de MESTRE EM LETRAS pelo Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Câmpus Pato Branco. A candidata foi arguida pela Banca Examinadora composta pelos professores abaixo assinados. Após deliberação, a Banca Examinadora considerou o trabalho APROVADO.

Banca examinadora:

Prof. Anselmo Pereira de Lima
UTFPR/PB (Orientador)

Prof^a. Siderlene Muniz Oliveira
UTFPR/DV

Prof^a. Marta Rejane Proença Filietaz
UTFPR/CT

Prof. Marcos Hidemi de Lima
Coordenador do Programa de Pós-
Graduação em Letras – UTFPR

A via deste termo, devidamente assinada, encontra-se arquivada na Coordenação do PPGL.

DEDICATÓRIA

Ao meu marido, meus filhos, meus pais, minhas irmãs.

AGRADECIMENTOS

Este é o momento de agradecer aos que fizeram parte desta minha caminhada, todos extremamente importantes nesta trajetória.

Primeiramente, agradeço a Deus por ter me concedido saúde e determinação, fundamentais para a conclusão deste trabalho.

Ao meu precioso filho Gabriel, meu CODA, que foi a minha inspiração para que esta pesquisa se tornasse realidade.

Aos meus queridos pais Antonio e Eny, que estiveram sempre ao meu lado com um apoio incondicional. Obrigada por acreditarem na minha capacidade.

À minha querida irmã Tatiane, que esteve sempre ao meu lado me apoiando em todos os momentos da construção do trabalho, a sua paciência e confiança me ajudaram a chegar até aqui.

À minha querida irmã Gracieli, que mesmo à distância, me apoiou e foi uma das torcedoras mais fiel, sempre esperançosa de que eu chegaria a esta vitória tão merecida.

Ao meu amor, meu marido Heron, que com a sua preocupação, dedicação, cuidado, apoio e carinho me amparou por toda a caminhada, receba a minha imensa gratidão e amor.

À minha querida sogra Marcia, que sempre torceu e acreditou que eu conseguiria esta grande vitória.

À minha grande amiga e querida coorientadora e intérprete, Mirélia Flausino Vogel. Já são muitos anos juntas como verdadeiras amigas e parceiras de trabalho. Seu apoio, sua paciência, conselhos e ensinamentos da língua portuguesa, carinho e dedicação foram determinantes para eu prosseguir.

Ao meu orientador, Professor Dr. Anselmo Pereira de Lima. Pelos seus ensinamentos e sua compreensão de que o Português é para mim uma nova língua e que eu tenho muitas dificuldades para entender as suas características formais. Obrigada por acreditar em mim!

Agradeço às professoras da banca: Prof.^a Dr.^a Siderlene Muniz Oliveira, da UTFPR Câmpus Dois Vizinhos; Prof.^a Dr.^a Marta Rejane Proença Filietaz, da UTFPR

Câmpus Curitiba, por terem aceitado o convite de contribuir com seus conhecimentos e reflexões. Agradeço por estarem comigo neste dia tão especial.

Aos meus professores do PPGL, Câmpus Pato Branco, pela paciência e atenção com relação as minhas dúvidas que surgiram durante os momentos de aprendizagem.

A todos aqueles que torceram e me transmitiram energias positivas, a todos a minha eterna gratidão!

Por fim, me dirijo a Deus para agradecer por ter me enviado, no período de realização do Mestrado, um anjo em forma de bebê, minha linda menina, minha filha Mariana, que trouxe consigo um novo desafio de aprendizagem para mim, como mãe de CODAs e tornou-se a minha força para eu alcançar esta tão esperada VITÓRIA, de concluir esta pós-graduação.

Tanto com as mãos como com a boca. Faço gestos e falo francês. Utilizar a língua gestual não significa que se seja mudo. Posso falar, gritar, rir, chorar, são sons que saem da garganta. Não me cortaram a língua! Tenho uma voz esquisita, mais nada. Não sou surdo-mudo. SOU SURDO!"

(Emmanuelle Laborit, 1994)

BRANCALIONE, Aline. **AQUISIÇÃO BILÍNGUE LIBRAS – PORTUGUÊS POR UMA CRIANÇA CODA**. 2019. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras na Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Pato Branco, 2019.

RESUMO

O presente estudo aborda o processo de aquisição bilíngue Libras/Português por uma criança CODA, desde os seus primeiros meses de vida até aos cinco anos de idade. O termo CODA é um acrônimo da sigla inglesa CODA (Children of Deaf Adults). Essas crianças se forem estimuladas corretamente desde os seus primeiros anos de vida podem se tornar bilíngues, adquirirem a língua materna, que neste caso é a Língua de Sinais falada pelos seus pais, como primeira língua (L1), juntamente com a língua, idioma, falado em seu país, considerada sua segunda língua (L2). Para alcance do objetivo proposto, a pesquisa teve caráter qualitativo e participante e utilizou como metodologias a história oral e o estudo de caso. A autora deste estudo é surda e possui dois filhos ouvintes, CODAs. A história oral subsidiou a construção dos capítulos dois ao onze, que seguiram um método próprio, assim estruturado: Nos itens 1. Dados sobre as fases do desenvolvimento do CODA; nos itens 2. Abordagens teóricas que dialogam com esses dados e nos itens 3. Análises dos dados apresentados. A fundamentação teórica foi norteadada pela teoria Vygotskiana e de seus colaboradores, os quais apresentam estudos sobre o desenvolvimento humano e da linguagem, como também por autores renomados na área da surdez. O trabalho também apresenta registros fotográficos e de imagens visando demonstrar, de forma mais visual, a aquisição das duas línguas pelo sujeito da pesquisa. As análises permitiram constatar que o CODA, com o uso frequente de estímulos pelos pais, adquiriu de forma natural a Libras como primeira Língua (L1) e a Língua Portuguesa como (L2), segunda Língua, chegando aos cinco anos de idade em condições de se comunicar em Libras e em Português e com fortes características bilíngue e bicultural. Assim, a realização desta pesquisa que permitiu aprofundar o conhecimento sobre a aquisição bilíngue dos CODAs poderá contribuir, significativamente, com a comunidade surda brasileira e pesquisadores da área, já que estudos sobre esse grupo minoritário ainda são bastante incipientes no Brasil.

Palavras-chave: Aquisição da linguagem. Educação Bilíngue. Libras-Português. Pais surdos. CODAS.

BRANCALIONE, Aline. **BILINGUAL LEARNING OF BRAZILIAN SIGN LANGUAGE AND PORTUGUESE BY A CODA CHILD**. 2019. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras na Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Pato Branco, 2019.

ABSTRACT

The present research addresses the process of bilingual acquisition of Sign language / Portuguese by a CODA child, from the first months of life up to five years of age. The term CODA is an English acronym (Children of Deaf Adults). If the hearing children of deaf parents known as CODAs (Children of Deaf Adults) are correctly stimulated in their first years of life, they may become bilingual. In other words, they can acquire their parents' language, a Sign Language, as the first language (L1), and the oral language of their country as the second language (L2). In order to reach the study goals, the research had a qualitative and participative approach, and used oral story and case study as methodologies. The author of this study is deaf and has two hearing children, CODAs. Oral story subsidized the construction of chapters two to thirteen, which followed a structured method: In item 1. Data on the development phases of CODA; Item 2. Theoretical approaches that dialogue with these data; Item 3. Analysis of the presented data. The theoretical research was based on Vygotsky and his collaborators' theory, which presents studies about human and language development, as well as other renowned authors in the area of Deafness studies. The study also presents photographic and image records aimed at demonstrating, in a visual way, the acquisition of the two languages by the research participant. The analysis showed that CODA, with the frequent use of stimuli by the parents, naturally acquired the Brazilian Sign Language as first language (L1) and the Portuguese language as second language (L2), reaching five years of age with the ability to communicate in Brazilian Sign Language and in Portuguese, with strong bilingual and bicultural characteristics. Therefore, the research process allowed the construction of deeper knowledge about the bilingual acquisition of CODAs and can significantly contribute to the Brazilian deaf community and researchers in the area, since studies on this minority group are still incipient in Brazil.

Keywords: Language acquisition. Bilingual Education. Brazilian Sign Language. Deaf parents. CODAS.

LISTAS DE FIGURAS

Figura 1: Sinalização do sinal de Gabriel não oficial	28
Figura 2: Sinalização do sinal oficial do Gabriel	29
Figura 3: Sinalizando a palavra “Oi”	29
Figura 4: Sinalizando a expressão “Bom dia”	30
Figura 5: Sinalizando a expressão “Boa tarde”	30
Figura 6: Sinalizando a expressão “Boa noite”	30
Figura 7: Sinalizando a ação “Tomar banho”	31
Figura 8: Sinalizando a ação “Mamar”	31
Figura 9: Sinalizando a ação “Mau cheiro”	31
Figura 10: Sinalizando a ação “Dormir”	32
Figura 11: Sinalizando a ação “Mamãe está aqui”	32
Figura 12: Sinalizando a ação “Mamãe ama você”	32
Figura 13: Sinalizando a ação “Papai chegou”	33
Figura 14: Sinalizando a palavra “Vovó”	33
Figura 15: Sinalizando a ação “O que aconteceu?”	33
Figura 16: Sinalizando a ação “Por que está chorando?”	34
Figura 17: Sinal BICHO PREGUIÇA (CM ‘5’)	35
Figura 18: Sinal BICHO-PREGUIÇA (CM ‘3’).....	36
Figura 19: Sinal BICHO-PREGUIÇA no Dicionário de Libras	36
Figura 20: Modelo de babá eletrônica vibradora	54
Figura 21: Demonstração do uso da babá eletrônica com sinal luminoso	55
Figura 22: Babá eletrônica com sinal luminoso x babá eletrônica vibratória	56
Figura 23: Babá eletrônica com câmera.....	56
Figura 24: Gabriel sinalizando “M-A-M-Ã-E”	61
Figura 25: Sinal correto de “M-A-M-Ã-E”	62
Figura 26: Expressão facial de LEÃO	66
Figura 27: Expressão facial de BALEIA	66
Figura 28: Imagens de animais coladas na parede.....	67
Figura 29: Adesivos de animais colados na parede do banheiro	67
Figura 30: Brinquedos do Gabriel.....	68
Figura 31: Livros com muitas imagens e textos em Português	68
Figura 32: Pai sinalizando para Gabriel	69
Figura 33: Gabriel sinalizando o sinal de “cachorro”	70
Figura 34: Gabriel demonstrando o sinal de alguns animais.....	73
Figura 35: Gabriel sinalizando a palavra “Violão”	74
Figura 36: Gabriel sinalizando as figuras do livro.....	75

Figura 37: Sinalização de “bandeira” pelo CODA com configuração de mão incorreta..	81
Figura 38: Sinalização correta de “bandeira”, conforme o sistema linguístico da Libras	81
Figura 39: Sinalização de “sutiã” de base icônica realizada pelo CODA.....	82
Figura 40: O sinal correto de “sutiã” na Linguística da Libras	82
Figura 41: Sinalização de “iogurte” com configuração de mão incorreta e o correta.....	83
Figura 42: Sinal de telefone e de borboleta.....	85
Figura 43: Sinal de conversar e depressa	86
Figura 44: Sinalização de “água” realizada pelo CODA	89
Figura 45: Sinalização de “água” no código linguístico da Libras.....	89
Figura 46: Sinalização de “mais” pelo CODA	90
Figura 47: Sinalização de “mais” de acordo com o código linguístico da Libras	91
Figura 48: Conversação entre a madrinha e Gabriel com 1 ano e seis meses	92
Figura 49: Surdocego e CODA conversando em Libras Tátil.....	97
Figura 50: Mãe e filho conversando através de Libras Tátil	97

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

LIBRAS	Língua Brasileira de Sinais
CODA	Children of Deaf Adults
L1	Primeira Língua
L2	Segunda Língua
ASL	American Sign Language

Sumário

INTRODUÇÃO	16
1. UM OLHAR SOBRE A AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM	21
1.1 A aquisição da língua materna	21
1.2 Caminhos teórico-metodológicos	23
2 O INÍCIO DA AQUISIÇÃO BILÍNGUE PELO CODA	27
2.1. Os primeiros contatos do CODA com a Libras	27
2.1.1 O CODA demonstra identidade visual.....	34
2.2 Importância da experiência visual.....	37
2.3 Análise	40
3 INTERFERÊNCIA DA PARTE OUVINTE DA FAMÍLIA NA ATENÇÃO DO CODA: COMPETIÇÃO SOM VERSUS IMAGEM	42
3.1 O CODA se desperta para os sons.....	42
3.2 As várias formas de comunicação dos surdos	43
3.3 Análise	47
4 A ATENÇÃO DO CODA A ESTÍMULOS AUDÍVEIS	49
4.1 A atenção do CODA se volta para os sons e imagens da televisão	49
4.2 A atenção no desenvolvimento humano	49
4.3 Análise	51
5 AS EXPERIÊNCIAS DOS PAIS SURDOS COM FILHO CODA NA SOCIEDADE OUVINTISTA	52
5.1 A organização do ambiente familiar para o CODA	52
5.2 A imagem da sociedade ouvintista sobre o povo surdo	56
5.3 Análise	59
6 A REALIZAÇÃO DO PRIMEIRO SINAL	61
6.1 O CODA balbucia em Libras.....	61
6.2 Balbucio Manual.....	62

6.3	Análise	63
7	OS PAIS CRIAM ESTRATÉGIAS PARA APRENDIZAGEM DE LIBRAS PELO CODA.....	65
7.1	Os pais estimulam o filho utilizando desenho de animais e sinais.....	65
7.2	O gesto de apontar no processo de aquisição da linguagem	71
7.3	Análise	72
8	INÍCIO DO PROCESSO DE LEITURA EM SUA (L1) LIBRAS, PELO CODA	74
8.1	Gabriel lê o livro intitulado: “Primeiras Palavras”	74
8.2	O desenvolvimento da leitura através de imagens	75
8.3	Análise	78
9	A CRIANÇA CODA INICIA PROCESSO DE CRIAÇÃO DE SINAIS	80
9.1	Alguns sinais criados na interação com a família	80
9.2	Criação de sinais em base icônica.....	84
9.3	Análise	86
10	PRIMEIRAS BARREIRAS DE COMUNICAÇÃO DO CODA NA INTERAÇÃO SOCIAL COM OUVINTES	88
10.1	A professora não entende o sinal realizado pelo CODA.....	88
10.1.2	A avó paterna não consegue se comunicar com o neto CODA	89
10.1.3	O CODA não aceita falar com ouvinte próxima da família	91
10.2	Os CODAs como bilíngues bimodais.....	93
10.3	Análise	95
11	FILHO CODA APRENDENDO MAIS NOVAS LÍNGUAS ESTRANGEIRAS.....	96
11.1	Contato do CODA com Libras Tátil.....	96
11.2	Nova aprendizagem multilíngue.....	98
11.3	Análise	99
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	100
	REFERÊNCIAS.....	103

ANEXO 1 - O TEXTO QUE SERVIU DE BASE PARA A PESQUISA.....	108
ANEXO 2 - ALFABETO MANUAL DA LIBRAS - DATILOLOGIA	120
ANEXO 3 - VERSÃO DA DISSERTAÇÃO EM INTERLÍNGUA: LIBRAS E PORTUGUÊS	121

INTRODUÇÃO

O presente estudo aborda o processo de aquisição bilíngue Libras/Português por uma criança ouvinte, denominada CODA¹, considerando que é filha ouvinte de pais surdos. Baseia-se na minha história de vida com o primeiro filho, bem como na revisão bibliográfica consultada em vários autores. No decorrer do estudo, revelo minhas angústias e desafios, assim como as vivências enriquecedoras do nosso convívio de mãe surda com um filho ouvinte.

Eu nasci ouvinte, mas tornei-me surda com nove meses de idade em função de erro de medicação, antes mesmo de adquirir uma memória linguística auditiva. O meu processo de aquisição da Língua Brasileira de Sinais – Libras – foi tardio e conseqüentemente mais lento, uma vez que fiz o primeiro curso desta língua, quando já tinha oito anos de idade. Minha família, aceitando a minha condição de pessoa surda e ao se conscientizar da importância de eu aprender a língua de sinais, para nos comunicarmos melhor, também participou do curso. Sendo assim, resolveram também mergulhar no universo da sinalização para efetivarmos de forma saudável e significativa uma comunicação familiar e inserção no meio social.

Após esse primeiro curso de nível básico, o interesse pela comunicação visual-motora dos surdos foi tanta que resolveram continuar esse aprendizado. Fato que refletiu positivamente em meu desenvolvimento enquanto pessoa com identidade e ser participativo social. A nossa comunicação até hoje é em minha língua, a Libras.

Esse facilitador que aconteceu em minha família, não foi o mesmo em minha vida escolar. Durante a minha trajetória escolar nunca tive as aulas interpretadas por um profissional intérprete de Libras. Contava com uma pequena ajuda dos colegas, aqueles que se interessavam e que conheciam um pouco da língua de sinais. Em contrapartida, eu sempre pude contar com minha família, sempre presente e atuante nesse processo escolar, com uma postura responsável sempre me ajudando com os estudos em casa e na elaboração das atividades extraclasse.

¹ O termo CODA – Children of Deaf Adults, é traduzido para o Português como Filho Ouvinte de Pais Surdos.

Lembro que na escola sempre sofri muito com as barreiras atitudinais e de comunicação. Não me sentia uma pessoa incluída no processo educacional, pois, não contava com um profissional intérprete atuante, assim como as atitudes dos professores sempre foi distante revelando pouco interesse com o meu aprendizado. Para não ficar alheia a tudo que acontecia em sala de aula, eu costumava copiar as atividades do caderno dos colegas mais próximos, porém, ser uma copista não fez com que eu adquirisse o conhecimento necessário para a compreensão dos conteúdos ministrados nas aulas.

Outro fato que marcou a minha trajetória escolar foi quando uma colega do ensino médio demonstrou interesse em aprender a Libras, fiquei extremamente feliz e finalmente me sentia contemplada pela possibilidade de comunicação. Ela costumava interpretar de maneira informal as aulas, mesmo que por vezes perdíamos a plenitude do conteúdo.

Em 2005 eu e uma amiga surda passamos no vestibular numa universidade particular da minha cidade natal (São Miguel do Oeste, SC) e começamos a fazer o curso de Tecnologia em Design de Produtos. Iniciamos uma luta árdua e, juntas, conseguimos que a instituição nos fornecesse uma intérprete de Libras para atuar em sala de aula conosco e em todas as disciplinas.

Lembro que as dificuldades eram enormes frente às situações que se nos apresentavam todos os dias em aula. Julgo isso ao fato de que o meu conhecimento sobre a língua portuguesa era muito fraco e meu vocabulário muito reduzido, muitas vezes os professores ministravam as matérias de forma rápida e sem nenhuma adaptação do conteúdo para que nós, alunas surdas, compreendêssemos de forma clara e objetiva o conteúdo. Para corroborar com isso, nenhum dos nossos professores sabia Libras. Não foi fácil entender as diversas disciplinas ministradas. Era difícil também pelo fato de não haver sinais para os termos técnicos utilizados, sendo que muitas vezes nós tínhamos que inventá-los.

Um ano e meio após iniciar a faculdade fui aprovada em outro vestibular para o curso de Licenciatura em Letras/Libras, este foi o primeiro curso deste tipo no Brasil. O curso era oferecido na modalidade a distância, pela Universidade Federal de Santa Catarina – UFSM – Câmpus em Santa Maria, RS. Quando foi lançado havia nove polos

distribuídos pelo Brasil afora. Iniciei os estudos em 2006. Estava muito feliz, porque pela primeira vez haveria um curso superior voltado apenas para acadêmicos surdos e tendo as aulas ministradas em Libras, minha língua materna, havia tutores surdos e ouvintes, todos fluentes em Libras.

Foram cinco anos muito cansativos, pois estava fazendo dois cursos superiores e em cidades diferentes e ainda havia a elevada carga horária de trabalho para cumprir. Mas estava feliz por estudar e compreender tudo o que era ministrado em sala de aula. Em 2007, formei-me em Design de Produto e em 2010 em Licenciatura Letras/Libras.

Em 2012 fiz pós-graduação em Educação Especial na área de Surdez/Libras, éramos em cinco alunos surdos, havia alguns colegas que sabiam um pouco de Língua de sinais. Eles seguidamente nos pediam para ensiná-los os sinais que eles não sabiam e com isso foram se tornando mais fluentes na língua. Sempre havia interação entre os alunos surdos e ouvintes, conversávamos e nos ajudávamos na elaboração das atividades de sala de aula.

Atualmente, sou mestranda em Letras. Não foi muito fácil esse período de estudos, pois não tive profissional intérprete designado para me atender. Contei em todo esse processo de estudos com o acompanhamento e com a interpretação em sala de aula da minha coorientadora e colega de trabalho da área, professora fluente em Libras, à qual sou imensamente grata.

Em relação a minha vida profissional, sou professora universitária há oito anos na Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR), Câmpus Pato Branco-PR. Leciono a disciplina de Libras nos cursos de Licenciatura desta instituição.

Quanto a minha vida pessoal, aos vinte e quatro anos me casei com um surdo. Meu esposo Heron é professor de Libras na rede estadual de Educação do Paraná e em uma Instituição de Ensino Superior, particular. Hoje temos dois filhos CODAs, Gabriel – objeto deste estudo – com sete anos de idade e Mariana, com apenas 11 meses.

Assim que descobri que estava grávida do meu primeiro filho aflorou em mim a dúvida de qual língua ele desenvolveria como sendo a materna (L1). Conversei com o meu esposo e assumimos o compromisso de que quando ele nascesse, sendo ele ouvinte ou surdo, iríamos estimulá-lo desde cedo a desenvolver a Libras e depois, na

relação com familiares e amigos ouvintes ele aprenderia também, naturalmente, o Português, porém como segunda língua (L2).

Desde adolescente sempre tive interesse em entender como ocorre a aquisição da língua por crianças CODAs. Observava a relação entre pais surdos e crianças ouvintes e queria compreender qual era a língua dominante dos filhos ouvintes no cotidiano. Assim, fui observando que os próprios pais surdos, muitas vezes, influenciavam os filhos CODAs a aprenderem primeiramente a Língua Portuguesa, porque tinham preocupação de que se este aprendizado ocorresse tardiamente, poderia comprometer o seu desenvolvimento linguístico, porém, também poderia acontecer que as crianças perdessem o interesse pela língua materna dos pais surdos.

Devido à minha curiosidade por esse assunto, pela importância dele, pelo meu interesse em investigar se o método que escolhemos para ensinar o nosso filho foi eficaz, e para ajudar outras mães na mesma situação que a minha, é que escolhi esse tema para desenvolver a pesquisa, logo que planejei ingressar no Programa de Mestrado em Letras.

Um dos pontos interessantes em relação aos CODAs é que eles têm duas línguas maternas, no caso do Brasil, a Língua Brasileira de Sinais-LIBRAS e a Língua Portuguesa. Uma criança CODA, de maneira geral, cresce em meio a duas culturas, duas línguas e processa a aquisição da linguagem de forma visual e auditiva, diferentemente de crianças não CODAs, que são consideradas “normais” por serem ouvintes. As crianças ouvintes adquirem experiências auditivas e, de forma não tão profunda, algumas experiências visuais. Porém, não com as mesmas características daquelas crianças surdas filhas de pais também surdos, cuja experiência é puramente visual e nenhuma vivência audível.

Nesse viés, o objetivo geral desta pesquisa constituiu-se em investigar o processo de aquisição bilíngue Libras-Português por uma criança CODA, em contexto da Libras como língua materna e frequente estímulo de ensino desta língua pelos pais surdos, buscando embasamento teórico em diversos autores e pesquisadores da área que discutem o tema proposto.

Importante ressaltar que a construção da pesquisa partiu de um primeiro texto em que eu escrevi todos os dados possíveis, que pude resgatar da minha mente, desde

o nascimento do meu filho CODA até os seus cinco anos de idade. Após a construção desse texto, realizei um agrupamento dos dados, os quais julguei serem os mais significativos para a construção da pesquisa. Assim, para a sua concretização o trabalho foi organizado da seguinte forma:

No primeiro capítulo, intitulado *Um olhar sobre a aquisição da linguagem*, discute-se sobre a aquisição da linguagem e apresentam-se os caminhos teórico-metodológicos empregados, a fim alcançar os objetivos propostos, sendo os seguintes: Analisar o processo de aquisição bilíngue Libras-Português por uma criança CODA, em contexto da Libras como língua materna e frequente estímulo de ensino desta língua, pelos pais surdos; Conhecer o processo de aquisição bilíngue Libras/Português por uma criança CODA, desde o seu nascimento até os cinco anos de idade; Apresentar a construção da identidade CODA da criança ouvinte através de duas línguas: A Língua Brasileira de Sinais – Libras, como Língua materna e primeira língua (L1) e a Língua Portuguesa, falada no país, como segunda língua (L2); Demonstrar estratégias utilizadas pelos pais para o desenvolvimento bilíngue do filho CODA; Compreender o bilinguismo e o biculturalismo, realidades próprias dos CODAs.

Do segundo até ao décimo primeiro capítulos, subsidiado pela história oral, segue-se uma metodologia própria que se estruturou da seguinte forma: Itens 1. Dados sobre as fases do desenvolvimento do CODA; Itens 2. Abordagens teóricas que dialogam com esses dados e nos Itens 3. Análises dos dados apresentados.

E nas *Considerações Finais* procuro emitir minhas opiniões sobre os assuntos analisados e discutidos no decorrer do estudo, considerando a importância de mais pesquisas nesta área que aprofundem o conhecimento sobre a aquisição bilíngue Libras/ português pelas crianças CODAS.

1. UM OLHAR SOBRE A AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM

1.1 A aquisição da língua materna

A aquisição da língua materna de uma criança ocorre por meio do convívio familiar e seu desenvolvimento aflora ao longo do tempo, sendo, portanto, a forma inicial e natural de sua comunicação aquela em que está inserida socialmente (Vygostky, 2003).

Conforme o pensamento de Quadros (1996, p.1):

Qualquer língua, seja ela falada, sinalizada ou escrita, representa possíveis manifestações da faculdade da linguagem. Assim, a aquisição de uma L1 e/ou de uma L2, independente da modalidade, envolve processos internos. Tais processos são determinados pela capacidade para linguagem específica dos seres humanos e apresentam uma sequência natural. É por essa razão que se torna possível identificar processos comuns de aquisição de qualquer língua (falada, sinalizada e/ou escrita).

O mesmo ocorre com as crianças filhas de pais surdos, pois elas são capazes de observar e aprender a partir das interações que presenciam. O desenvolvimento linguístico é construído por meio da língua materna que, no caso de pais surdos, é a Libras em sua convivência domiciliar, enquanto que a segunda língua é adquirida pela interação social.

A comunicação tem um papel fundamental na vida do sujeito, e sua forma de língua e linguagem possibilitam ao ser humano expressar seus pensamentos, sentimentos, angústias, dúvidas e conquistas. Permite também manter as relações internas e externas com outros da mesma espécie, proporcionando um maior convívio das inter-relações pessoais para além da família, além de oportunizar acesso à cultura e à educação, que serão o norte da formação humana e social do sujeito.

A linguagem é considerada uma forma de inter-relação, além de possibilitar a transmissão de informação de um emissor a um receptor; a linguagem é vista como uma base para a interação humana. Estudos apontam que é através da linguagem que o sujeito pratica ação; com ela, o falante age sobre o ouvinte, construindo compromisso e vínculo que não existiam antes da fala (Geraldi, 1986, p. 43)

A linguagem é uma área muito rica, que é investigada desde sempre, pode ser manifestada em diferentes línguas e nas mais diversas culturas existentes. Partindo

desse ponto de vista, “a língua é tida como um sistema de regras abstratas composto por elementos significativos inter-relacionados. Esse sistema é autossuficiente, é um tudo em si, e seus elementos devem ser estudados por suas oposições” (Goldfeld, 1997, p. 17).

A aquisição de uma língua seja de forma escrita e/ou sinalizada possibilita a interação e o desenvolvimento do ser enquanto sujeito ativo e pensante, e influencia sua vida pessoal e profissional.

Na perspectiva da evolução das línguas, pesquisas foram desenvolvidas e realizadas com o intuito de diferenciar a língua de sinais das línguas faladas, a fim de saber se aquelas são línguas naturais ou adquiridas. Nessa linha de raciocínio, Quadros e Finger (2007, p. 144) afirmam que:

Na sua grande maioria, os linguistas têm se preocupado em identificar o que é comum entre as línguas de sinais e as línguas faladas. Parte-se dos referenciais já propostos para as línguas faladas e os universais linguísticos que também foram estabelecidos a partir de estudos com várias línguas faladas e propõem-se análises das línguas de sinais. O investimento nessa linha investigativa justificou-se, uma vez que na década de 1960 havia um movimento intenso no sentido de “provar” que as línguas de sinais eram, de fato, línguas naturais.

Em se tratando de crianças surdas nascidas em lares de pessoas ouvintes, observa-se que ocorrem algumas questões relacionadas a problemas de comunicação entre os familiares e os filhos, e esse fato acarreta em prejuízo no desenvolvimento da linguagem. Isso também ocorre no caso de os pais serem sujeitos surdos com um bebê nascido ouvinte. Pesquisadores como Cruz; Finger (2013), apontam que esses casos por serem de menor incidência em território nacional, ainda estão sendo pesquisados com mais proximidade para que haja uma maior compreensão de como ocorre a interferência na formação da linguagem nas fases iniciais da vida dessa criança.

Minha experiência enquanto pessoa surda mostra que a Libras, minha língua natural, influenciou de maneira positiva em meu desenvolvimento linguístico para uma melhor compreensão de mundo e formação profissional.

Estudiosos como Vygotsky (1989;1993) e Quadros (1997) propõem que a linguagem é o principal instrumento de desenvolvimento das funções complexas do pensamento humano. Vygotsky (1993, p.44) relata que o crescimento intelectual da

criança depende de seu domínio dos meios sociais do pensamento, isto é, da linguagem. Quando se observa uma criança surda esse processo também acontece, pois é no período da infância que ocorrem as transformações no modo e na forma da relação central da linguagem, criando novas formas de comunicação e organização de pensamento que são estimuladas pela própria linguagem.

No caso das crianças ouvintes de pais surdos, a aquisição da linguagem e da sua língua de sinais acontece de forma natural, considerando se o ambiente linguístico ao qual está exposta é saudável para que essa aprendizagem se desenvolva, não havendo barreiras de comunicação, porém, caso exista alguma deficiência de linguagem a interação entre os pais e filhos será afetada de maneira significativa, mesmo que a aprendizagem da linguagem ocorra naturalmente na maioria das vezes, e influenciados pela interação e influência daqueles que são responsáveis pelo seu desenvolvimento.

Toda essa discussão levou-me a uma proposta a respeito de como ocorre a aquisição linguística da criança CODA. Contudo, antes, faz-se necessário contextualizar os caminhos teóricos e metodológicos desta pesquisa.

1.2 Caminhos teórico-metodológicos

Para desenvolver esta pesquisa, que resultou nesta Dissertação de Mestrado, indispensável se faz definir a sua trajetória teórico-metodológica. Uma metodologia de pesquisa designa um caminho a percorrer, uma perspectiva, um como fazer. Esse caminhar é um processo de investigação que está embasado em uma concepção teórica. Sob o ponto de vista de Meyer e Paraíso (2012, p. 16), a metodologia é compreendida como “um certo modo de perguntar, de interrogar, de formular questões e de construir problemas de pesquisa que é articulado a um conjunto de procedimentos de coleta de informações”.

As autoras afirmam que “o desenho metodológico de uma pesquisa não está (e nem poderia estar) fechado e decidido a priori e que não pode ser ‘replicado’ do mesmo modo, por qualquer pessoa, em qualquer tempo e lugar” (MEYER; PARAÍSO, 2012, p. 20).

O estudo baseou-se na minha inquietação por saber como ocorre a aquisição da linguagem pelos filhos ouvintes de pais surdos fluentes na Libras. Assim, o problema da pesquisa apresenta-se: É possível uma criança CODA tornar-se, naturalmente, bilíngue Libras/Português?

E como objetivos:

Objetivo Geral:

- Analisar o processo de aquisição bilíngue Libras-Português por uma criança CODA, em contexto da Libras como língua materna e frequente estímulo de ensino desta língua, pelos pais surdos.

Objetivos específicos:

- Conhecer o processo de aquisição bilíngue Libras/Português por uma criança CODA, desde o seu nascimento até os cinco anos de idade;
- Apresentar a construção da identidade CODA da criança ouvinte através de duas línguas: A Língua Brasileira de Sinais – Libras, como Língua materna e primeira língua (L1) e a Língua Portuguesa, falada no país, como segunda língua (L2);
- Demonstrar estratégias utilizadas pelos pais para o desenvolvimento bilíngue do filho CODA;
- Compreender o bilinguismo e o biculturalismo, realidades próprias dos CODAs.

Assim, para alcance desses objetivos propostos esta pesquisa, destaca-se pelo seu caráter qualitativo e participante, sendo utilizado como metodologia a história oral bem como o estudo de caso.

Para Marconi e Lakatos (2006, p. 63), a pesquisa qualitativa é importante por “considerar a relação dinâmica entre mundo real e sujeito, sendo o processo o foco principal”. Na abordagem qualitativa de pesquisa, conforme Bogdan e Biklen (apud Triviños, 1987) possui as seguintes características: 1) A pesquisa qualitativa tem o ambiente natural como sua fonte direta de dados e o pesquisador como instrumento-chave; 2) A pesquisa qualitativa é descritiva; 3) Os pesquisadores qualitativos estão preocupados com o processo e não simplesmente com os resultados e o produto; 4) Os

pesquisadores qualitativos tendem a analisar seus dados indutivamente; 5) O significado é a preocupação essencial na abordagem qualitativa.

Os dados obtidos na pesquisa qualitativa são descritivos e não mensurados. A preocupação está no processo, conforme coloca Bogdan e Bikle (apud LUDKE, 1986, p. 13) sobre a pesquisa qualitativa ou naturalística ela envolve a obtenção de dados descritivos, obtidos no contato direto do pesquisador com a situação estudada, enfatiza mais o processo do que o produto e se preocupa em retratar a perspectiva dos participantes. Portanto, a pesquisa ora citada, seguirá a abordagem qualitativa, pois importa mais o processo do que os dados quantitativos, que poderiam ser obtidos durante a sua realização. Em função desses conceitos acredita-se ser a metodologia escolhida ideal para o alcance dos objetivos da pesquisa em questão.

Conforme Severino (2007), na pesquisa participante, o pesquisador, para realizar a observação dos fenômenos, compartilha a vivência dos sujeitos pesquisados, participando, de forma sistemática e permanente, ao longo da pesquisa, das suas atividades. O pesquisador observando as manifestações dos sujeitos e as situações vividas, registra descritivamente todos os elementos observados bem como as análises e considerações que fizer ao longo dessa participação.

Nesta pesquisa, além da autora, atuam como participantes o filho CODA, cujo nome é Gabriel, e o esposo, pai da criança, cujo nome é Heron Rodrigues da Silva.

Gabriel nasceu em 17 de abril de 2011 e teve contato com a Libras e a comunidade ouvinte, desde os primeiros meses de vida.

Heron tem 32 anos de idade, é formado em Educação Física e possui Pós em educação especial na área da Surdez/Libras. Atualmente é acadêmico do Curso de Licenciatura em Letras-Libras pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná-UNIOESTE. Também é professor de Libras na rede estadual de Educação do Paraná e em uma instituição particular, de Ensino Superior.

A história oral constitui-se em um procedimento metodológico que possui como objetivo registrar vivências, lembranças de um indivíduo ou de um grupo que se dispões a compartilhar suas memórias. “ A História oral pode captar a experiência efetiva dos narradores, mas também recolhe destas tradições, mitos, narrativas de ficção, crenças existentes no grupo”. (Pereira de Queiroz, 1988, p.19).

Santos (2000) esclarece que:

Não obstante suas limitações, a história oral deve ser entendida como um método capaz de produzir interpretações sobre processos históricos referidos a um passado recente, o qual, muitas vezes, só é dado a conhecer por intermédio de pessoas que participaram ou testemunharam algum tipo de acontecimento. Quando uma pessoa passa a relatar suas lembranças, transmite emoções e vivências que podem e devem ser partilhadas, transformando-as em experiência, para fugirem do esquecimento. (p.3)

Sobre o estudo de caso, Goldenberg (2004) explica que esta ação não é uma técnica específica, mas uma análise holística, a mais completa possível, que considera a unidade social estudada como um todo, seja um indivíduo, uma família, uma instituição ou uma comunidade, com o objetivo de compreendê-los em seus próprios termos. O estudo de caso reúne o maior número de informações detalhadas, por meio de diferentes técnicas de pesquisa.

De acordo com Ludke (1986) o estudo de caso possui características fundamentais, dentre as quais: Os estudos de caso enfatizam a “interpretação em contexto”; Os Estudos de caso procuram representar os diferentes e às vezes conflitantes pontos de vista presentes numa situação social.

Conforme Severino (2007), o caso escolhido para a pesquisa deve ser significativo e bem representativo, de modo a ser apto a fundamentar uma generalização para situações análogas, autorizando interferências. Os dados coletados devem ser coletados e registrados com o necessário rigor e seguindo todos os procedimentos da pesquisa de campo.

A pesquisa qualitativa que investigou o processo de aquisição bilíngue de uma criança CODA, por meio da participação da autora – mãe surda – esposo e filho, consta também de registros fotográficos da criança CODA, realizando os seus primeiros sinais e o seu processo de aquisição bilíngue Libras/Português, durante os seus primeiros cinco anos de vida.

A captura dos registros foi realizada de 2011 a 2016. Todas as imagens foram realizadas por mim, pesquisadora/participante em diversos momentos e situações.

2 O INÍCIO DA AQUISIÇÃO BILÍNGUE PELO CODA

2.1. Os primeiros contatos do CODA com a Libras

O bebê nasceu no dia 17 de abril de 2011. Já nos primeiros dias de vida, nós, pais surdos, nos preocupamos em usar somente a Língua de Sinais para nos comunicarmos com ele. Assim, começamos a estimular o bebê ao contato visual, frente a frente, porque queríamos que o nosso filho aprendesse o contato pelos olhos, que prestasse atenção à nossa forma de comunicação e também se acostumassem a olhar e a interagir conosco somente através do uso de sinais. O aspecto visual é uma das principais características na formação da identidade e cultura do “ser” surdo.

Assim, era muito importante fortalecer esse aspecto na criança, para que ela, desde os primeiros dias de vida, aprendesse a entender o mundo e a se comunicar conosco também pela visão, considerando que o seu contato no seio familiar aconteceria de forma viso espacial com um forte apelo visual a ser proporcionado pelos genitores e pela comunidade surda à qual pertencem.

No decorrer das situações que se apresentavam, fui percebendo que a atenção do olhar e o interesse do bebê voltava-se continuamente e de forma mais intensa para as minhas mãos e a partir daí, todo e qualquer movimento das minhas mãos ele atendia com o olhar, prontamente. Desta forma, optei por sinalizar mais frequentemente em sua frente para chamar mais e mais a sua atenção, estabelecendo uma ligação visual e proporcionando a aquisição da Libras pelo meu filho ouvinte.

Conforme os dias se passavam, eu percebia que a aprendizagem da Libras acontecia de forma intensa e efetiva, nosso bebê estava se alfabetizando em língua de sinais e os professores eram os próprios pais. Todos os dias novos sinais se apresentavam diante dos olhos do nosso filho e percebíamos que seus olhos brilhavam a cada sinalização. Estimulávamos frequentemente o nosso filho CODA, que aprendeu rapidamente a forma singular e extraordinária de comunicação que seus pais surdos empreendiam.

A estratégia escolhida para desenvolver e ampliar o seu vocabulário foi por meio de frases curtas, inseridas e necessárias no cotidiano.

Para melhor explicitar essa estratégia, insiro algumas figuras que foram os primeiros sinais apresentados ao meu filho como forma de proporcionar a sua aprendizagem:

Figura 1: Sinalização do sinal de Gabriel não oficial



Na figura 1 sinalizo a letra “G”, na datilologia², que indica o seu nome, sendo um dos primeiros sinais apresentados ao meu filho, que configura o primeiro sinal de Gabriel. Porém não foi o sinal oficial, pois, eu e meu marido optamos em aguardar seu crescimento com o objetivo de melhor perceber seus traços, para então dar característica ao seu sinal. Essa é uma prática comum da comunidade surda: para batizar alguém com um sinal, precisamos observar os seus traços.

Após sete meses de idade Gabriel foi batizado na Libras pelo seu pai, ou seja, recebeu o sinal oficial, o qual está representado, figura 2. Esse sinal representará para sempre o seu nome, dentro da comunidade surda.

² Datilologia é um recurso utilizado por falantes da língua de sinais. Não é uma língua, e sim um código de representação das letras alfabéticas. (GESSER, 2009, p.28)

Figura 2: Sinalização do sinal oficial do Gabriel



As figuras a seguir (Figura 3 até 15) ilustram alguns sinais utilizados no dia a dia da comunicação em família, que foram ensinados para o CODA logo nos primeiros meses de vida.

Saudações e Cumprimentos: figura 3, “Oi”, figura 4, “Bom dia”, figura 5, “Boa tarde”, e na figura 6, “Boa noite”.

Figura 3: Sinalizando a palavra “Oi”



Figura 4: Sinalizando a expressão “Bom dia”



Figura 5: Sinalizando a expressão “Boa tarde”



Figura 6: Sinalizando a expressão “Boa noite”



Algumas ações do cotidiano são sinalizadas nas figuras 7, “tomar banho”, figura 8, “mamar”, figura 9 “mau cheiro”, figura 10, “dormir”, figura 11, “mamãe está aqui”,

figura 12 “mamãe ama você”, figura 13, “papai chegou”, figura 15 “O que aconteceu?”, figura 16 “Por que está chorando?”. Na figura 14 está sendo sinalizado a palavra “vovó”.

Figura 7: Sinalizando a ação “Tomar banho”



Figura 8: Sinalizando a ação “Mamar”



Figura 9: Sinalizando a ação “Mau cheiro”



Figura 10: Sinalizando a ação “Dormir”



Figura 11: Sinalizando a ação “Mamãe está aqui”

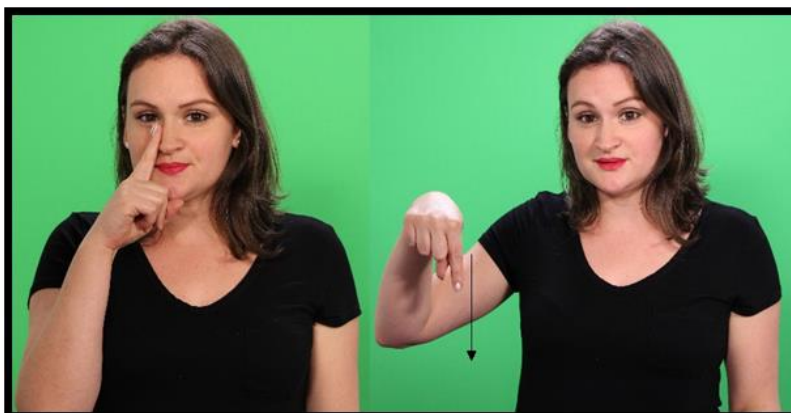


Figura 12: Sinalizando a ação “Mamãe ama você”



Figura 13: Sinalizando a ação “Papai chegou”



Figura 14: Sinalizando a palavra “Vovó”



Figura 15: Sinalizando a ação “O que aconteceu?”



Figura 16: Sinalizando a ação “Por que está chorando?”



Porém, mesmo com todos os estímulos empreendidos no dia a dia para o desenvolvimento do contato visual, o bebê era ouvinte e estava cercado de vários sons: o barulho da TV ligada, das pessoas que falavam ao redor, dos pássaros cantando, dos carros que passavam na rua. Não tinha como evitar o estímulo auditivo que também era natural, ao redor do meu filho ouvinte, e isso por vezes me deixava apreensiva de como seria o seu desenvolvimento e a sua forma de ver o mundo, através dos sinais e dos sons.

Assim, mesmo sabendo que meu filho era ouvinte, pensei em torná-lo o mais próximo possível da cultura surda da família, a cultura visual, e comecei a treiná-lo para que se tornasse mais e mais visual e menos ouvinte, o que facilitaria a nossa comunicação e o seu desenvolvimento no contexto da surdez.

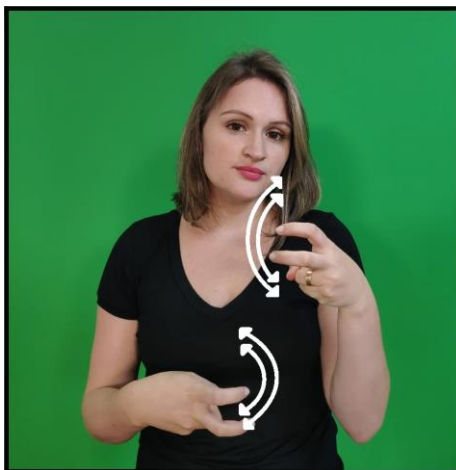
Assim, aos três anos de idade, o CODA já apresentou uma forte reação a esse treinamento, como relato a seguir.

2.1.1 O CODA demonstra identidade visual

Certa manhã, eu e Gabriel estávamos assistindo a um programa infantil na TV “Dora Aventureira” quando na tela apareceu o Bicho-Preguiça. O CODA estava com 3 anos de idade e ele não sabia o sinal desse animal. Então eu lhe ensinei o sinal de

Bicho-Preguiça na Libras, que é formado com a configuração de mão³ (CM 5), conforme figura 17.

Figura 17: Sinal BICHO PREGUIÇA (CM “5’)



Porém, ele percebeu algo estranho e logo representou em sua expressão facial⁴ a dúvida. Meu Filho me disse:

-Você sinalizou errado.

Então lhe perguntei: Por quê?

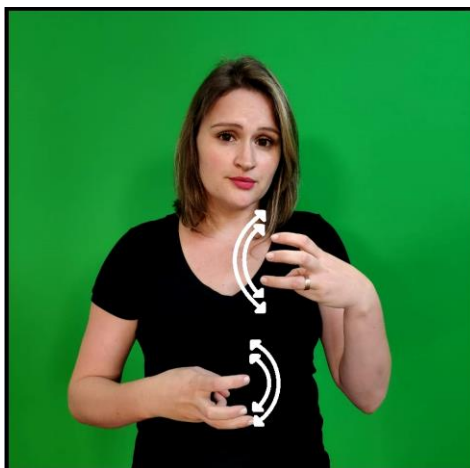
Logo ele respondeu.

- Porque o Bicho-Preguiça tem três dedos, portanto a configuração de mão deve ser com “com três dedos”, mostrando a CM que representava os dedos do animal, conforme ilustra a figura 18.

³ Configuração de mãos: Diz respeito à forma da mão na configuração dos sinais. (GESSER, 2009, p.17)

⁴ “Nas línguas de sinais, as expressões faciais (movimentos de cabeça, olhos, boca, sobrancelha etc.) são elementos gramaticais que compõem a estrutura da língua; por exemplo, na marcação de formas sintáticas e atuação como componente lexical”. (GESSER, 2009, P.18)

Figura 18: Sinal BICHO-PREGUIÇA (CM '3')



Eu fiquei muito admirada com o poder de observação visual de meu filho ouvinte, assim como a sua inteligência e percepção. Eu, mesma, como pessoa surda, não havia percebido tal diferença. Também a comunidade surda não havia percebido, já que no dicionário de Libras o animal está representado usando a CM com dois dedos, conforme figura 19. Interessante a forma como meu filho, uma criança ouvinte, filho de pais surdos, CODA, conseguiu perceber tal diferença e foi capaz de chamar-me a atenção para esse detalhe. Essa foi uma comprovação bem positiva do seu processo de aquisição bilíngue e do desenvolvimento da sua identidade e cultura visual.

Figura 19: Sinal BICHO-PREGUIÇA no Dicionário de Libras



Assim, conforme os primeiros dados relatados sobre o início da aquisição bilíngue do CODA, por meio de estímulos dos pais e o desenvolvimento da sua identidade visual, passaremos a seguir a embasar essas questões, segundo autores da

área da surdez.

2.2 Importância da experiência visual

No “mundo surdo” o contato visual é o principal artefato de comunicação, em detrimento à falta de audição. Essa experiência visual ajuda na aquisição da Língua de sinais, bem com a compor a identidade e cultura surda, formando a consciência do indivíduo surdo enquanto ator de sua história.

O desenvolvimento da percepção visual por uma criança CODA deve acontecer por meio de repetições dos sinais. Sendo assim, foi indispensável o treino do olhar direto, frente a frente, aliado a sinais repetidos em diferentes momentos e contextos.

Quando penso na forma como adquiri a minha língua e desenvolvi a sua fluência, assim também como construí a minha experiência de vida, defendo cada vez mais que o processo de evolução da aquisição da língua de sinais deve acontecer por meio da experiência visual, também para a criança CODA. Logo, a relação com seus pais surdos é muito importante, e ainda o convívio e a aproximação com a comunidade surda e seus hábitos peculiares, que irão possibilitar um maior benefício para seu aprendizado.

Para tanto, os pais surdos precisam, desde o berço, influenciar o bebê às experiências visuais. Esse fato é amplamente defendido por autores que vinculam seu pensamento acerca de experiências visuais na substituição à audição.

Perlin e Miranda, autores surdos, salientam que:

Experiência visual significa a utilização da visão, em (substituição total à audição), como meio de comunicação. Desta experiência visual surge a cultura surda representada pela língua de sinais, pelo modo diferente de ser, de se expressar, de conhecer o mundo, de entrar nas artes, no conhecimento científico e acadêmico. [...] (PERLIN e MIRANDA, 2003 apud STROBEL, 2008, p. 39).

A experiência visual para o sujeito surdo representa toda a sua forma de pensar e se impor no mundo, favorecendo sua cultura e identidade, enquanto sujeito capaz de se expressar em uma sociedade majoritariamente ouvinte.

Strobel (2008, p. 38) concorda e diz que o sujeito surdo percebe o mundo através dos seus olhos:

O primeiro artefato⁵ da cultura surda é a experiência visual em que os sujeitos surdos percebem o mundo de maneira diferente, a qual provoca as reflexões de suas subjetividades: De onde viemos? O que somos? E para onde queremos ir? Qual é a nossa identidade?

A cultura surda se apresenta na experiência vivida pelo sujeito que faz uso desse artefato. O campo visual do surdo importa positivamente para seu pensamento e ação social. A atitude dessa habilidade é transferida ao filho ouvinte de pais surdos. Tal aproximação contribui para que todos os envolvidos desenvolvam, ainda mais, a sua capacidade de comunicação visual, favorecendo para a sua relação familiar, considerando que a cultura surda faz com que o sujeito pertença ao mundo de sinais com práticas visuais que diferenciam das utilizadas pelos ouvintes.

A pesquisadora surda Perlin se expressa sobre a importância da experiência visual na formação da cultura surda e afirma que:

A cultura como diferença se constitui numa atividade criadora. Símbolos e práticas jamais conseguidos, jamais aproximados da cultura ouvinte. Ela é disciplinada por uma forma de ação e atuação visual. Já afirmei que ser surdo é pertencer a um mundo de experiência visual e não auditiva. Sugiro a afirmação positiva de que a cultura surda não se mistura à ouvinte. Isso rompe o velho *status* social representado para o surdo: o surdo tem de ser um ouvinte, afirmação que é crescente, porém, oculta socialmente. Rompe igualmente a afirmação de que o surdo seja um usante da cultura ouvinte. A cultura ouvinte no momento existe como constituída de signos essencialmente auditivos. (Perlin, 1998, p. 56).

Em se tratando da surdez vivida em minha casa por mim e meu marido, tornou-se natural que nosso filho se aproximasse da experiência visual de forma espontânea e positiva e fosse se inserindo na cultura surda.

Segundo a autora Karnopp

O input visual é, obviamente, necessário para que o bebê passe para etapas posteriores no desenvolvimento da linguagem. Aspectos como o contato visual entre os interlocutores, isto é o olhar fixo do bebê surdo na face da mãe/pai, o uso de expressões faciais, a atenção que o bebê surdo coloca no meio visual, a produção de um complexo balbúcio manual, de gestos sociais e do 'apontar' são aspectos relevantes para o desenvolvimento linguístico da criança. (KARNOPP, 2004, P.82)

⁵[...] o conceito "artefatos" não se referem apenas a materialismos culturais, mas àquilo que na cultura constitui produções do sujeito que tem seu próprio modo de ser, ver, entender e transformar o mundo. (STROBEL, 2008, P.37)

Todas as etapas do desenvolvimento da linguagem da pessoa surda passam pela experiência visual. Diante disso, nossa inquietação tornou-se ainda maior, se teríamos dificuldades ou não em lidar com a experiência auditiva de meu filho CODA, se ele teria ou não a capacidade visual nativa de seus pais.

Sacks (1998, p. 118) afirma que os sujeitos surdos usuários da língua de sinais mostram-se muito competentes na capacidade visual. Completou afirmando ainda que a pessoa surda “pode desenvolver não apenas a linguagem visual, mas também uma especial sensibilidade e inteligência visual”.

E essa inteligência visual foi igualmente absorvida pelo meu filho, mesmo ele sendo ouvinte. Ele foi desenvolvendo a sua comunicação através de muito contato visual, expressões facial e corporal que eu utilizava, aproveitando, principalmente, os momentos da amamentação.

Eu tinha que lidar com o fato de sua audição e também fazer parte de seu desenvolvimento. Logo, usava a meu favor momentos em que tinha sua total atenção para estimular seu campo visual, considerando sua capacidade de aprendizagem e aquisição de conhecimento.

Segundo Vygotsky (2001),

Todo indivíduo nasce com condições e capacidades para aprender, guardar informações e adquirir conhecimento. O aprendizado passa a fazer parte da vida de um ser humano assim que ele nasce, por meio das interações e mediações. (P.44).

As mediações favorecem a aprendizagem por meio das trocas que o ser humano adquire. Em se tratando da comunidade surda, os conhecimentos são transmitidos por meio da língua de sinais e não pelo canal oral auditivo. Isto justifica a minha atitude junto a meu filho, CODA.

Sobre a identidade surda, Strobel (2008, p. 44) comenta:

A língua de sinais é uma das principais marcas da identidade de um povo surdo, pois é uma das peculiaridades da cultura surda, é uma forma de comunicação que capta as experiências visuais dos sujeitos surdos, sendo que é esta língua que vai levar o surdo a transmitir e proporcionar-lhe a aquisição de conhecimento universal.

É importante que os pais estimulem seus bebês CODAs a perceberem os objetos e/ou as figuras no seu campo visual, para que consigam adquirir o

desenvolvimento cognitivo e visual que para seus pais é natural, sem que haja a necessidade de ensino profundo, apenas o estímulo de forma natural de seus pais e familiares quando o fato principal é o olhar.

A estimulação por parte dos pais é muito importante para que o desenvolvimento do bebê aconteça de forma mais efetiva, assim como a aquisição de sua linguagem aconteça claramente. Dessa maneira, ao observar objetos e figuras em seu campo visual surge uma compreensão cognitiva que é natural das pessoas.

O movimento do olhar que o bebê realiza é algo muito importante para perceber sua linguagem por meio do canal visual, valorizando muito mais do que os outros sentidos. Outro ponto que deve ser observado é que no momento em que um bebê começa a ser estimulado visualmente praticando esse aprendizado, sua coordenação de mãos se torna ainda mais ágil percebendo e alcançando os objetos de forma mais eficaz. Assim acredito que tanto para as crianças CODAs quanto para os bebês surdos, a estimulação e o desenvolvimento visual são fundamentais para a sua evolução linguística e cognitiva. Entretanto, é necessário que os pais tenham conhecimento profundo da língua.

A seguir, através de análises, demonstrarei alguns exemplos dos primeiros passos da aquisição bilíngue pelo CODA e do seu desenvolvimento visual.

2.3 Análise

Para Vygostky (2003), ao nascer e começar o seu desenvolvimento, a criança, com o passar do tempo, começa a adquirir a língua materna⁶ pelo convívio familiar, sendo, portanto, a primeira forma de comunicação dela com o meio em que está inserida.

Por volta de quatro meses, quando chegava à minha casa pessoas ouvintes que falavam com o bebê, ele dava mais atenção às mãos e ao rosto das pessoas do que à sua voz. Isso para nós, pais surdos, foi muito importante e nos motivou a continuar estimulando, frequentemente, o filho CODA para a aprendizagem da sua

⁶ Nesta pesquisa consideraremos que a língua de sinais é a língua natural, materna ou primeira língua (L1) dos Surdos, e a língua portuguesa a segunda língua (L2).

língua materna, que seria a sua L1 – primeira língua. Vygotsky (1989) também afirma que a criança adquire a linguagem na interação com o ambiente e na relação com o outro.

Aos quatro meses, O CODA já entendia os sinais do dia a dia: “Oi”, “Bom dia”, “Boa tarde”, “Boa noite”, assim como alguns sinais de ação, dentre eles: “mamar”, “tomar banho” que, na interação com ele, íamos lhe ensinando.

Assim, como análise dos primeiros dados relatados, posso dizer que foi muito importante estimular o bebê, desde os primeiros dias de vida, ao uso da língua de sinais, a língua materna da família e ao contato visual. Assim, mesmo dentro de um mundo sonoro, o CODA foi, naturalmente, desenvolvendo a língua e assumindo a identidade e cultura visual.

A seguir, no Terceiro Capítulo, apresentaremos fatos da interação dos familiares ouvintes com o novo membro da família, CODA.

3 INTERFERÊNCIA DA PARTE OUVINTE DA FAMÍLIA NA ATENÇÃO DO CODA: COMPETIÇÃO SOM VERSUS IMAGEM

3.1 O CODA se desperta para os sons

Quando que eu tive o meu filho CODA, eu fiquei na casa dos meus pais até o bebê completar três meses e meio, em função dos cuidados para com ele, já que eu era surda e bem inexperiente, pois se tratava do meu primeiro filho.

Os avós maternos e uma tia auxiliavam nos cuidados, pois são ouvintes e dominam bem a Libras. Na casa dos avós sempre havia muito som e barulho, então o bebê começou a mostrar-se curioso com os diversos tipos de sons, e à forma dos ouvintes se comunicarem com ele usando a fala e alguns gestos para chamar-lhe a atenção.

Como eu e meu esposo só usávamos a Libras para nos comunicarmos com o nosso filho, os avós e a tia se preocuparam em estimular a oralidade, a fala do bebê e a sua audição, devido ao medo de, sendo ele ouvinte, ocorrer algum comprometimento no desenvolvimento da sua linguagem oral. Assim, esses membros ouvintes começaram a trabalhar com ele alguns estímulos sonoros a fim de chamar-lhe a atenção. Usavam diversos tipos de vozes, batiam palmas, ligavam sons em brinquedos para bebês. Também cantavam para ele canções de ninar.

Certo dia, eu estava sozinha no quarto com o bebê e comecei a interagir, conversar com ele sinalizando a Libras – conforme sempre fazia. Porém, levei um susto. Meu filho não me deu a menor atenção, virando o seu rostinho para os diversos lugares de onde vinham alguns sons. A partir deste dia e, mais exatamente, quando ele completou três meses, percebi que ele começou a dar mais atenção aos sons que ouvia e à fala das pessoas do que à comunicação com os pais através dos sinais e da visão. Fiquei muito triste e apreensiva e sem saber o que fazer.

Chamei, então, meu marido e expliquei a ele o que aconteceu e foi a partir desse fato que decidimos que, como pais, era mais importante para nós que o nosso filho CODA continuasse firmando a sua atenção à língua de sinais e aprendendo a se comunicar conosco somente através dela. Então, convocamos a família, conversamos e pedimos que eles se comunicassem com o bebê, utilizando o Português falado e a

Libras, juntos – a **Comunicação Bimodal**. Assim, Gabriel começaria adquirindo as duas línguas com suas modalidades distintas, uma língua sinalizada e uma língua falada, o que contribuiria para que ele não se perdesse ou se desinteressasse, totalmente, pela forma de comunicação dos pais surdos.

A família respeitou a nossa decisão e a partir de então só utilizou a Comunicação Bimodal com o bebê. Eu percebia que ele conseguia também prestar muita atenção a essa forma de comunicação que produz, simultaneamente, a fala e os sinais.

A seguir, contextualizaremos a Comunicação Bimodal, como umas das formas de Comunicação existente na história da educação dos surdos.

3.2 As várias formas de comunicação dos surdos

A história da educação dos surdos mostra que houve diversas formas de realizar a comunicação com os surdos. Dentre essas, destacam-se: o oralismo, a comunicação total, o bimodalismo, o bilinguismo e a Língua de Sinais.

O Oralismo é discutido desde a antiguidade. O médico e educador de surdos, suíço, Johann Conrad Amman, no século XVII, já defendia o oralismo, por acreditar que os surdos eram pouco diferentes dos animais, devido à incapacidade de falar. Ele acreditava que “na voz residiria o sopro da vida, o espírito de Deus”. (HONORA,2008)

O método oral possui como principal objetivo desenvolver a fala do surdo. Essa proposta foi defendida em um evento internacional realizado em Milão, no ano de 1880, que marcou a vida dos surdos, chamado de “ II Congresso Mundial de Surdos-Mudos”. A partir desse Congresso, a língua de sinais ficou proibida na educação dos surdos, dando início a uma longa e sofrida trajetória do povo surdo pela defesa do seu direito linguístico, por sua língua natural, a língua de sinais.

Para o oralismo, a linguagem é um código de formas e regras estáveis. A pessoa surda deve aprender a falar por meio da reabilitação da fala em direção à “normalidade” e na escrita sua via de manifestação mais importante.

Goldfeld destaca que:

O Oralismo percebe a surdez como uma deficiência que deve ser minimizada pela estimulação auditiva. Essa estimulação possibilitaria a aprendizagem da

língua portuguesa e levaria a criança surda a integrar-se na comunidade ouvinte e desenvolver uma personalidade como a de um ouvinte. Ou seja, o objetivo do Oralismo é fazer uma reabilitação da criança surda em direção à normalidade. (GOLDFELD, 2002, p. 34).

Até hoje, a discussão sobre a questão se o surdo deve ou não deve falar tem o seu espaço na sociedade, nas famílias, nos ambientes educacionais etc. Porém a questão principal é que nem todos os surdos conseguem falar, dependerá da condição clínica de cada um, o que leva a maioria das comunidades surdas defenderem a Língua de Sinais, como o melhor canal para eles.

Após o método oralista, um outro método chamado 'Comunicação Total' foi utilizado para o ensino dos surdos. A principal meta era usar qualquer estratégia que permitisse a comunicação das pessoas surdas. Este método combinava a língua de sinais, gestos, mímicas, leitura labial, entre outros recursos, com o desenvolvimento da língua oral.

Para Ciccone (1996, p. 06-08),

A Comunicação Total é uma filosofia de trabalho voltada para o atendimento e a educação de pessoas surdas. Não é, tão somente, mais um método na área e seria realmente, um equívoco considerá-la, inicialmente, como tal (...). A Comunicação Total, entretanto, não é uma filosofia educacional que se preocupa com ideais paternalistas. O que ela postula, isto sim, é uma valorização de abordagens alternativas, que possam permitir ao surdo ser alguém, com quem se possa trocar ideias, sentimentos, informações, desde sua mais tenra idade. Condições estas que permitam aos seus familiares (ouvintes, na grande maioria das vezes) e às escolas especializadas, as possibilidades de, verdadeiramente, liberarem as ofertas de chances reais para um seu desenvolvimento harmônico. Condições, portanto, para que lhe sejam franqueadas mais justas oportunidades, de modo que possa ele, por si mesmo lutar em busca de espaços sociais a que, inquestionavelmente, tem direito.

A Comunicação Total não surtiu o resultado satisfatório, visto que a sua abordagem defendia o uso simultâneo das duas línguas: a fala e os sinais (bimodalismo).

Por vez, as Práticas Bimodais tratam de práticas de comunicação em que estão envolvidas duas modalidades, fala e sinais, usadas concomitantemente. Também podem incluir outros recursos. O bimodalismo ou português sinalizado consiste no uso simultâneo de sinais e da fala, obedecendo à estrutura da língua oral.

Essa forma de comunicação surgiu na década de 70, como um dos métodos da Comunicação Total. Esta, que na expectativa de acabar com o oralismo, defendia todos os meios que pudessem facilitar a comunicação entre ouvintes e surdos.

Hoje, a maioria dos autores da área de surdez mostra-se contrário ao uso da comunicação bimodal.

Para Gorski e Freitag (2010),

O uso simultâneo entre as duas línguas (línguas falada e português sinalizado), apesar de proposto pela comunicação total, não tem respaldo teórico. Na verdade, tal conciliação nunca foi e nem poderia ser possível, devido à natureza extremamente distinta das duas línguas em questão. Sendo assim, não demorou muito para que a comunicação total cedesse lugar ao bilinguismo. (p.17)

Goes (1994) afirma que:

[...] o uso simultâneo de uma língua oral e uma língua de sinais é impraticável se se quer preservar a estrutura das duas. E chama a atenção para outro indicador da impossibilidade de ajuste fala-sinais: a plena simultaneidade não poderia existir também porque expressões faciais e movimentos da boca, que estão implicados em muitos sinais, são incompatíveis com a articulação oral das palavras a eles correspondentes. (p. 159)

Porém, existe também a concepção de que os CODAs representam um grupo de bilíngues bimodais, pois seus pais usam uma língua sinalizada e moram num país onde se usa uma língua falada. São bilíngues por falar em duas línguas e bimodais por se tratar de línguas de diferentes modalidades, ou seja, no caso do Brasil, a Libras e o Português.

Segundo Petitto (2001, apud Quadros, Lillo-Martin e Chen-Pichler, 2013, p. 381)

As crianças bilíngues são sensíveis ao interlocutor, ou seja, escolhem a língua alvo de acordo com quem está interagindo. No caso específico das crianças bilíngues bimodais, as pesquisas verificaram que o desenvolvimento linguístico é alcançado em cada língua, de forma consistente, assim como observado em crianças bilíngues mono-modais (PETITTO et al., 2001).

Nesse estudo as autoras ainda concluíram que:

(5) não há necessidade de criação de mecanismos específicos para explicar o comportamento de bilíngues bimodais e bilíngues unimodais; (6) a aquisição da linguagem em crianças bilíngues bimodais acontece por meio das duas línguas de forma análoga a de crianças bilíngues unimodais; (7) as diferenças decorrentes do desenvolvimento bilíngue bimodal estão relacionadas com a diferença na modalidade, ou seja, parecem ser exclusivas da interface articulatória-perceptual; (8) bilíngues bimodais com implante coclear com acesso à língua de sinais e à língua falada precocemente apresentam um

desenvolvimento análogo ao observado em crianças bilíngues bimodais; (9) as línguas estão sempre disponíveis aos bilíngues e podem ser acessadas de forma alternada ou simultânea, neste último caso, se forem em modalidades diferentes. (p.387)

A respeito da forma de comunicação, por meio das línguas de sinais, estas se diferenciam das línguas orais por apresentarem modalidade espaço –visual ou visual-motora. Apesar de utilizar esse tipo de canal, são consideradas pela linguística como línguas naturais. Quadros e Karnopp (2004) esclarecem que as línguas de sinais são consideradas pela linguística como um sistema linguístico legítimo “e não como um problema do surdo ou como uma patologia da linguagem”. (p.30)

Foi na década de 60 que o linguista americano, William Stokoe, investigou e comprovou que as línguas de sinais atendiam a todos os critérios linguísticos de uma língua.

Naturalmente que o trabalho de Stokoe (1960) representou o primeiro passo em relação aos estudos das línguas de sinais. Pesquisas posteriores, feitas em grande parte com a língua de sinais americana, mostraram, entre outras coisas, a riqueza de esquemas e combinações possíveis entre os elementos formais que servem para ampliar consideravelmente o vocabulário básico. (QUADROS e KARNOPP, 2004, p.31)

Segundo Ferreira Brito (1995), as línguas de sinais são comparáveis em complexidade e em expressividades às línguas orais, por possuírem regras gramaticais próprias, tendo valor linguístico igual às línguas orais.

A história da educação dos surdos revelou que a língua de sinais originou da comunicação de grupos de surdos, e não por imitação a gestos utilizados por ouvintes. Conforme a Lei de Libras (BRASIL,2002):

Parágrafo único. Entende-se como Língua Brasileira de Sinais - Libras a forma de comunicação e expressão, em que o sistema linguístico de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria, constituem um sistema linguístico de transmissão de ideias e fatos, oriundos de comunidades de pessoas surdas do Brasil.

Assim, mesmo com várias tentativas de adotar métodos para a comunicação dos surdos, os estudos mostram que para essa comunidade, com certeza, a língua de sinais será sempre a mais eficaz.

Honora (2008), relata sobre a importância do método bilíngue. Para a autora “ atualmente, a forma de comunicação mais usada nas escolas que trabalham com

alunos com surdez é o bilinguismo, que usa como língua materna a Língua brasileira de Sinais e como segunda língua, a Língua Portuguesa Escrita, no caso do Brasil”.

Para Dizeu e Caporali,

O bilingüismo possibilita ao surdo adquirir/aprender a língua que faz parte da comunidade surda. O trabalho bilíngüe educacional respeita as particularidades da criança surda, estabelecendo suas capacidades como meio para essa criança realizar seu aprendizado. Esta proposta também oferece o acesso à língua oral e aos conhecimentos sistematizados, priorizando que a educação deve ser construída a partir de uma primeira língua, a de sinais, para em seguida ocorrer a aquisição da segunda língua, o português (oral e/ou escrito). (DIZEU e CAPORALI, 2005, p.591)

Nesse viés, vale a pena ressaltar que há vários anos, no Brasil, uma das maiores lutas da comunidade surda é pela escola bilíngüe, o que vem ao encontro do Decreto de Libras, que garante o serviço educacional especializado, aos educandos surdos.

Art. 22. As instituições federais de ensino responsáveis pela educação básica devem garantir a inclusão de alunos surdos ou com deficiência auditiva, por meio da organização de:

I - escolas e classes de educação bilíngüe, abertas a alunos surdos e ouvintes, com professores bilíngües, na educação infantil e nos anos iniciais do ensino fundamental;

II - escolas bilíngües ou escolas comuns da rede regular de ensino, abertas a alunos surdos e ouvintes, para os anos finais do ensino fundamental, ensino médio ou educação profissional, com docentes das diferentes áreas do conhecimento, cientes da singularidade lingüística dos alunos surdos, bem como com a presença de tradutores e intérpretes de Libras - Língua Portuguesa.

§ 1º São denominadas escolas ou classes de educação bilíngüe aquelas em que a Libras e a modalidade escrita da Língua Portuguesa sejam línguas de instrução utilizadas no desenvolvimento de todo o processo educativo. (BRASIL, 2005)

Com base no que foi acima exposto, sobre algumas das formas de comunicação dos surdos, na história, apresentamos a seguir o resultado do uso da Comunicação Bimodal pelos ouvintes da família com o novo membro da família, CODA.

3.3 Análise

Assim, a partir do momento em que pedimos aos avós maternos e a tia que auxiliavam nos primeiros cuidados com o CODA, para usarem somente a comunicação bimodal, para que o bebê não viesse a se desconectar da forma de comunicação dos pais surdos, notamos que o bebê voltou a dar atenção às mãos e aos sinais. O que confirmou as teorias de Petitto (2001, apud Quadros, Lillo-Martin e Chen-Pichler, 2013, p. 381) de que "As crianças bilíngues são sensíveis ao interlocutor, ou seja, escolhem a língua alvo de acordo com quem está interagindo". O bebê começou a conhecer bem os avós e a tia e a interagir feliz com eles, por meio da comunicação bimodal, sem nenhum estranhamento e continuando a adquirir a Libras na interação com os pais.

Na sequência, apresento mais uma experiência em que o bebê ouvinte dá mais atenção a estímulo audível, no caso, ao meio de comunicação, a televisão.

4 A ATENÇÃO DO CODA A ESTÍMULOS AUDÍVEIS

4.1 A atenção do CODA se volta para os sons e imagens da televisão

Certa vez, quando Gabriel tinha aproximadamente quatro meses, eu e sua tia conversávamos e sinalizávamos sobre vários assuntos do dia a dia, e eu observava que o bebê fixava o olhar para nossas mãos; na verdade parecia que ele estava compreendendo o que estávamos falando. Era grande o seu interesse e atenção. Porém, quando resolvi ligar a televisão, percebi que ele ouviu o som e virou imediatamente a cabeça procurando de onde vinha. Buscou até conseguir ver que o barulho vinha da televisão. Logo, começou a assistir, pois na televisão havia, além do som, as cores e os movimentos que também chamavam a sua atenção. A partir desse dia, já pude perceber que para o bebê CODA, haveria uma competição da sua atenção entre os sinais e os sons com imagens.

Com base neste episódio, mostrarei a seguir a discussão de alguns autores sobre a atenção no desenvolvimento da criança.

4.2 A atenção no desenvolvimento humano

Para Vygotsky (1998), a atenção constitui-se na direção da consciência, o estado de concentração da atividade mental sobre determinado objeto. O pesquisador ainda afirma que a atenção faz parte das funções psicológicas superiores, tipicamente humanas, e que o funcionamento dessa se baseia inicialmente em mecanismos neurológicos inatos e involuntários.

A criança começa a dominar a atenção no seu campo visuo-espacial. As suas atividades e o uso de instrumentos são necessários para reorganizar o campo da percepção, que é básico para o desenvolvimento da aprendizagem, pois, a criança é capaz de processar o movimento, de forma natural.

O aspecto mais importante é o uso de instrumentos e a linguagem visual. Isso caracteriza a criança a partir dos seus seis meses de idade e perdura durante toda vida, visto que postula para a criança a independência no campo visual e a prática da inteligência pelos olhos. Para o autor, “o sistema de atividade da criança é determinado

em cada estágio específico, tanto pelo seu grau de desenvolvimento orgânico quanto pelo grau de domínio no uso de instrumentos”. (Vygotsky, 1998).

Conforme Tanaka (2008), a atenção passa por diferentes etapas de desenvolvimento: involuntária, voluntária e flutuante. A atenção voluntária é muito instável, bastando aparecer outro objeto para cessar a manipulação do primeiro objeto; a involuntária está fortemente ligada à primeira infância e a atenção flutuante é a que permite atender de modo simultâneo às várias situações. É um estado artificial da atenção, cultivado pela necessidade do momento.

Oliveira (2003) diz que, quando bebê, estímulos como barulhos mais altos, movimentos de objetos, mudanças no ambiente, um vento forte, uma luz mais intensa, muitas vozes, chamam-lhe atenção de modo involuntário. Esse tipo de atenção permanece conosco, mesmo no nosso desenvolvimento.

Conforme Luria apud Tanaka (2008):

Ao término do primeiro ano de vida e no início do segundo, a nomeação do objeto ou a ordem verbal começa a ter influência orientadora e reguladora; a criança dirige o olhar para o objeto nomeado, distingue-o entre outros ou o procura, caso o objeto não esteja no campo visual. Ainda nessa idade, a influência da fala do adulto, que orienta a atenção da criança, continua muito instável, e a reação é imediata, orientada para o objeto mais nítido, novo ou interessante para a criança. Observa-se isso quando pedimos à criança que pegue um objeto que está a alguma distância dela. Seu olhar se dirige ao objeto, mas se desvia rapidamente para outros objetos mais próximos e a criança estende o braço, não para o objeto mencionado, mas para o estímulo mais próximo ou mais nítido (LURIA, 1979).

As teorias abordadas abrangem o desenvolvimento da atenção por crianças “normais”, ouvintes. Porém, observei que para o CODA, objeto deste estudo, o desenvolvimento da sua atenção também se desenvolveu de forma natural. Como participante de duas culturas, a visual e a ouvinte, ele ia fazendo as suas escolhas e focando a sua atenção, por vezes involuntárias, mediante os estímulos que se tornavam mais atrativas para ele. Muitas vezes eram os sons, como os da televisão que são muito atrativos, mas também, dependendo do nosso esforço, era pela comunicação pelos sinais que ele optava fixar a sua atenção, principalmente nos momentos sozinhos comigo, a sua mãe.

Mediante o exposto, seguimos para uma análise desta fase do CODA no contexto da competição sinais versus sons e imagens.

4.3 Análise

Mesmo que a partir dos quatro meses de idade o bebê CODA começasse a desenvolver mais interesse e atenção aos sons, como os da televisão, deixando de lado o movimento das nossas mãos, nós nunca desistimos de chamar-lhe a atenção e a estimular seu campo visual por meio dos sinais. Acreditávamos que em nossa casa, com o silêncio, ele aprenderia a conviver no mundo sem sons, acostumaria com o silêncio e a perceber que os ouvidos podem ser substituídos pelos olhos. Logo ele sentiria e aos poucos iria conhecer as sensações do ambiente silencioso, de sua casa.

Luria apud Tanaka (2008) considera que:

[...] há fatores determinantes da *direção* da atenção que são determinados pelas estruturas dos estímulos externos e do campo perceptivo interno. A intensidade ou força dos estímulos externos pode causar oscilações do nível de atenção, com dominância do mais forte. O novo, a novidade do estímulo atrai a atenção. A *direção* da atenção é determinada pelo estímulo e a intensidade desses estímulos afeta a aprendizagem. (LURIA, 1979)

E foi assim que aconteceu. Em nosso dia a dia, no seio da nossa família, praticamente não ligávamos a televisão. Eu aproveitava todos os momentos com o bebê chamando a sua atenção de forma lúdica, usando objetos com várias formas e principalmente brinquedos bem coloridos. O CODA foi adaptando-se muito bem ao mundo sem som, mas com forte apelo visual usado pelos pais para a compreensão das coisas que o rodeavam, bem como para o seu desenvolvimento cognitivo. Todavia, como também é ouvinte, em outros ambientes, por exemplo, na casa dos avós, ou em consultórios médicos onde havia a televisão e outros sons, ele, naturalmente, também se despertava para olhar, ouvir e interagir com eles.

5 AS EXPERIÊNCIAS DOS PAIS SURDOS COM FILHO CODA NA SOCIEDADE OUVINTISTA

5.1 A organização do ambiente familiar para o CODA

Após voltar da casa dos avós maternos e terminada a licença maternidade, eu e meu marido começávamos a compreender como seria criar e educar um filho CODA. Concluímos que, embora com toda a ajuda recebida dos familiares e demais amigos ouvintes, essa caminhada seria de nossa inteira responsabilidade.

Para substituir os sons dentro de casa, continuávamos a empregar cores, texturas, figuras e muita informação visual para com o nosso filho. Nos esforçávamos muito para que ele tivesse um aprendizado normal em suas fases de aquisição de sinais, numa convivência natural com o silêncio. Tudo o que fazíamos com o bebê, desde banho, troca de fraldas, comida, até levá-lo ao pediatra, tomar a medicação, tudo lhe era sinalizado, o tempo todo, uma vez que nosso objetivo era que o CODA aprendesse todas as coisas novas em cada etapa da sua vida familiar. Aos poucos o bebê foi se acostumando com a nova condição de vida com os pais surdos e ao silêncio, em sua casa.

O momento em que eu tive de retornar ao trabalho foi um momento preocupante e dificultoso. Não sabia a reação que ele poderia vir a ter. Gabriel, então, precisou assimilar o porquê da minha ausência, por várias horas durante o dia, como também à noite.

Naquele período, meu marido encontrava-se desempregado. Passou a cuidar do bebê, pois aprendeu e bem, a dar banho, trocar a fralda, preparar a mamadeira, colocá-lo para dormir, brincar e outras coisas mais. Ele foi incansável nos cuidados com o filho. Ele sempre sinalizava para o pequeno Gabriel, qualquer atividade/serviço que executava.

Notamos que nosso filho passou a acostumar-se com o silêncio. Às vezes, tinha um som ou outro do lado de fora da casa, na rua, vizinhos ou outro qualquer. Mas aos poucos, a atenção do bebê aos sinais e ao contato visual estava bem mais desenvolvida, assim como a percepção dos sons.

Porém, nesta fase inicial de morarmos sozinhos em nossa casa com o bebê CODA, o que mais nos incomodava eram as preocupações dos ouvintes: parentes, vizinhos e demais colegas, no que se refere aos cuidados com o filho ouvinte. Muitas perguntas eram impostas a nós: sendo surdos, como saberão que o filho estará chorando à noite? Caso fique doente, o que farão? E o médico, que não conhece a libras, como vai se explicar com os pais surdos, na administração dos remédios para com o bebê? Mesmo com toda essa pressão, levamos a nossa vida, naturalmente, aprendendo no dia a dia a lidar com as dificuldades e várias incertezas, como quaisquer pais de primeiro filho. Nós nos esforçávamos ao máximo para melhor atender às suas necessidades. Para o CODA, a convivência com pais surdos era normal, mesmo quando saía de casa e convivia com ouvintes.

Durante a gravidez, eu já tinha uma preocupação de quando o bebê chorar, como saberia. Então, com a tecnologia disponível e um pouco de criatividade, nós apelamos pelo auxílio de um aparelho chamado 'Babá eletrônica Vibradora'. Os pais resolveram então, adquirir dois aparelhos, depois de ter obtido as informações necessárias. Um para o bebê e outro para os pais.

Mas, como utilizamos esses aparelhos durante a noite? Depois de lidas as instruções de uso, um dos aparelhos era colocado na cama, debaixo do travesseiro do pai ou da mãe e outro colocado no chão, no berço, uns trinta centímetros da cabeça do bebê, que estaria dormindo, com o assento da cama virado para cima.

Quando o neném chorava a babá vibrava, transmitindo a informação ao pai ou à mãe de que alguma coisa estaria acontecendo com ele. Como essa comunicação funcionava perfeitamente, os pais passaram a utilizar o método não somente à noite, como também durante o dia e em qualquer lugar/situação, usando a babá dos pais colocada no bolso/bolsa e a outra próxima ao bebê.

Continuamos usando a babá eletrônico até ele completar nove meses de idade. Nesta idade, aconteceu algo inédito e emocionante que marcou a minha vida. Ao amanhecer, acordei preocupada pensando que a babá havia parado de funcionar porque não vibrou. Logo pensei: O que aconteceu com o Gabriel? Então, começa o dia, a mãe havia dormido e, ao lado, no berço, o filho também dormia. Por um instante, eu pensei que o filho estava muito quieto e que não iria mais chorar. Enquanto a mãe

pensava, levantou a cabeça para olhar rapidamente o filho e eis que este estava acordado e olhando para ela, sorridente. Foi uma emoção sem tamanho. Gabriel havia acordado sozinho e estava brincando com o travesseiro, tranquilamente.

Nesse dia percebemos que o CODA entendeu que os pais são surdos e que não adiantava mais chorar. Daí em diante Gabriel passou a acordar sem chorar. Os pais, ao acordarem, tocavam no braço do bebê. Mesmo assim, continuaram com a babá eletrônica até ele completar dois anos de idade, por questão de segurança para com a criança. Às vezes Gabriel batia, ia até à cama dos pais para esses acordarem.

Após completar os dois anos de idade, Gabriel passou a dormir sozinho em seu próprio quarto. Numa dessas noites, ainda de madrugada, Gabriel acordou, saiu da cama e caminhou até o nosso quarto. Nos tocou para nos chamar e nos acordar. Então nós o pegamos e o colocamos para dormir conosco. Às vezes, até os dias de hoje, isso acontece.

Na figura 20, observa-se o modelo de 'babá eletrônica vibradora' utilizada pela família.

Figura 20: Modelo de babá eletrônica vibradora



Figura 21: Demonstração do uso da babá eletrônica com sinal luminoso



Veja, abaixo, um pequeno relato de uma mãe surda sobre o auxílio da babá eletrônica, no cuidado de seu filho ouvinte:

[...] ele estava chorando com o auxílio de um aparelho chamado “babá eletrônica”. O microfone ficava acima do berço e o sinalizador luminoso, ligado por um longo fio, ia comigo para todos os lugares. Enquanto estava na cozinha fazendo meus afazeres, ficava de olho na lâmpada para saber se está piscando. Sem problemas! (STRNADOVÁ,2000, p. 139).

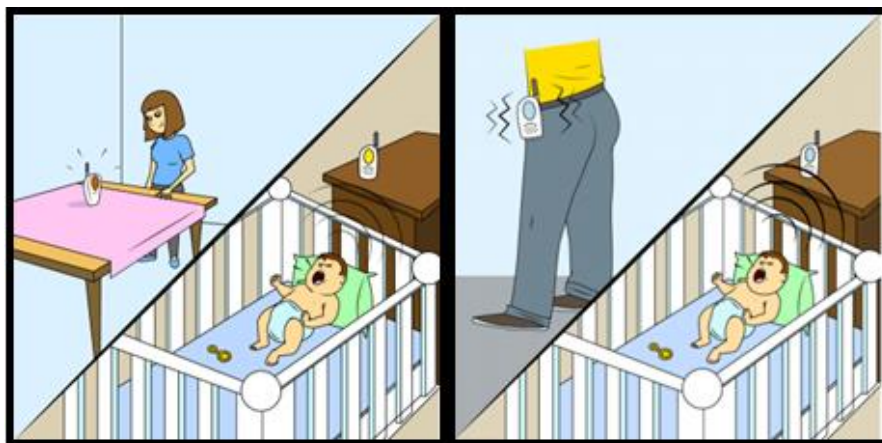
Algumas mães surdas, no entanto, sem condições de adquirir um desses aparelhos auxiliares, na comunicação de seu filho ouvinte, sofrem em demasia, pois amam seus filhos e não sabem o que fazer para dar-lhes a atenção devida.

Veja, abaixo, um relato de uma dessas mães:

[...] então dormíamos nós três na mesma cama, e sempre que a nossa filha se mexia, a gente acordava, mas o pai ficou com medo de machucá-la e decidimos que eu ou ele iria dormir na rede. Qualquer movimento da nossa filha, eu acordava, olhava e dormia de novo, de madrugada do mesmo jeito, ela chorava, eu a colocava pra mamar, e está sendo assim até hoje, ela está com cinco meses de idade. (Disponível em: <<http://www.prac.ufpb.br/enex/trabalhos/7CEARDEEPROBEX2013489.pdf>> Acesso em: dez de 16.)

Na figura 22, está demonstrado duas formas diferentes de uso auxiliar das ‘babás vibratória e luminosa’, numa mesma situação, sendo possível deixar o aparelho sobre algum móvel ou junto ao corpo da pessoa surda.

Figura 22: Babá eletrônica com sinal luminoso x babá eletrônica vibratória



Hoje, com novas tecnologias, existe também a ‘babá com câmera’, que consiste em visualizar o bebê, conforme figura 23. Com esse tipo de ‘babá com câmera’, ficou mais fácil lidar com o bebê, uma vez que é possível olhar para o rosto do bebê, ver o que ele está fazendo: se está dormindo, sorrindo, brincando, etc.

Figura 23: Babá eletrônica com câmera



5.2 A imagem da sociedade ouvintista sobre o povo surdo

A sociedade ouvinte, ao longo da história, tem como ponto de vista de que o povo surdo é incapaz, são deficientes, anormais, que a surdez é uma doença, pois os

surdos não sabem falar. Consideram que o povo surdo é homogêneo em suas limitações e dificuldades individuais, os veem como “coitados”, negatizando sua cultura, por desconhecerem suas particularidades.

Neste aspecto, Strobel (2008) esclarece que:

Estes questionamentos ocorrem porque as pessoas não conhecem e não sabem como é o mundo dos surdos e fazem suposições errôneas acerca de povo surdo. Quando a palavra “surdo” é mencionada, que imagens vêm a mente das pessoas? Lane (1992, p. 26) explica que é comum as pessoas deduzirem que os surdos vivem isolados e que para se integrar é preciso adquirir a cultura ouvinte, isto é, para viver “normal”, [...]. Os sujeitos ouvintes vêem os sujeitos surdos com curiosidade e, às vezes, zombam por eles serem diferentes. Wrigley (1996, p.71) explica que a política ouvintista prevaleceu historicamente dentro do modelo clínico e demonstra as táticas de atitude reparadora e corretiva da surdez, considerando-a como defeito e doença, sendo necessário de tratamentos para “normalizá-la”.

Muitos ouvintes acreditam, erroneamente, que os sujeitos surdos têm a cultura ouvinte, bem como o modelo de identidade ouvinte. Isso constitui-se em um equívoco, por não conhecerem a cultura surda, visto ser bem diferentes as culturas, uma da outra. Skliar (1998, p. 29) esclarece que “a surdez ainda pode ser vista socialmente como um problema, um desvio, uma anomalia, o espaço limitado onde se produzem atividades irrelevantes”.

Para corroborar com o assunto em pauta, Streiechen e Krause-Lemke (2013), afirmam que:

Muitas pessoas demonstram curiosidade em entender como ocorre a relação da mãe (surda) com seus filhos (ouvintes). As dúvidas e os mitos são muitos. As principais questões que deixam inquietação nas pessoas são: será que a mãe surda saberá cuidar de seu filho (ouvintes)? Como ela saberá quando o bebê está chorando? E quando o filho fica doente, como ele vai explicar sua dor à mãe? E como ela explicará ao médico? Como ele aprenderá a falar? Este último é o principal questionamento entre as pessoas.

A princípio, os CODAs, veem a situação de forma muito natural. Eles não têm noção de “diferença” e acreditam que todas as mães devem ser como a delas. A partir do contato com outras crianças e suas mães: vizinhos, escola, festas vão descobrindo essa diferença linguística. Sabem, apenas, que precisam usar outro tipo de comunicação com a mãe, mas não conhecem as causas, ou seja, não associam a diferença linguística com a surdez (STREIECHEN E KRAUSE-LEMKE, 2013, p. 4).

A grande maioria das pessoas ouvintes tem dúvidas em relação a: 1) Quem ensina a criança CODA a falar? 2) Como esta aprende o Português e como se dá a

alfabetização? 3) E os pais surdos que não sabem falar e não sabem ler pela falta de audição?

As pessoas ouvintes tem uma preocupação com o filho CODA, pois pensam que ele adquire a linguagem tardiamente e que a culpa e responsabilidade são dos pais que fazem uso de uma língua inútil. No entanto, Streiechen e Krause-Lemke (2013, p.5) esclarecem, afirmando que “Há um mito por parte de algumas pessoas de que os CODAs, por terem pais surdos, podem adquirir tardiamente sua linguagem. Essa crença existe pelo fato das pessoas acreditarem que as crianças aprendem a falar, exclusivamente, com a mãe”.

Encontrei um vídeo no “Youtube”, que trata de um caso em que uma filha CODA sinalizou e narrou sobre seus pais surdos, que corrobora com o contexto. Para melhor entendimento, traduzi o vídeo, conforme segue abaixo:

“Oi, tudo bem?”

Eu explicarei sobre a minha família, meu pai é esse sinal (sinalização do sinal) e a minha mãe é esse sinal (sinalização do sinal). Eles começaram o namoro após se conhecer na escola, há oito anos. Casaram-se e não tiveram filhos. Há cinco anos minha mãe engravidou e tiveram dois filhos, a primeira sou eu, uma menina e esse é meu sinal (sinalização do sinal) e segundo meu irmão esse sinal (sinalização do sinal).

As pessoas me perguntam “Porque eles são surdos? Como ficaram surdos?”.

Eu respondi: sim, eles são surdos e têm filhos ouvintes. Eu conheço muitos surdos que são casados e têm filhos ouvintes, é normal, nos comunicamos bem. Eu gosto de surdos, meus pais são surdos e eu gosto de sinalizar com eles.

Eu gosto, nossa família é normal e temos carro, casa, meus pais trabalham normalmente.

Mas as pessoas e a sociedade em geral pensam que isso é estranho, não acreditam que podemos viver bem assim, acreditam que temos muitas dificuldades e não conhecem nosso modo de viver. Eles falam: Como fazem para aconselhar os filhos?

Sempre me ensinaram a língua de sinais L1 e segunda a língua de português L2. [...]”.

Uma mãe surda também postou nas redes sociais um desabafo emocionante. Ela estava com muita raiva e escreveu no mural dela colocando também as *emotions* (imagem) “*se sentindo com raiva*”, pela filha surda:

Hoje já faz um dia que sabemos que a Fiore é surda, pois ela fez exame ontem. Então, quando entramos aqui no apartamento, vizinha nos perguntou se ela é surda ou ouvinte (foi coincidência que vizinha estava na clínica também, por isso ficou sabendo que Fiore ia fazer exame), nos sorrimos e respondemos: “ela é como nos, é surda!”. Ela mudou expressão e falou: “ah que pena”. Aff não

entendemos porque que ficou com pena, ela sabe que somos professores e fazemos doutorado. E ainda sente pena gente?! (Facebook, abril de 2015).

Infelizmente, há muitas coisas que o sujeito ouvinte mostra de forma negativa em relação ao surdo. Isso ocorre devido à falta de conhecimento do mundo surdo, pelo ouvinte. No caso em questão, os pais surdos são professores universitários e fazem doutorado; a ouvinte ficou sem reação.

Por sua vez, as crianças CODAs e/ou surdas têm muita capacidade e são bastante inteligentes, já que desenvolvem com rapidez tanto a língua materna dos pais ouvintes quanto a língua de sinais.

5.3 Análise

Apesar de todas as dúvidas vindo de pessoas ouvintes sobre como nós, pais surdos, poderíamos dar conta de cuidar de uma criança ouvinte, com o passar do tempo, vendo o desenvolvimento natural da criança e a nossa organização familiar, as pessoas ouvintes tornaram-se mais tranquilas e até surpresas, pois o nosso filho CODA começou a chamar a atenção, por se mostrar saudável, tranquilo e fluente em Libras/Português, com condições de se comunicar tanto com a comunidade ouvinte quanto com a comunidade surda. Com organização e estratégias próprias, fomos atravessando todas as dificuldades, conseguindo atendê-lo quando chorava à noite, quando tinha alguma dor ou febre, em suas necessidades no dia a dia, porém, com algumas limitações como qualquer família “normal”.

A CODA Ronice Muller de Quadros afirma que:

CODAs estão, permanentemente, vivendo entre fronteiras da língua, do idioma e da cultura. Suas sensações e experiências com o corpo das línguas orais e visuais remetem para o caráter tenso de ter que suportar o peso da idiomaticidade de duas línguas que são irredutíveis uma à outra e de dois mundos culturais que apresentam uma forte assimetria em suas relações de poder. Se determinadas situações fazem sentido dentro de apenas determinadas línguas e culturas, como lidar com elas durante a travessia de sentidos sem banalizar ou querer minimizar as diferenças culturais? Como traduzir essas “zonas de contato” que não representam uma visão utópica das línguas como entidades gramaticalmente coerentes e homogêneas gramaticalmente, e compartilhadas de formas similar entre os membros da comunidade? (QUADROS e MASUTTI, 2007, p.248).

Assim, a minha análise é que nós vencemos todo o preconceito e dúvidas que havia por parte da sociedade ouvintista sobre um casal de surdos criar com dignidade um filho. O nosso CODA venceu todo o preconceito que existia e se desenvolveu, naturalmente, assimilando duas línguas, duas culturas, mesmo às vezes enfrentando algumas dificuldades nas mudanças culturais do mundo surdo e ouvinte.

Na sequência das apresentações das fases do desenvolvimento e aquisição bilíngue Libras/Português pelo CODA, relatarei uns dos momentos mais felizes, como pais: a realização do primeiro sinal.

6 A REALIZAÇÃO DO PRIMEIRO SINAL

6.1 O CODA balbucia em Libras

Gabriel estava com sete meses de idade. Amanhece um pouco adoentado, com sintomas febris. Levamos ao médico que, depois de consultá-lo, nos informou que era uma pequena virose, porém, sem maiores complicações. Receitou-nos alguns medicamentos, que adquirimos na farmácia mais próxima.

Passei o dia com Gabriel no colo, acalentando-o. Quando, pelas tantas, passei a criança para o colo do pai para pegar umas fraldas, de repente ela se virou para mim e começou a chorar. Assim que eu me virei para ele, percebi que ele me havia feito, pela primeira vez, o sinal de 'M-A-M-Ã-E', bem na minha frente. Gabriel me chamou, fazendo o sinal com a mão, apontando seu indicador no meio do nariz. Não fez o sinal totalmente correto, pois o indicador é apontado para o lado do nariz, mas eu entendi. Para mim e meu marido, foi a maior emoção do dia, o nosso filho sinalizando pela primeira vez. Realmente foi um momento inesquecível. Lembro-me que peguei o Gabriel no colo, abracei-o fortemente, com lágrimas de alegria, pois pela primeira vez estava ele me sinalizando 'M-A-M-Ã-E'.

Na figura 24, pode-se observar o exemplo do primeiro sinal feito por Gabriel

Figura 24: Gabriel sinalizando "M-A-M-Ã-E"



Figura 25: Sinal correto de “M-A-M-Ã-E”



Assim como o sinal de ‘M-A-M-Ã-E’, o CODA começou a balbuciar outros sinais, porém, com as mãos, imitando os pais sinalizadores. É claro que, como era um balbucio apenas, ele não conseguia fazer os sinais corretamente, mas, mesmo assim, eu entendia a sua comunicação e percebia que ele se esforçava para conversar em sinais.

Os sinais de ‘SIM’ e ‘NÃO’ Gabriel também fazia, movimentando a cabeça, ao responder às perguntas como: Quer comer? Vamos tomar banho? Agora vamos dormir? E várias outras vezes, apenas sinalizava com a cabeça. Às vezes ele se contrariava respondendo SIM com um sorriso, mas com movimento de NÃO.

6.2 Balbucio Manual

Os estudos sobre a pré-linguística e o balbucio como aquisição da linguagem para bebês surdos e ouvintes são similares na língua natural – materna – tanto pela fala quanto pelo sinal. As diversas pesquisas de estudos da surdez, tais como de Karnopp (1994), Quadros (1997/2011), Petitto e Marentette (1991), dentre outros, apontam para essa afirmativa.

Segundo Petitto (1991), os bebês surdos adquirem a língua de sinais dos pais surdos já nos primeiros meses de vida. Por outro lado, já começam a balbuciar, com as mãos, na idade de seis a doze meses. Afirma ainda, que os bebês ouvintes que têm

“pais surdos que sabem sinalizar, gesticulam de maneira diferente, seguindo um padrão rítmico específico, distinto de outros movimentos com as mãos. É um balbucio, mas com as mãos”.

Petitto e Marentette (1991) realizaram um estudo sobre o balbucio em bebês surdos e ouvintes. Comprovaram que os estágios desde o nascimento até os quatorze meses de idade seguem os mesmos períodos em todos os bebês. Observaram também que o balbucio é um fenômeno que ocorre normalmente, como fruto da capacidade inata para a linguagem. Esse balbucio pode ser tanto oral quanto manual. Analisaram os dados pesquisados quanto à organização sistemática desses períodos e concluíram que os bebês surdos apresentaram possibilidades de usar as duas formas de balbucio manual: “o balbucio silábico e a gesticulação. O balbucio silábico apresenta combinações que fazem parte do sistema fonético das línguas de sinais. Ao contrário, a gesticulação não apresenta organização interna.” (QUADROS, 1997, p.70).

As autoras descreveram que os bebês começam a adquirir a linguagem pré-linguística com determinada idade, não apenas o bebê surdo, mas também o bebê ouvinte.

O período pré linguístico se inicia desde o nascimento até por volta dos 14 meses de idade, período em que surgem os primeiros sinais.

Neste período a criança se comunica através do choro e balbucio. [...], constataram que o balbucio em bebês surdos e ouvintes ocorrem no mesmo período de desenvolvimento. E também observaram que o balbucio oral e manual é um fenômeno que ocorre em todos os bebês, independentemente de serem surdos ou não. (GURJÃO, p. 30, 2013).

O jornal “The Times”, traz a seguinte contribuição ao assunto:

“Assim como os bebês de pais ouvintes começam a balbuciar com cerca de sete meses..., os bebês de pais surdos começam a “balbuciar” com as mãos imitando a língua de sinais dos pais”, mesmo sendo ouvintes. - *Jornal londrino The Times*. (Disponível em:<<http://interpretelibras-libras.blogspot.com.br/2010/07/filhos-de-pais-surdos.html>>. Acesso: set. de 2016).

6.3 Análise

Observei que meu filho CODA começou a adquirir a sua primeira língua já na fase de balbucio, a partir do momento que demonstrou entendimento da Libras, usada

pelos pais. Ao mesmo tempo começou a entender as expressões faciais na nossa interação, se usávamos frases interrogativas, afirmativas, de negação ou exclamação, às quais tentava também responder também com expressões faciais, já que para se comunicar em Libras, deve-se incorporar as expressões faciais, que compõem alguns sinais.

Ao chamar, pela primeira vez, a mãe, balbuciando o sinal de 'M-A-M-Ã-E', o CODA optou pela língua dos pais, não produzindo o chamamento pela fala, mas pelas mãos, balbuciou de forma visual-motora, como entendendo a cultura surda da sua família.

Pizzio, Resende e Quadros (2010) destacam que:

[...] as crianças ouvintes, filhas de pais surdos, apresentam e desenvolvem os dois tipos de balbucio até chegarem a produção das línguas. Usualmente, essas crianças, por terem input nas duas línguas, com seus pais surdos na língua de sinais e com seus parentes e amigos ouvintes na língua portuguesa, crescem bilíngües. (p.19)

A análise mostra, então, que nesta fase, também, o desenvolvimento bilíngue do meu filho CODA ocorria de forma natural, por meio de muito estímulo e esforço dos pais. Ele conseguiu balbuciar em Libras. Esse fato foi muito importante para nós e comprovou que a sua aprendizagem decorria normal na interação com os pais, mesmo vivendo em meio a outras realidades sonoras.

No contexto da surdez, ainda é muito escasso literaturas que ajudem os pais surdos na educação de seus filhos, sendo eles também surdos ou ouvintes. Assim, para a aquisição bilíngue do meu filho, resolvemos criar estratégias próprias, as quais passo a relatar na sequência deste estudo.

7 OS PAIS CRIAM ESTRATÉGIAS PARA APRENDIZAGEM DE LIBRAS PELO CODA

7.1 Os pais estimulam o filho utilizando desenho de animais e sinais

Eu continuava sempre atenta e preocupada sobre qual seria a melhor estratégia para continuar estimulando adequadamente a aquisição da Libras pelo meu filho, à medida que ia crescendo. Procurava em literaturas, na mídia, mas praticamente não encontrava materiais que pudessem me auxiliar. Então eu tive a ideia de recortar figuras de animais e também das cores e colar nas paredes da casa, usando o espaço visual dele, já que Gabriel sempre gostou muito de animais.

Quando ele estava com a idade de um ano, comecei a mostrar-lhe as imagens dos animais e depois sinalizava cada animal em Libras, com seus tipos, características, texturas, cores e tudo que envolvia o animal. Também fiz uso das expressões facial e corporal para facilitar a compreensão dele. Montei diversas frases: Afirmativas, Negativas, Exclamativas e Interrogativas, sempre repetindo e reforçando os sinais dos animais.

Essas atividades foram também desenvolvidas a fim de estabelecer um relacionamento e interação mais forte entre os pais surdos e o filho ouvinte. Depois, brincávamos de forma que os pais sinalizavam e o bebê deveria apontar para a figura correta.

A exemplo, a didática que seguíamos era assim realizada:

1. Sinalizávamos um animal: Ex. 'B-O-R-B-O-L-E-T-A';
2. Pedíamos para o CODA repetir o sinal;
3. Gabriel ia até a parede e apontava onde estava a figura da 'borboleta';
4. Os pais reforçavam o sinal e diziam se o CODA sinalizou 'C-E-R-T-O' ou 'E-R-R-A-D-O'.

Também sinalizávamos, com bastante ênfase, as expressões faciais que compõem os sinais de alguns animais, considerando a sua importância.

A exemplo:

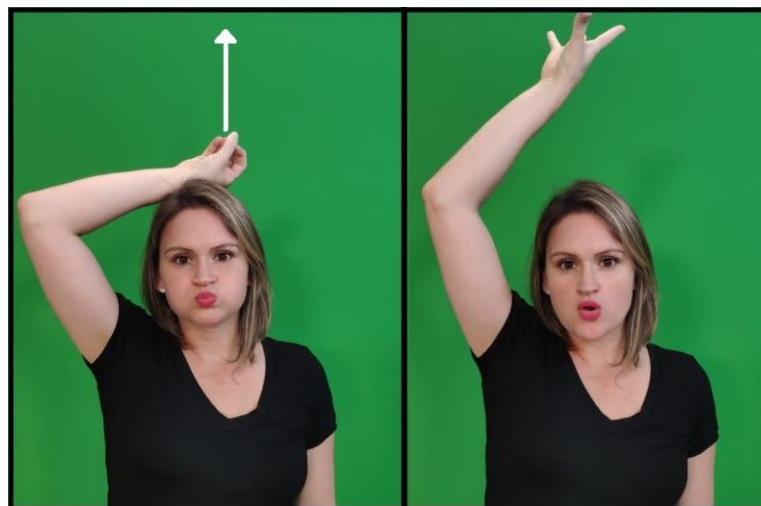
“L-E-Ã-O”: O rosto configura-se em uma expressão de bravo, zangado, conforme figura 26.

“B-A-L-E-I-A”: A bochecha incha e em seguida solta-se o ar, acompanhando a localização e movimentos das mãos, conforme figura 27.

Figura 26: Expressão facial de LEÃO



Figura 27: Expressão facial de BALEIA



A Figura 28 mostra a estratégia utilizada com uma série de animais colados na parede, onde o Gabriel brincava e ia aprendendo os sinais.

Figura 28: Imagens de animais coladas na parede



Gabriel foi adquirindo, assim, o conhecimento real de vários animais, com seus sinais correspondentes. Alguns brinquedos eletrônicos que ele havia ganhado, também lhe proporcionavam o som característico dos animais. O animal que ele conhecia bem e tinha mais intimidade era o cachorro, já que nós tínhamos um, em nossa casa.

Continuei pensando e criando outras estratégias visuais. Em quase todos os espaços da casa, onde ele brincava, como no quarto, no berço, no banheiro (figura 29), etc, colocava adesivos com imagem de bichinhos. Ainda, espalhava animais de pelúcia pela casa (figura 30), brinquedos e livros com bastantes gravuras de animais, como ilustrado na figura 31, com textos escritos em Português.

Figura 29: Adesivos de animais colados na parede do banheiro



Figura 30: Brinquedos do Gabriel



Figura 31: Livros com muitas imagens e textos em Português



Estimulávamos sempre o filho CODA com estratégias e atividades diferentes, para desenvolver assim, o seu processo visual, a atenção e a aprendizagem da língua de sinais.

Continuando a criação de didáticas, colocávamos o brinquedo no chão ou no sofá. Daí fazíamos o sinal de 'S-A-P-O', por exemplo; Gabriel prontamente pegava o bichinho que representava o animal. Percebemos, neste exercício/brincadeira, que ele pegava sempre o animal correto e compreendia perfeitamente o que estava sendo

sinalizado. Porém, o vocabulário que usamos no cotidiano como ‘comer’, ‘banho’, ‘dormir’, ‘mamadeira’ e outros, ele sinalizava pouco.

Na figura 32 mostra o pai sinalizando para Gabriel e interagindo com animais de pelúcia.

Figura 32: Pai sinalizando para Gabriel



Numa noite, muito especial para mim, voltando cansada do trabalho, meu esposo e Gabriel estavam brincando com alguns animais de pelúcia. O meu marido logo me contou que Gabriel conseguiu sinalizar sozinho o nome dos animais. Fiquei desconfiada e muito curiosa para ver. Então me aproximei para observar e, com o celular na mão, gravei a façanha: o pai apontou para o cachorro e, com a cabeça fez o sinal de interrogação. Gabriel respondeu, sinalizando ‘cachorro’ corretamente; o pai lhe fez sinal de ‘certo’. Por sua vez, Gabriel apontou para o sapo e sinalizou ‘sapo’. Novamente o pai lhe sinalizou ‘certo’.

Continuaram sinalizando vários outros objetos/animais, até que o pai sinalizou perguntando: - “ONDE ESTA O COELHO? PEGUE O COELHO”. Gabriel achou o coelho e deu ao pai. E ainda, “ONDE ESTA O CAVALO?” Foi quando Gabriel imitou o cavalo, pulando como faz o animal.

Para aumentar a minha curiosidade e alegria, pedi ao pai para pedir a Gabriel, “ONDE ESTAVA A MAMÃE”. O pai sinalizou perguntando: - ONDE ‘M-A-M-Ã-E’? Gabriel

não sinalizou, apenas olhou para onde eu estava; seus olhos foram muito rápidos para mim. Eu estava filmando e fiquei muito emocionada.

Na figura 33 mostro a interação entre pai e filho, em que o Heron mostra um animal de pelúcia e pede para Gabriel mostrar o sinal correspondente.

Figura 33: Gabriel sinalizando o sinal de “cachorro”



Um fato curioso, nesta fase, foi quando Gabriel estranhou o narigão do palhaço. Daí explicamos para ele o porquê do narigão. Acreditei que ele estivesse entendendo o significado porque ele tocou e mexeu seu próprio nariz, fazendo comparação. Sempre que Gabriel tinha dúvida sobre qualquer objeto ou coisa diferente, nós dávamos explicações para ele.

Um detalhe importante na linguagem de sinais é o uso da expressão facial. Em uma determinada ocasião, sinalizei para o filho ‘L-E-Ã-O’, com uma expressão facial de ‘bravo’. Gabriel assustou-se, olhando para o rosto da mãe que estava brava; não entendeu. Percebendo que ele havia estranhado e ficado com medo, expliquei a ele o significado da expressão, que fazia parte do sinal, pela característica do animal. Gabriel não respondeu, somente ficou com expressão de dúvida. Então, expliquei sobre as características do Leão, mas, na verdade, para ele ainda ficou confuso.

7.2 O gesto de apontar no processo de aquisição da linguagem

Desde o seu nascimento, as crianças interagem com o meio ambiente e com as pessoas que as cercam. Dentre as formas de interagir e expressar os seus desejos estão o gesto de apontar.

Para Vygotsky (2003), o gesto de apontar é a origem de comportamentos e representações simbólicas, uma chave para entender os homens e a evolução das suas capacidades linguais e culturais. O autor indica fases do gesto de apontar. Para ele:

(a) Na primeira fase, trata-se de um simples movimento espontâneo da criança orientado a um determinado objeto que ela não consegue alcançar. Inicialmente, o bebê de 6-7 meses tenta pegar com a mão um objeto, um chocalho, por exemplo, fora do seu alcance. Estica a mão rumo ao chocalho, fazendo no ar um movimento de pegar, sem conseguir tocá-lo. Do ponto de vista do bebê, este é um gesto dirigido ao chocalho, uma relação externa entre ele e o brinquedo, uma tentativa mal sucedida de alcançar este objeto.

(b) Na segunda fase, o outro, neste caso a mãe, interpreta esse movimento atribuindo-lhe um significado (indicador do desejo da criança). Assim ocorre uma transformação na situação. Observando a tentativa da criança de pegar o chocalho para si, a mãe estará interpretando aquele movimento malsucedido de pegar um objeto como tendo o significado: "Eu quero aquele chocalho". Isto converte o movimento em gesto ou sinal para o outro, embora este mesmo gesto ainda não seja um sinal para a criança. É por causa da interpretação do outro que a criança chega ao resultado desejado, não mais de forma direta, mas pela mediação do outro.

(c) Por fim, na terceira fase, a criança capta, numa experiência pessoal, o significado que o seu movimento tem para o outro, convertendo-o, assim, em signo para ela. Dessa maneira, quando desejar de novo o objeto, em vez de dirigir-se ao objeto, a criança se dirige ao outro, com os olhos, por exemplo, e realiza o gesto indicador do objeto, mas gesto visível para o outro porque ao outro dirigido, como mediador entre ela e o objeto. Ao longo de várias experiências semelhantes, a própria criança começa a incorporar o significado atribuído pelo adulto à situação e a compreender seu gesto — o ato de apontar o objeto desejado — como signo deste desejo. O movimento de tentar pegar um objeto tornou-se inicialmente. (VYGOTSKY apud FICHTNER, 2010)

A apontação pode ser usada para se referir a objetos e lugares no espaço, com outro vários sinalizadores: apontar com os olhos, olhando ou girando o corpo para o local previamente estipulado.

Quadros apresenta vários mecanismos para falar sobre a apontação no contexto das línguas de sinais. No que se refere ao espaço, serve para:

- a) Fazer o sinal em uma localização particular (se a forma do sinal permitir);
 - b) Apontar um substantivo em uma localização particular;
 - c) Direcionar a cabeça e os olhos (e talvez o corpo) em direção a uma localização particular fazendo o sinal de um substantivo ou apontando para o substantivo;
 - d) Usar um pronome antes de um sinal para um referente;
 - e) Usar um pronome numa localização particular quando é óbvia a referência; [...]
- (Quadros, 1997, p. 55).

O gesto de apontar foi muito importante na aprendizagem bilíngue Libras/Português pelo CODA. Além de, como cita os autores, fazerem parte de etapas do desenvolvimento normal da criança, no caso da aprendizagem de uma linguagem visual motora foi ainda mais importante, pois permitiu a interação efetiva da criança.

7.3 Análise

O tempo permitia ver que as estratégias que nós criamos para que o CODA desenvolvesse o seu processo de aquisição da Libras estava dando certo. O fato de usar imagens de animais, com texturas, cores e características atraía -lhe a atenção e contribuiu, imensamente, pois ele se mostrava sempre animado e motivado a interagir com os pais e a aprender os sinais da Libras.

Não foi preciso comprar novos brinquedos educativos, uma vez que foram produzidos em casa, usando um método próprio e adequado, em que o próprio Gabriel ajudava, por vezes, a confeccionar. Com isso, Gabriel desenvolveu bastante sua criatividade.

Quando percebíamos que a criança era cada vez mais criativa, fazíamos novas atividades sempre procurando estimular o bebê, através da Libras. Porém, cuidava para ter atividades diferentes, não se tornando monótono o aprendizado para a criança.

Através dessas interações, o CODA passou a imitar os pais com uso de sinalizadores e a 'apontar' para os objetos. Gabriel apontava os objetos e tentava configurar os sinais com as mãos, porém, às vezes de forma imperfeita (incorreta), semelhante a qualquer outra criança ouvinte, que, no caso, tentaria falar o nome do objeto. Isso é perfeitamente normal, até que ele adquirisse maior conhecimento.

Tomasello (2006) apud LIMA et al. afirma que “o apontar da criança tem a função de direcionar a atenção do outro, para o objeto da atenção conjunta, promovendo a interação entre o adulto e criança”. (p.122)

E o CODA progredia cada vez mais na sua aquisição de Libras e ampliava o seu vocabulário. Nós ficávamos contentes vendo o conhecimento crescente do filho, sinalizando, interagindo e tendo muito prazer em se comunicar com os pais surdos.

Na figura 34, Gabriel, com mais idade, demonstra alguns sinais de animais, em que pode ser observado a riqueza de suas expressões faciais.

Figura 34: Gabriel demonstrando o sinal de alguns animais



Como a maioria das crianças, nos primeiros anos de idade, o CODA começou a gostar de livros infantis, de folheá-los com muito interesse de conhecer novas imagens e palavras. Neste contexto, no próximo capítulo apresenta-se o início do processo de leitura do CODA em sua (L1) Libras.

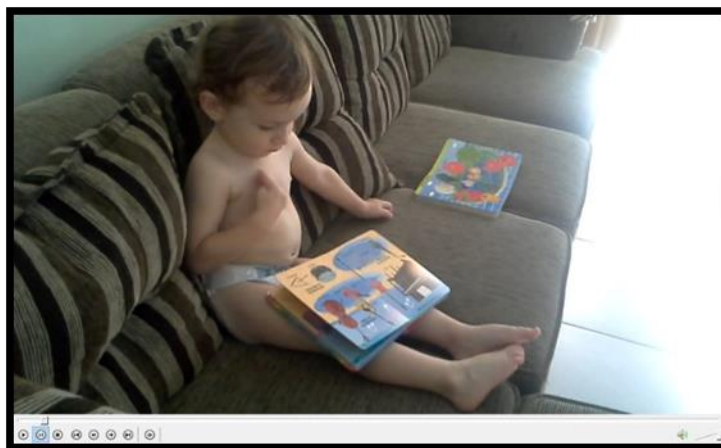
8 INÍCIO DO PROCESSO DE LEITURA EM SUA (L1) LIBRAS, PELO CODA

8.1 Gabriel lê o livro intitulado: “Primeiras Palavras”

Certa vez, quando Gabriel estava com quase dois anos, num sábado pela manhã, em que o pai saía para o trabalho, deixei as atividades domésticas de lado e, sentada no sofá da sala, dediquei um tempo para o filho. Nisso, Gabriel pegou um livro que estava sobre o sofá e, começou a folheá-lo. De curiosa e coruja, fiquei só na observação. O título do livro é “Primeiras Palavras”, e contém seiscentas palavras e imagens. Gabriel olhava fixo às imagens, parecia que estava lendo. Minha surpresa foi tamanha, pois, Gabriel começou a sinalizar sozinho as imagens e figuras que ia vendo no livro. Literalmente, Gabriel leu o livro todo. Não tem como descrever mais essa emoção que eu tive com o CODA.

Pode-se observar na figura 35 Gabriel lendo em Libras, para ele era uma forma de brincadeira.

Figura 35: Gabriel sinalizando a palavra “Violão”



É claro que nem todas as gravuras (imagens) do livro foram sinalizadas corretamente, ou, algumas até nem foram sinalizadas, pelo próprio desconhecimento de mundo do Gabriel, como, por exemplo, ‘aspirador de pó’, ‘sabão em pó’, ‘lavadora de louças’, ‘kit de ferramentas’ e outras, não se tinha em casa.

Salienta-se que, antes disto acontecer, tanto eu quanto o pai, diariamente sinalizávamos, principalmente as figuras do livro, repetidas vezes, para que o Gabriel pudesse assimilá-las.

Gabriel gostou tanto do livro que, tornou-se como que um brinquedo, pois, diariamente ele estava com o livro nas mãos e sinalizava.

Na figura 36 observa-se Gabriel brincando e sinalizando as figuras do livro.

Figura 36: Gabriel sinalizando as figuras do livro



8.2 O desenvolvimento da leitura através de imagens

No começo do desenvolvimento da linguagem, a criança se relaciona com os objetos que vê ao seu redor, os que podem tocar. Após, com o domínio da linguagem, a criança desprende-se do fato próximo e usa palavras para designar os objetos.

Neste aspecto, Luria (1986), afirma que:

[...] com a aparição da linguagem como sistema de códigos que designam objetos, ações, qualidades e relações, o homem adquire assim como uma nova dimensão da consciência, nele se formam imagens subjetivas do mundo objetivo que são dirigíveis, ou seja, representações que o homem pode manipular, inclusive na ausência de percepções imediatas. Isso consiste na principal conquista que o homem obtém com a linguagem (LURIA, p. 33).

A primeira modalidade de aprendizagem chamada de “visual gestual” tem o objetivo de compreender a importância da leitura através das imagens. A criança desenvolve, assim, a prática periódica de todas as áreas do conhecimento nos seus diversos temas. Pode-se afirmar que é pela visualidade das coisas/objetos que as crianças adquirem com mais facilidade o conhecimento sobre as mesmas.

Campello (2007) fala da importância das artes visuais no aprendizado da criança. Segundo ela, a criança que visualiza imagens, torna-se apta para:

[...] contação de história ou estória, jogos educativos, envolvimento da cultura artística, cultura visual, desenvolvimento da criatividade plástica, visual e infantil das artes visuais, utilização da linguagem de Sign Writing (escrita de sinais) na informática, recursos visuais, sua pedagogia crítica e suas ferramentas e práticas, concepção do mundo através da subjetividade e objetividade com as “experiências visuais” (CAMPELLO, p. 129).

A Libras é uma sistematização gramatical da língua, ela é espacial-visual e as mãos transmitem muita forma criativa de exploração em crianças surdas e ouvintes. Ela tem diversos aspectos de linguística como a configurações de mão, movimentos, expressões faciais gramaticais, localizações, movimentos do corpo, espaço de sinalização, classificadores.

Bakhtin diz:

Na prática viva da língua, a consciência linguística do locutor e do receptor nada tem a ver com um sistema abstrato de formas normativas, mas apenas com a linguagem no sentido de conjunto dos contextos possíveis de uso de cada forma particular. Para o falante nativo, a palavra não se apresenta como um item de dicionário, mas como parte das mais diversas enunciações dos locutores... os membros de uma comunidade linguística normalmente não percebem nunca o carácter coercitivo das normas linguísticas. A significação normativa da forma linguística só se deixa perceber nos momentos de conflito, momentos raríssimos (BAKHTIN, p. 95).

Para possibilitar o aprender, deve se usar os recursos didáticos visuais para a criança, em forma de brincadeira, com a utilização de brinquedos em suas brincadeiras, aproveitar para sinalizar as coisa e ações. De acordo com VYGOTSKY (1994), “a criança opera com significados desligados dos objetos e ações aos quais estão habitualmente vinculados, havendo uma contradição interessante uma vez que, ela inclui, também, ações reais e objetos reais em suas brincadeiras”.

É adequado falar que a criança que interage com as pessoas surdas ou com os pais surdos aprenderá mais rápido a Libras. De acordo com Quadros (2008), o jogo na

língua de sinais é representado em língua gestual, o que evidência o seu caráter tridimensional e natureza visual-motora.

É fato afirmar que, quanto mais cedo a criança estiver em contato com a sua língua natural, de acordo com o desenvolvimento de suas capacidades, mais cedo ela se reconhece como indivíduo inserido na comunidade em que vive. Antes mesmo de a criança desenvolver uma língua própria, o processo dessa aquisição começa após o seu nascimento e desenvolve-se ao longo de toda sua formação como sujeito pensante. Assim, segundo Fernandes e Correia (2005, p.18) “propiciar à pessoa surda a exposição a uma língua o mais cedo possível, obedecendo às fases naturais de sua aquisição é fundamental ao seu desenvolvimento, privá-la desse direito, sob qualquer alegação, é desrespeitá-la em sua integridade”.

Para Lyons (1987, p. 252), criou-se a aquisição da linguagem assim como o “processo que resulta no conhecimento da língua nativa”, pois a língua não é ensinada, mas adquirida naturalmente.

Karnopp (1999) estudou a aquisição da linguagem infantil, realizados nas línguas de sinais e nas línguas orais, ela percebeu que a produção dos primeiros sinais começa por volta dos 12 meses de idade da criança surda e vai até os dois anos, onde vai desenvolvendo seu vocabulário. A aquisição dos primitivos sinais representa a limitação dos estágios entre os pré-linguísticos e o linguístico, sendo que as produções do período linguístico se referem a qualquer sinal do modelo adulto que é proferido pelo bebê.

Segundo Quadros (1997), o estágio de aquisição da língua de sinais inicia com 12 meses, sendo que pode se estender os dois anos em a criança surda:

Nessa fase, a criança se refere aos objetos apontando, segurando, olhando e tocando-os. Como a criança engatinha e caminha, ela se comunica com brinquedos, luzes, objetos, animais e alimentos. A criança começa a ter iniciativa e participa de outras atividades, como colocar e tirar objetos de armários, de caixas, etc. Ela utiliza uma linguagem não verbal para chamar a atenção para necessidades pessoais e para expressar suas reações, mas já varia seu olhar entre o objeto e a pessoa que a ajuda a pegá-lo. Nesse nível, a criança imita sinais produzidos pelos outros, apesar de apresentar configurações de mão e movimentos imperfeitos. Ela pode chegar a usar alguns sinais com significado consistente. (Quadros, 1997, p.19)

Para Vygotsky, a aprendizagem sempre inclui as relações entre os pais e as pessoas, importante que a relação do sujeito com o mundo está sempre medida pelo

outro. O desenvolvimento é um processo de aprendizagem na sua língua natural que acontece com a apropriação da cultura e com o contato nas relações sociais.

A criança aprende a falar e a gesticular, a nomear objetos da cultura, a adquirir a informação do mundo, a sua posição dinâmica de desenvolvimento de aquisição de determinada língua de sinais (língua natural). As pesquisas caminham para o estudo da percepção e da memória, esse que uso de instrumento de objetos. Principalmente os aspectos encontrados na língua de sinais, estão relacionados com o visuo-espacial da língua de sinais de brasileiros, descrições visuais no espaço de sinalização pelo linguístico das Libras e os espaços no ambiente para gravação de didática para a criança.

8.3 Análise

Mesmo sendo pais surdos usuários da língua de sinais e enfrentarmos barreiras na leitura da Língua Portuguesa escrita, sempre tivemos o interesse de comprar para o filho CODA livros infantis de acordo com a sua faixa etária. No caso da escolha do Livro “Primeiras Palavras”, tive a ideia de comprá-lo para Gabriel, pelo fato de que, quando conheci o seu pai, ele sabia bem pouco a Libras e foi através desse livro que eu o alfabetizei na língua de sinais. O resultado foi muito rápido. Então concluí que para o nosso filho esse livro também se tornaria atrativo e importante. O CODA desde que o folheou pela primeira vez o livro “Primeiras Palavras” ficou muito curioso e interessado nas imagens.

Sousa apud Cunha (2017) afirma que:

[...] as primeiras experiências que as crianças têm com os livros devem ser impulsionadas pelos adultos, pelos que estão ao seu redor, até mesmo porque a criança tem uma necessidade constante de imitar os adultos que conhece. É fundamental que se aguçe a curiosidade que a criança já tem, transformando a leitura num processo agradável e que valorize a riqueza de detalhes, com uma interpretação que fascine a criança. Não basta ler de qualquer forma, inventar respostas que a criança pede, é preciso ter cuidado, pois a criança é atenta, e sabe quando alguém a engana. Portanto, é fundamental que o adulto transforme a leitura numa prática que desperte a curiosidade infantil e valorize cada detalhe contado. (p.2)

Como análise, posso dizer, primeiramente, que a escolha desse livro foi muito importante e apropriada para o processo de aquisição da Libras pelo CODA. Além da

repetição dos sinais que fizemos para ele de cada palavra que continha, o livro é muito bem ilustrado e colorido, o que contribuiu para que a criança com a sua característica visual despertasse bastante interesse pelo início da leitura, motivando-o a realizar a leitura na Libras, tornando o momento da leitura como algo prazeroso, como uma brincadeira de criança.

9 A CRIANÇA CODA INICIA PROCESSO DE CRIAÇÃO DE SINAIS

9.1 Alguns sinais criados na interação com a família

Em uma noite peguei meu filho no colo, em frente à janela, e olhávamos para fora na estrada, vendo o movimento dos automóveis. Gabriel virou e me olhou nos olhos e sinalizou de forma estranha uma palavra com configuração de mão que não conhecia. Não entendi o sinal. Então pedi a ele que sinalizasse novamente. Gabriel repetiu o mesmo sinal. Entendi que poderia ser um lugar lá fora e então sinalizei: 'O-N-D-E?'

Gabriel apontando o dedo dele sinalizou "lá", que era fora da janela, no campo de futebol ao lado de um galpão, em frente a nossa casa. Como já estava um pouco escuro, tentei localizar o lugar que ele mostrou. Procurei, mas não consegui entender nada. Gabriel repetiu várias vezes o mesmo sinal. Passou um tempo, e com muito esforço, em seguida eu descobri. O que ele fez foi um sinal que significa "B-A-N-D-E-I-R-A". A configuração de mão foi formatada com dificuldades, mas o sinal era correto.

A Bandeira estava colocada no alto, em cima, no telhado de um galpão. Ela era muito pequena, não dava para ver bem, porém, meu filho conseguiu vê-la.

Fiquei muito emocionada, admirando meu filho que sinalizou um novo sinal, criado para identificar bandeira, uma vez que ainda não lhe havia ensinado esse sinal. Foi ele que criou o sinal sozinho. Quase não contive a emoção, pois para mim isso era incrível.

A seguir, demonstro a configuração realizada pelo CODA, conforme figura 37 e em seguida a configuração correta das mãos na sinalização da palavra B-A-N-D-E-I-R-A, conforme figura 38.

Figura 37: Sinalização de “bandeira” pelo CODA com configuração de mão incorreta



Figura 38: Sinalização correta de “bandeira”, conforme o sistema linguístico da Libras



E Gabriel prosseguiu, criando novos sinais. A maioria em analogia com gestos realizados por ouvintes, criação de base icônica.

Por volta dos dois anos de idade, mais uma vez, os pais observaram um novo sinal realizado por Gabriel, porém, não entenderam. Era um sinal estranho, que nós nunca havíamos usado. Então perguntei a ele que sinal era aquele. Ele repetiu o mesmo sinal feito anteriormente, por várias vezes. Nós não conseguimos entender nada. Um sinal parecido com o de Gabriel e que para nós significava ‘barreira’. Depois de muitas tentativas, sem nenhum avanço na compreensão, conversei com o CODA e sinalizei para ele: - *POR FAVOR, VOCÊ VAI PEGAR*”.

Gabriel entendeu e muito contente correu até o quarto dos pais. Eu o segui, pois queria saber o que ele estava pedindo. Gabriel abriu o armário, puxou a gaveta, procurou, procurou e pegou um sutiã meu. Foi muito estranho. Não compreendi porque ele queria um sutiã meu. Mas ele voltou à sala, deitou no sofá e começou a mexer nas alças do sutiã. Desde bebê ele desenvolveu o hábito de mexer na alça dos meus sutiãs, enquanto eu amamentava.

Ele inventou um sinal para o sutiã. E a minha irmã me informou que na fala oralizada, ele chamava de “onha”. Gabriel pegou essa mania de mexer na alça do sutiã como uma forma de se acalmar e também brincar, enquanto eu o amamentava. Ficava algum tempo fazendo isso, às vezes, até dormir.

Na figura 39, está demonstrada a Configuração de Mão para sutiã, na criação feita por Gabriel e na figura 40 o sinal correto.

Figura 39: Sinalização de “sutiã” de base icônica realizada pelo CODA



Figura 40: O sinal correto de “sutiã” na Linguística da Libras



Outro sinal que Gabriel criou foi semelhante ao de uva. Nós demos uva para ele, mas ele falou que não queria.

Então sinalizei: COMO? POR QUE VOCÊ PEDIU A UVA?

E Gabriel respondeu que não era uva que ele queria.

Sinalizei novamente: O QUE VOCÊ QUER?

Gabriel repete o mesmo sinal estranho.

Siñalizei: VOCÊ PODE PEGAR NA GELADEIRA.

Peguei o Gabriel no colo e levei-o até a cozinha, abri a geladeira e pedi para ele mostrar o que ele queria. Gabriel apontou para o iogurte.

Foi aí então, que nós entendemos que o sinal criado por Gabriel era de iogurte. Mesmo ensinando o sinal correto ele, continua a usá-lo dessa forma até hoje.

Na figura 41 está demonstrando a Configuração de Mão para iogurte criada por Gabriel e a configuração correta

Figura 41: Sinalização de “iogurte” com configuração de mão incorreta e o correta



Com o tempo, os avós maternos e a tia de Gabriel contavam para mim sobre os sinais que ele criava, assim como algumas palavras também, quando queria lhes pedir alguma coisa. Segue abaixo uma pequena narrativa da tia:

Gabriel para conseguir se comunicar conosco cria palavras e também sinais. Quando está com fome ele pede e sinaliza para nós “buti”, que significa que queria iogurte. Na hora de dormir pedia o “onha”, se referindo ao sutiã, objeto que ele queria para se acalmar e dormir. (TATIANE BRANCALIONE)⁷.

9.2 Criação de sinais em base icônica

A iconicidade é a característica idêntica que o ícone tem em comum com o objeto ou desenho que o representa. Essa modalidade chama-se gestual-visual-espacial em decorrência da natureza linguística da Linguagem de Sinais. A iconicidade está presente na grande maioria dos sinais.

Pivetta et. al (2013) afirmam que “Assim como as línguas orais, a Libras é um sistema linguístico que possui estrutura gramatical própria. No entanto, a sua capacidade de reproduzir visualmente os objetos no ar tem levado os linguistas a classificarem-na de acordo com características de iconicidade e arbitrariedade”. (p.261)

A autora Salles completa, ao afirmar que:

Um aspecto que se sobressai no contraste entre as modalidades visuo-espacial e oral-auditiva é a questão da arbitrariedade do signo linguístico. Esse conceito estabelece que, na constituição do signo linguístico, a relação entre o significante (imagem acústica/fônica) e o significado é arbitrária, isto é, não existe nada na forma do significante que seja motivado pelas propriedades da substância do conteúdo (significado). Uma característica das línguas de sinais é que, diferentemente das línguas orais, muitos sinais têm forte motivação icônica. Não é difícil supor que esse contraste se explique pela natureza do canal perceptual: na modalidade visuo-espacial, a articulação das unidades da substância gestual (significante) permite a representação icônica de traços semânticos do referente (significado), o que explica que muitos sinais reproduzam imagens do referente; na modalidade oral-auditiva, a articulação das unidades da substância sonora (significante) produz seqüências que em nada evocam os traços semânticos do referente (significado), o que explica o caráter imotivado ou arbitrário do signo linguístico nas línguas orais. (SALLES, 2004, p. 83)

Sinal icônico é, por exemplo, uma foto, que reproduz a imagem do que está sendo referenciado, isto é, constituído a partir de características da imagem do objeto do seu significado.

⁷Agradeço a tia Tatiane Brancalione pela contribuição de sua narrativa como exemplo para esta dissertação.

Para Quadros e Karnopp (2004), a iconicidade da Língua de Sinais é formada pela sua capacidade de reproduzir a forma dos objetos, seu movimentos e relação espacial, o que o torna transparente e permite a motivação entre signo e o objeto.

A figura 42 está demonstrando exemplos de sinais icônicos na Libras:

Sinais de telefone e borboleta na Libras.

Figura 42: Sinal de telefone e de borboleta



Fonte: STROBEL E FERNANDES, 1998, p.4.

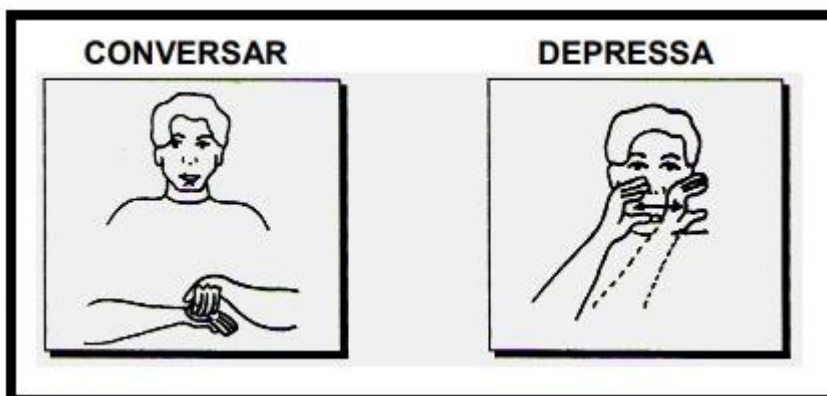
No entanto, pelo motivo da iconicidade estar mais presente na Libras, não podemos considerar essa como característica exclusiva das línguas visuo-espaciais. Além disso, não podemos afirmar que a Libras é uma língua exclusivamente icônica, pois, como nos mostra Gesser (2009):

[...] mesmo os sinais mais icônicos tendem a se diferenciar de uma língua de sinais para outra, o que nos remete ao fato de a língua ser um fenômeno convencional mantido por um “acordo coletivo tácito” entre os falantes de uma determinada comunidade. (GESSER, 2009, p. 24 apud SAUSSURE, 1916).

Alguns pesquisadores mostram que as crianças surdas, diferentemente das ouvintes, utilizam mais a iconicidade visuoespacial com relação à forma e sentido dos objetos, pois auxilia na construção da comunicação através da Libras. Perceberam que a representação das figuras/imagens facilita a comunicação/sinalização. A comunicação/sinalização é adquirida mais rapidamente em função dos recursos dos sinais icônicos, que são mais fáceis de memorizar, vez que a maioria dos sinais criados no convívio familiar são arbitrários.

No contexto dos estudos da Língua de Sinais, sinais arbitrários são aqueles que não mantêm relação direta com os objetos a que se referem, sendo tão arbitrários quanto as palavras (QUADROS; KARNOPP, 2004).

Figura 43: Sinal de conversar e depressa



Fonte: STROBEL E FERNANDES, 1998, p.4.

Tomando, portanto, como base a iconicidade, passamos a seguir à análise sobre a criação dos primeiros sinais pelo CODA, sujeito da pesquisa.

9.3 Análise

Posso inferir que a criação dos três sinais pelo CODA para identificar: bandeira, sutiã e iogurte foram criados em concordância com a sua percepção visual, já que não correspondem aos sinais verdadeiros desses no código linguístico da Libras. Porém, neste contexto, o que analiso como mais importante é o fato de o CODA entender e aceitar a forma de comunicação de seus pais a ponto de se esforçar o máximo, criando sinais icônicos próprios, para que a sua comunicação com a família se desenvolva sem interrupções.

Para Pivetta et. al (2013):

A classificação quanto à arbitrariedade e à iconicidade da língua de sinais pressupõe que muitos dos sinais considerados icônicos, assim o são por serem semelhantes quanto à forma dos objetos que representam. Essa característica não contraria os pressupostos da tríade peirceana, mas difere dela em alguns pontos. Peirce denominou de ícones aqueles sinais que antes de produzirem significado provocam sensações como o da primeiridade, ou seja, produzem

sentimentos que não precisam ser codificados, nem explicados. Assim, em um primeiro momento, os sinais foram criados baseados na similaridade, despertando a sensação de reconhecimento do objeto pelo interpretante. (p. 268)

A fala dos autores, confirma, portanto, que Gabriel, nesta fase, já demonstrou claramente seu desenvolvimento no processo de aquisição bilíngue Libras/Português, ao criar seus próprios sinais, de base icônica, com o objetivo de interagir em nossa comunicação.

10 PRIMEIRAS BARREIRAS DE COMUNICAÇÃO DO CODA NA INTERAÇÃO SOCIAL COM OUVINTES

10.1 A professora não entende o sinal realizado pelo CODA

Com nove meses de idade, Gabriel começou a frequentar a escola “Pequeno Príncipe”. Foi a sua primeira experiência com coleguinhas ouvintes e uma professora. Ele brincou muito com os colegas, fez a refeição oferecida, dormiu e executou as pequenas atividades comandadas pela professora, normalmente. Apenas sentiu-se um pouco constrangido em falar ou conversar com os ouvintes. A professora conversou com ele sobre a hora de dormir, bem como a hora da refeição e ele a entendeu bem.

Porém, já nos primeiros dias surgiu a primeira dificuldade de comunicação entre a criança CODA e a professora. Foi quando Gabriel falou na língua de sinais e a professora não entendeu o que ele havia lhe pedido.

No final da tarde quando eu fui buscá-lo na creche, a professora me chamou e disse que estava preocupada, porque Gabriel não falou com ela e em um momento fez-lhe um sinal, pedindo-lhe alguma coisa que ela não havia entendido. A professora também me disse que como Gabriel era ouvinte, poderia falar, porém, preferiu sinalizar, e que ela não conseguiu entendê-lo. A professora ficou muito ansiosa com a sinalização feita pela criança.

Eu, então, perguntei à professora que sinal ele havia feito. Então, a professora não se lembrava e pediu ao Gabriel para repetir o sinal, mas este ficou de boca fechada e não quis sinalizar. Eu também fiz a mesma pergunta a ele e Gabriel não sinalizou, continuando em silêncio. Eu continuei insistindo por várias vezes e lhe perguntei o que ele queria. Meu filho me olhava, mas não respondia. Somente após algum tempo Gabriel sinalizou, e a professora me confirmou que era exatamente o sinal que ele havia feito. Eu tranquilizei a professora, pois, enfim, havia entendido o que Gabriel havia lhe perguntado e, disse a ela que ele havia pedido água, conforme figura 44, na figura 45 está sinalizado água correto.

A professora se emocionou e disse: - *“Coitado do Gabriel, ele pediu água várias vezes”*. Depois me agradeceu, pois naquele momento ela havia aprendido o primeiro

sinal em Libras e disse que, com certeza, daí em diante Gabriel não passaria mais sede enquanto ficasse com ela.

Figura 44: Sinalização de “água” realizada pelo CODA



Figura 45: Sinalização de “água” no código linguístico da Libras



10.1.2 A avó paterna não consegue se comunicar com o neto CODA

Em nossas primeiras férias com Gabriel, fomos para a casa da avó paterna, que mora na praia, a mais ou menos quinhentos quilômetros da nossa cidade. Nesse período, Gabriel tinha um ano e meio de idade.

Nos dias que estávamos lá, em uma noite, eu e meu marido fomos à casa de uns amigos surdos e deixamos a criança aos cuidados da avó. Após um pequeno

intervalo da saída dos pais, ela ofereceu uns biscoitos para Gabriel comer e ele aceitou e gostou. Quando acabou o biscoito, o neto caminhou pela casa ao encontro da avó e, sem falar, sinalizou para a avó (figura 38), mas ela não entendeu nada. Criou-se então, a primeira barreira de comunicação entre a avó paterna ouvinte e o neto CODA.

Gabriel sinalizou novamente para a avó e ela não entendendo lhe perguntou: - O que você quer? Gabriel repete o sinal, por duas a três vezes. A avó, então, pegou água e lhe ofereceu. A resposta dele foi uma expressão de negação com a cabeça.

Essa barreira de comunicação ocorreu porque a avó paterna não sabia muito bem a Libras, a não ser pequenos sinais, apesar da utilização de sinais caseiros pelo Gabriel.

Gabriel reclamou com a avó e ela ficou preocupada, não vendo a hora dos pais chegarem para atender o neto, pois tudo o que ela queria naquele momento era poder ajudá-lo.

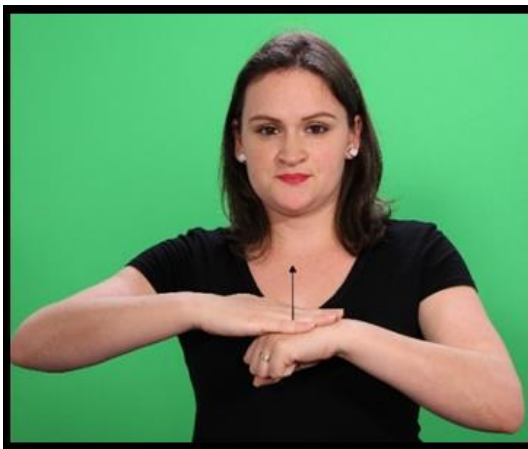
A avó ficou bem angustiada, até que, felizmente, os pais retornaram. A avó imediatamente perguntou ao filho: -“*O Gabriel está falando?*” Eu chamei meu filho e lhe perguntei: -“*O que você falou para a vovó?*” Foi então que Gabriel sinalizou: ‘M-A-I-S’ e repetiu o sinal. Eu acalmei a minha sogra e lhe disse que havia sinalizado o sinal de mais. A avó estava com o coração apertado. Então eu pedi a ela o que ela havia lhe dado, e ela me disse que foi bolachas de polvilho. E logo correu para pegar as bolachas e ofereceu ao Gabriel. Ele ficou alegre e comeu novamente.

Então ensinamos à avó o sinal de M-A-I-S na Libras figura 47 e o sinal de M-A-I-S como Gabriel fazia.

Figura 46: Sinalização de “mais” pelo CODA



Figura 47: Sinalização de “mais” de acordo com o código linguístico da Libras



10.1.3 O CODA não aceita falar com ouvinte próxima da família

Desde que eu entrei para trabalhar como professora de Libras na UTFPR, Câmpus Pato Branco, tive ao meu lado uma professora bilíngue Português/ Libras com a qual divido as disciplinas, projetos e todas as atividades que envolvem essa área. Ela também é a servidora que atua como minha intérprete. Em função de trabalharmos sempre juntas, desenvolvemos um grande amizade e parceria.

Passado um pequeno período do início de trabalho juntas, eu descobri que estava grávida. Como toda a minha família residia em outro estado e mediante a escassez de intérpretes nos órgãos públicos e particulares, essa professora e amiga começou a me ajudar como intérprete em todas as minhas consultas durante o período da gravidez. Ela foi a minha voz para com a minha obstetra diante das infinitas dúvidas que eu tinha durante os nove meses de gestação do primeiro filho, e foi quem me comunicou que o bebê seria um "homenzinho". Quando Gabriel nasceu, ela se tornou sua "madrinha do coração" e continuou nos acompanhando. Aliás, até hoje a amiga e comadre tornou-se inseparável, pois foi minha intérprete na Pós-Graduação, agora no mestrado e, diariamente, no trabalho é por meio do profissionalismo dela que vou compreendendo as muitas novas informações, decisões e inovações da Universidade.

O CODA, desde bebê, conviveu com a madrinha ouvinte, a qual ele sempre via junto com a sua família. Porém, um fato importante a relatar neste contexto é sobre a

forma inesperada de como o CODA reagia à comunicação com ela, ouvinte, no início desta convivência. Desde que a madrinha começou a falar com Gabriel, ele se mostrava indiferente e não correspondia, ficando em silêncio. Ela passava a falar em Libras e ele reagia. Ficávamos intrigados, sem entender o porquê. A minha resposta para esse fato é que como Gabriel só via a madrinha conversando com os pais em Libras, ele se confundia, achando que ela também era surda e deveria usar a Libras. E o tempo foi passando, Gabriel crescendo e a madrinha insistindo em falar com ele para que ele respondesse, falando, mas sem sucesso.

Figura 48: Conversação entre a madrinha e Gabriel com 1 ano e seis meses



Certo dia, quando meu filho tinha por volta dos três anos de idade, eu tive que viajar para fazer um Curso. O pai trabalhava fora o dia inteiro. Então, como não tive com quem deixá-lo, a madrinha se prontificou a cuidar dele. Nesse dia, a madrinha falou para Gabriel que não iria conversar com ele por meio da Libras. Eles iriam conversar “falando” e que naquele dia ela iria comprar dois livrinhos para ele, os quais ele poderia escolher. Gabriel reagiu como se não tivesse entendido e passou boa parte da manhã de boca fechada, em silêncio total. O mais interessante ainda é que, com o marido da madrinha que ele conhecia, ele falava normalmente, como qualquer criança de três anos e respondia a tudo o que o marido da madrinha perguntava, normalmente como ouvinte.

Nesta mesma manhã, mais tarde, a madrinha insistiu e perguntou a Gabriel quais os livrinhos que ele gostaria que ela comprasse para ele. Depois de mais ou

menos uns quinze minutos de silêncio, ele respondeu se poderia ser os livrinhos do “Patati Patatá”. Foi a primeira vez que Gabriel falou com a madrinha. Foi uma grande emoção para a minha amiga ouvi-lo falar, normalmente. E a partir desse dia, dependendo do momento ele falava ou sinalizava para ela, até chegar aos quatro anos de idade.

Porém, mais um detalhe, se eu estivesse junto com o meu filho e a madrinha, Gabriel sinalizava toda comunicação entre os três. Não adiantava insistir para ele falar. Isso seria por que ele entendia que eu era surda e tinha respeito pela minha forma de comunicação?

No entanto, quando Gabriel estava na casa dos avós maternos e da tia dele, que conhecem bem a Libras, ele falava normalmente com eles e sinalizava bem pouco.

Com o tempo, Gabriel começou a diferenciar com quem deveria usar a Libras, ou usar a língua falada, entre ouvintes e surdos. Quando os pais visitavam os amigos surdos, Gabriel só se comunicava com eles em Libras. Se tivesse também ouvintes, ele falava normalmente com os mesmos. Hoje Gabriel já tem conhecimento da cultura surda e sabe que é diferente da cultura dos ouvintes.

10.2 Os CODAs como bilíngues bimodais

Os CODAS, mesmo bem estimulados pelos pais a usarem a língua materna, pelo fato de estarem numa sociedade ouvintista e começarem a frequentar creches, escolas com foco na língua oral, estas geram muita influência na escolha da língua, favorecendo a perda da primeira língua (Libras).

Por volta dos três anos, normalmente, as crianças ouvintes começam a desenvolver melhor a fala. Quadros et al (2016, p142) afirma que no caso dos CODAS, que são bilíngues bimodais, nesta fase, a língua de sinais parece se tornar a língua mais fraca, na medida em que eles passam a privilegiar a língua falada.

Neste sentido, a atitude dos sinalizadores e falantes que interagem com essas crianças desempenha um papel decisivo na escolha das línguas. Com isso e pelo fato de a sociedade não valorizar, a contento, a língua de sinais, os pais de CODAs garantem a manutenção da língua de sinais promovendo encontro de seus filhos com

outras pessoas surdas em diferentes contextos (Chen Pichler, D., Lee, J., & Lillo-Martin, D. 2014).

A literatura explica como pode ocorrer a variação na fluência entre diferentes CODAs:

Os CODAs podem ser bilíngues bimodais balanceados e evidenciar fluência em ambas línguas, mas podem também evidenciar dominância da língua falada, a língua que se torna a língua primária desses bilíngues. Os Codas balanceados podem fazer diferentes combinações das duas línguas: (1) usam apenas a língua de sinais; (2) usam apenas a língua falada; (3) usam a língua de sinais como língua primária e a língua falada sobreposta como língua secundária; (4) usam a língua falada como língua primária e a língua de sinais sobreposta como língua secundária; (5) alternam entre as línguas primárias que podem ser a língua de sinais ou a língua falada; (6) mantêm as duas línguas como primárias ao mesmo tempo. A língua secundária pode ser apenas cochichada ou ser falada de forma mais clara com diferentes implicações linguísticas (QUADROS, et all, 2016, p. 142).

Com o passar do tempo, os CODAs conseguem diferenciar pelo contexto com que está conversando quando usar a L1 e a L2 (Língua Secundária), concordando com o que observa Quadros et all (2016, p 141), que os fatores sociolinguísticos podem influenciar as opções usadas pelas crianças CODAs. Elas podem usar o modo bimodal como podem evitá-lo dependendo com quem esteja conversando.

Entretanto, em algumas situações, as crianças CODAs podem preferir usar a língua de sinais a usar a língua falada.

Isso porque, para eles, conforme cita Quadros e Massutti (2007, p. 249), “muitas experiências que são vivenciadas ricamente em Libras perdem sua potência significativa na língua portuguesa”, daí a justificativa para tal escolha e identificação.

As autoras, Quadros e Oliveira, que são CODAs, relatam as suas experiências no início de escolarização.

Eu não falava Português quando cheguei na escola, mas lembro que eu entendia as pessoas, apesar de não falar essa língua. Eu só usava a língua de sinais, mas eu sabia que eu não podia usar essa língua com aquelas pessoas. Elas simplesmente não sabiam nada da língua de sinais! Era muito difícil para mim, uma vez que minha vida era na língua de sinais, a língua que eu me sentia à vontade em usar. (Quadros e Massutti, 2007, p. 258)

Veio a escola. Veio o olhar etnocêntrico, o olhar que busca a igualdade na diferença. Fui para a escola com 7 anos. No primeiro dia de aula, quando chegamos na escola eu e minha mãe, conversávamos, os olhares me assustaram. Perguntei por que as pessoas olhavam pra nós e minha mãe: “não

conhecem surdos. E você sabe duas línguas: sinais e fala. As pessoas estão admiradas de ver você conversar comigo”. (Oliveira, 2014, p.280)

Oliveira (2014, p. 278) também diz que “ [...] cada história de vida é única. Minha experiência com meus pais surdos e familiares surdos não deve ser tomada como referência. Somos todos únicos e ao mesmo tempo um mosaico de “outros” com os quais vivemos.

Porém, as falas comprovam que os CODAS, por serem bilíngues bimodais, cada um na sua vivência e em determinados períodos da vida, podem passar por entraves na comunicação com ouvintes, assim como incompreensão da sua identidade bicultural e bilíngue.

10.3 Análise

Durante os primeiros anos de idade do filho CODA, muitas foram as ocasiões em que ele, por ser bilíngue bimodal, passou por dificuldades de comunicação com pessoas ouvintes que não falam em Libras, conforme os dados demonstrados. Mas é uma fase natural do seu desenvolvimento que, com o contato social dentro da comunidade ouvintista, vai evoluindo. Para mim, como mãe, foi muito difícil saber que a criança ficou com sede durante uma tarde, porque a professora não entendeu o que ele sinalizou. Como também que ele queria mais bolacha de polvilho e ficou sem ganhar, porque a avó paterna, mesmo tendo um filho surdo, não sabe Libras e não conseguiu entender o que o neto pedia.

Quanto a sua escolha por conversar somente em Libras com a intérprete ouvinte, até os três anos confirma a teoria de Quadros et all (2016, p 141), de que os fatores sociolinguísticos podem influenciar as opções usadas pelas crianças CODAs. Elas podem usar o modo bimodal como podem evitá-lo dependendo com quem estejam conversando.

11 FILHO CODA APRENDENDO MAIS NOVAS LÍNGUAS ESTRANGEIRAS

11.1 CONTATO DO CODA COM LIBRAS TÁTIL

Desde os três anos de vida, Gabriel passou a adquirir conhecimentos diversos, seja em Libras, linguagem falada e algumas informações das línguas de berço dos avós maternos: Italiano e Alemão. Mais tarde viria a ter também conhecimento de surdo-cegueira, além de outros conhecimentos e curiosidades da internet.

Passou também a ter pequenos conhecimentos da língua inglesa, na escola onde estudava. Como quando ainda bebê nós o estimulávamos com figuras/quadros de animais e vários objetos, onde constavam os nomes dos mesmos e, em seguida lhes configuravam as mãos, sinalizando-os, na aprendizagem do Inglês. Essa metodologia foi muito importante, facilitando a aprendizagem da língua e de nomes de cores, números e vocabulário diverso. Além disso, nós ainda o incentivávamos a ouvir músicas infantis em Inglês no Youtube.

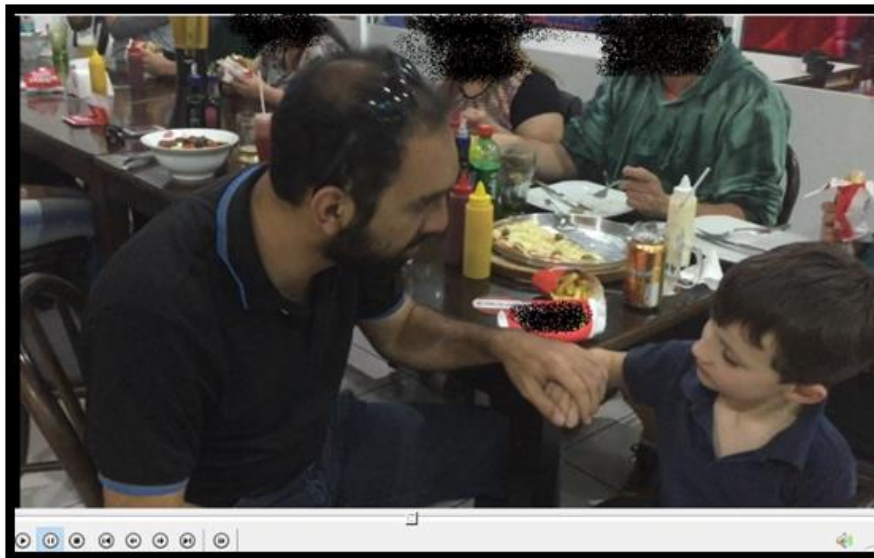
Nós não ouvimos Gabriel falar em Inglês, mas a titia nos contava, seguidamente, sobre a sua aprendizagem.

Como o avô materno é descendente de Italianos, sempre que estava em convívio com Gabriel, repassava-lhe pequenos conhecimentos dessa língua. O mesmo fazia a sua avó materna, descendente de Alemães. E Gabriel começou a falar nessas duas línguas também, embora fosse apenas o começo.

Com quase cinco anos de idade, Gabriel teve uma grande experiência. Os pais receberam em casa a visita de um amigo surdo-cego, que esteve ministrando Oficina de Libras Tátil aos amigos surdos dos pais, na cidade onde residem (Pato Branco, PR). O surdo-cego se comunica através de Libras Tátil, com o auxílio de outra pessoa que tenha tal conhecimento.

Gabriel não tirava o olhar da mãe na comunicação tátil com o surdo-cego visitante. A mãe, percebendo de imediato a curiosidade do filho, o chama para 'conversar' com o surdo-cego. Um pouco tímido, Gabriel se aproxima e aos poucos o CODA e o surdo-cego conseguem se comunicar e se entenderem. Foi uma emoção total, que rolou algumas lágrimas entre os presentes. E Gabriel ficou entusiasmado, pois sabendo Libras, teve certa facilidade em comunicar-se com o visitante surdo-cego,

Figura 49: Surdocego e CODA conversando em Libras Tátil



Naquele mesmo dia, à noite, eu fui dormir com o meu filho na cama dele. Tive a ideia de me comunicar empregando a língua de sinais tátil, para exercitar o aprendizado do dia, figura 50.

Conversamos até de madrugada e conseguimos nos comunicar, perfeitamente.

Figura 50: Mãe e filho conversando através de Libras Tátil



11.2 Nova aprendizagem multilíngue

De acordo com Vygotsky (2009, p. 63), “... a função primordial da linguagem é comunicar, relacionar socialmente, influenciar os circundantes tanto do lado dos adultos quanto do lado da criança”. De tal modo, a linguagem nos oferece a capacidade de trocar ideias, histórias, fatos e relatar nossos acontecimentos sem ter a necessidade da presença do objeto ou pessoa da qual estamos sinalizando e/ou falando.

O estudo do desenvolvimento do pensamento e da linguagem, descrito por Lima apud Lantolf e Appel, (2010, p.91) afirma que:

Como deve ser, então, o método de investigação do pensamento e da linguagem? No adulto, o pensamento e a linguagem, por já terem passado por um longo processo de desenvolvimento, já assumiram uma forma de existência fossilizada. É por essa razão, dentre outras, que Vigotski se dedica principalmente ao estudo do desenvolvimento do pensamento e da linguagem infantis como meio de explicação do pensamento e da linguagem adultos. É também por essa razão que frequentemente, Vigotski é visto como psicólogo do desenvolvimento infantil. Tal visão, como sugere Clot (1999/2002, p. 7-15), é redutora da teoria vigotskiana, uma vez que a obra do autor consiste, na realidade, no desenvolvimento de uma Psicologia Geral do desenvolvimento humano. Vigotski empregou, pois, “evidências do desenvolvimento da criança para explicar (compreender) como funciona a mente do adulto”.

O processo de aquisição/aprendizagem de línguas por parte da criança é desenvolvido com mais rapidez e facilidade do que por um adulto. Neste aspecto, Gabriel já está num processo de aprendizagem multilíngue bem encaminhado, pois já domina bem Libras, que veio de berço, se defende razoavelmente bem em Libras Tátil, está entre os primeiros melhores alunos da sala na Escola onde estuda – na questão da Língua Portuguesa, fala e canta mesmo que pouco em Italiano, algumas falas em Alemão e está estudando inglês, como disciplina em sala de aula.

Algumas pessoas acreditam que, para ser considerado bilíngue, o indivíduo deve dominar as duas línguas como se ambas fossem a sua língua maternal. De acordo com McCleary (2009, p. 28), “essa condição, de poder falar duas línguas como sua língua maternal, é chamado bilinguismo equilibrado. É um tipo de bilinguismo, e não é o mais comum”. Porém, no momento em que houver a comunicação entre duas ou mais pessoas, sobre determinado assunto, sendo em duas línguas, essas pessoas já estão praticando o bilinguismo.

11.3 Análise

Como realizar o processo de comunicação entre os pais surdos e filho ouvinte com pessoas de etnias diferentes e que papéis desempenham as novas línguas (Libras Tátil, Italiana, Alemã e Inglês) para aprendizagem e contato com familiares?

A mãe quis saber do Gabriel sobre as diversas línguas que estava aprendendo, umas de cunho familiar, outras com toda a sua devida linguagem, conforme acima citadas. A resposta que obteve foi que para ele estava sendo mais fácil aprender, além de Libras, que praticamente a domina, a língua de sinais tátil e o italiano. Comentou ainda que a língua alemã é meio difícil e o inglês mais ainda. Lembrou ele que gosta de participar com o avô nos encontros de Italianos, quando o visita, pois o avô o leva sempre que possível nos encontros do Grupo de Italianos (CECONDI), do qual o avô é membro participativo, que também tem 'cantoria italiana', que, aliás, Gabriel gosta muito de ouvir, sendo que alguma coisa já canta também.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A realização deste estudo teve por origem a minha inquietação, como mãe surda, por saber como ocorre a aquisição da linguagem pelos filhos ouvintes de pais surdos fluentes na Libras. Assim, o problema que norteou a pesquisa foi se é possível uma criança CODA tornar-se, naturalmente, bilíngue Libras/Português. Assim, tive como objetivo geral analisar o processo de aquisição bilíngue Libras-Português por uma criança CODA, em contexto da Libras como língua materna e frequente estímulo de ensino desta língua, pelos pais surdos e procurei seguir os objetivos específicos que foram: conhecer o processo de aquisição bilíngue Libras/Português por uma criança CODA, desde o seu nascimento até os cinco anos de idade; apresentar a construção da identidade CODA da criança ouvinte através de duas línguas: a Língua Brasileira de Sinais – Libras, como Língua materna e primeira língua (L1) e a Língua Portuguesa, falada no país, como segunda língua (L2); demonstrar estratégias utilizadas pelos pais para o desenvolvimento bilíngue do filho CODA e compreender o bilinguismo e o biculturalismo, realidades próprias dos CODAs.

Para que isso fosse possível, primeiramente, produzi um texto base, no qual consegui rememorar várias fases do desenvolvimento do meu filho CODA desde os primeiros meses de vida, até os cinco anos de idade. A partir deste primeiro texto, fiz uma organização dos principais dados, os quais considereei mais importantes para relatar e que permitiriam a construção do estudo.

Para alcance do objetivo proposto, a pesquisa teve caráter qualitativo e participante e utilizou como metodologias a história oral e o estudo de caso. A história oral subsidiou a construção dos capítulos dois ao onze, que seguiram um método próprio, assim estruturado: Nos itens 1. Dados sobre as fases do desenvolvimento do CODA; Nos itens 2. Abordagens teóricas que dialogam com esses dados e nos itens 3. Análises dos dados apresentados.

A fundamentação teórica foi norteada pela teoria Vygotskiana e de seus colaboradores, os quais apresentam estudos sobre o desenvolvimento humano e da linguagem, como também por autores renomados na área da surdez. O trabalho também apresenta registros fotográficos e de imagens visando demonstrar, de forma mais visual, a aquisição das duas línguas pelo sujeito da pesquisa. A captura dos

registros foi realizada de 2011 a 2016 e todas as imagens foram realizadas por mim, pesquisadora/participante em diversos momentos e situações.

Assim, sobre a construção da identidade visual do CODA, ficou claro que o desenvolvimento dessa sua característica tornou-se muito importante na aprendizagem da sua primeira Língua (L1), que no caso é a Libras, e que também foi fundamental os estímulos frequentes usados pelos pais, desde o seus primeiros meses de vida, fazendo com que o bebê interagisse com eles, pelos sinais e pela visão.

É normal que os membros ouvintes da família optem por se comunicar com o CODA, falando, e que se preocupem com o desenvolvimento da sua linguagem oral. No entanto, como nos primeiros meses é muito importante que o bebê desenvolva a sua característica visual, o uso da linguagem bimodal contribui para que não ocorra prejuízo para esse desenvolvimento.

A competição sons versus imagens é parte constituinte do desenvolvimento do CODA, sendo que ele transita entre os dois mundos, surdo e ouvinte. Nessa competição, foi muito importante para mim e pai surdo firmar o nosso compromisso com o filho CODA, aproveitando cada momento da nossa comunicação dentro da nossa casa, com estratégias próprias, para que ele desenvolvesse mais atenção a nossa forma de comunicação, do que aos variados sons atrativos do mundo ouvinte, como o da televisão.

Apesar de significativos avanços nas lutas da comunidade surda, como o reconhecimento da sua língua, através da oficialização da Lei de Libras, nº 10.436 e o Decreto de Libras que regulamentou a lei, as imagens da sociedade ouvintista sobre os surdos permanecem distorcidas e discriminatórias. Ainda existem pessoas que questionam, por exemplo, como um casal sendo surdo, pode ter e criar uma criança, principalmente sendo esta, ouvinte. Hoje o povo surdo está cada vez mais conscientes de seus direitos e capacidades. Os surdos estão se especializando e se graduando, realizando pesquisas, o que acredito que poderá contribuir, significativamente, para que todas esses pensamentos equivocados sobre o seu potencial possa acabar.

O CODA cresce desenvolvendo-se bicultural e bilíngue. Porém, mesmo dentro deste contexto, ele passa pelas mesmas fases de uma criança monolíngue e unocultural. Ele balbucia os primeiros sinais, cria sinais, até chegar a maturidade de se

comunicar sinalizando ou falando, dependendo dos contextos. Nesta caminhada, é normal que ele possa passar por algumas dificuldades de comunicação com ouvintes que não saibam a Libras.

Concluindo, afirmo que, em função das análises realizadas as quais permitiram constatar que o CODA, com o uso frequente de estímulos pelos pais, adquiriu, de forma natural, a Libras como primeira Língua (L1) e a Língua Portuguesa como (L2), segunda Língua, chegando aos cinco anos de idade em condições de se comunicar em Libras e em Português e com fortes características bilíngue e bicultural. A realização desta e demais pesquisas nesta área será muito importante para aprofundar o conhecimento sobre a aquisição bilíngue dos CODAs e poderá contribuir, significativamente, com a comunidade surda brasileira e pesquisadores, já que estudos sobre esse grupo minoritário ainda são bastante incipientes no Brasil.

REFERÊNCIAS

- ALBRES, Neiva de A. História da Língua Brasileira de Sinais em Campo Grande – MS. 2005. Disponível em: <<http://www.editora-arara-azul.com.br/pdf/artigo15.pdf>>. Acesso em: 21 de Mar 2017.
- ALVES, Fátima. **Inclusão**: muitos olhares, vários caminhos e um grande desafio. Rio de Janeiro: Wak, 2009.
- BAKTHIN, Mikhail. (Voloshinov.V. N). **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. Trad. Michel Lahud e Yara Frateschi Viera.13. ed. São Paulo: Hucitec, 2009.
- BEE, Helen L. **A criança em desenvolvimento**. São Paulo: Harper, 1977.
- BRASIL. Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/L10436.htm>. Acesso em 11 de Set. de 2016.
- BRASIL. Decreto n.5.626, de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei nº10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm>. Acesso em 11 de Mar. De 2019.
- BRITO, Lucinda F. **Por uma gramática de língua de sinais**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1995.
- CAMPELLO, Ana R. Pedagogia Visual / Sinal na Educação dos Surdos. In QUADROS, Ronice Müller de; PERLIN, Gladis (org.). **Estudos Surdos II**, Petrópolis, Rio de Janeiro: Arara Azul, 2007. p. 100-131.
- CAPOVILLA, F.; RAPHAEL, Walkíria D.; MAURÍCIO, Aline C. **Novo Deit-Libras: Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue da Língua de Sinais**. Imprensa Oficial. São Paulo: 2009. Vol. 1.
- CICCONE, Marta. **Comunicação total**: introdução, estratégias a pessoa surda. 2ª ed. Rio de Janeiro: Cultura Médica, 1996.
- CRUZ, Carina R.; FINGER, Ingrid. **Aquisição fonológica do português brasileiro por crianças ouvintes bilíngues bimodais e surdas usuárias de implante coclear**. Porto Alegre, v. 48, n.3, p. 389-398, 2013.
- CUNHA, Adriana V. da. **A Importância da leitura infantil para o desenvolvimento da criança**. Brasil Escola. Disponível em: <<https://monografias.brasilecola.uol.com.br/pedagogia/a-importancia-leitura-infantil-para-desenvolvimento-crianca.htm>>. Acesso em: 1 de mar. 2019.

DALCIN, Gladis. **Psicologia da Educação de Surdos**. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009.

DIZEU, Liliane C. T. De B., CAPORALI, Sueli A. **A Língua de sinais constituindo o surdo com sujeito**. Educ. Soc, Campinas, v. 26, n. 91, p. 583-597, maio/ago. 2005.

FARRONI, Teresa ; MENON, Enrica. **Percepção visual e desenvolvimento inicial do cérebro**. 2013. Disponível em: <<http://www.encyclopedia-crianca.com/Pages/PDF/Farroni-MenonPRTxp1.pdf>>. Acesso em 20 de Abr. 2016.

FERNANDES, Eulália; CORREIA, Cláudio. Bilinguismo e Surdez: A evolução dos conceitos no domínio da linguagem; In. FERNANDES, Eulália (org). **Surdez e Bilinguismo**. Porto Alegre: Mediação, 2005.

FICHTNER, Bernd. **O Surgimento do novo nos gestos de crianças – um “diálogo impossível” entre Benjamin e Vigotski**. Poíesis pedagógica, v. 8, n.2, p.18-32, ago/dez 2010.

GERALDI, J. W. **Linguagem e ensino**: exercícios de militância e divulgação. Campinas: Mercado de Letras – ALB, 1996.

GESSER, Audrei. **LIBRAS? Que língua é essa?**: crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

GURJÃO, Michelle Melo. *Aquisição de linguagem oral e de sinais por uma criança ouvinte filha de pais surdos: conhecendo caminhos*. 2013. 122f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Linguagem) - Universidade Católica de Pernambuco, Recife, 2013.

GÓES, Maria Cecilia Rafael de. **A linguagem escrita de alunos surdos e a comunicação bimodal**. 1994. 191f. Tese – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas, SP, 1994.

GOLDFELD, Marcia. **A criança surda**. 3ª ed. São Paulo: Plexus Editora, 2002.

GORSKI, Edair, FREITAG; Raquel Meister K. **Ensino de Língua Materna**. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2010.

HONORA, Márcia; FRIZANCO, Mary L. E. **Livro ilustrado de língua brasileira de sinais**: desvendando a comunicação usada pelas pessoas com surdez. São Paulo: Cirando Cultural, 2008.

KARNOPP, Lodenir Becker. **Aquisição da linguagem por crianças surdas – investigações sobre o léxico**. São Leopoldo, v. 2, n.1, p. 75 e 88, jan/jun 2004.

LAMARE, Rinaldo de. **A Vida do Bebê**. Revisão e Atualização Dr. Geraldo Leme. 42ª ed. Rio de Janeiro: Agir, 2009.

LABORIT, E. **O vôo da gaivota**. São Paulo: Best Seller, 1994.

LIMA, Anselmo Pereira de. **Visitas Técnicas**: interação escola-empresa. Curitiba: Editora CRV, 2010.

LIMA, Kátia. et al. **O gesto apontar como catalizador nas cenas de atenção conjunta nas interações mãe-bebê**. DLCV, João Pessoa, v. 10, n. 1 e 2, p. 121-125, jan/dez 2013.

LURIA, A. R. **Pensamento e Linguagem**: as últimas conferências de Luria/ Alexandr Romanovich Luria; tradução Diana Myriam Lichtenstein, Mário Corso; supervisão de tradução Sérgio Spritzer. Porto Alegre: Artmed, 2001.

LYONS, John. **Linguagem e Linguística**: Uma Introdução. Rio de Janeiro: LTC, 1987.

MEYER, Dagmar Esterman. Abordagens pós-estruturalistas de pesquisa na interface educação, saúde e gênero: perspectivas metodológicas. In: MEYER, Dagmar Esterman; PARAÍSO, Marlucy Alves (Orgs.). **Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação**. Belo Horizonte: Mazza, 2012. p. 47-61.

MEYER, Dagmar Esterman; PARAÍSO, Marlucy Alves. Metodologias de pesquisas pós-críticas ou sobre como fazemos nossas investigações. In: MEYER, Dagmar Esterman; PARAÍSO, Marlucy Alves (Orgs.). **Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação**. Belo Horizonte: Mazza, 2012. p. 15-22.

MCCLEARY, Leland. **Sociolinguística**. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009.

MONTREAL, Quebec: **Centre of Excellence for Early Childhood Development e Strategic Knowledge Cluster on Early Child Development**; 2013. Disponível em: <<http://www.encyclopedia-crianca.com/Pages/PDF/Farroni-MenonPRTxp1.pdf>>. Acesso em 20 de Abr. 2016.

OLIVEIRA, Marta Kohl de. **Vygotsky - Aprendizado e Desenvolvimento: um processo sócio-histórico**. São Paulo: Scipione, 2003.

OLIVEIRA, Sônia Marta de. CODA: Um mundo, duas culturas? Dois mundos, duas culturas? In: QUADROS, Ronice Muller de; WEINIINGER, Markus J. (org). **Estudos da Língua Brasileira de Sinais**. V. III. Florianópolis: Insular, 2014. p.277-286.

PEREIRA DE QUEIROZ, M. I. (1988), Relatos Oraís: Do Indizível ao Dizível. In: von Simon, O. M. (org) – **Experimentos com História de vida (Itália-Brasil)**. São Paulo: Vértice.

PERLIN, Gladis. T. T. **Histórias de vida surda**: identidades em questão. 1998, 51f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1998.

PIVETTA, Elisa M. et al. **Análise semiótica da língua de sinais**. Acta Semiótica et. Lingvistica, v. 18, n.2, p. 1-12, 2013.

PIZZIO, Aline L., REZENDE, Patrícia L. F., QUADROS, Ronice M. de. **Língua Brasileira de Sinais VI**. Florianópolis, Universidade Federal de Santa Catarina, 2010.

QUADROS, Ronice Muller de. **Educação de Surdo**: A aquisição da linguagem. 1ªEd. Porto Alegre: Artmed, 1997.

_____. **Aquisição de L2**: o contexto da pessoa surda. Porto Alegre, v.1, p. 67-74, 1999.

QUADROS, Ronice Muller de; CRUZ, Carina Rebello. **Língua de Sinais**: Instrumentos de avaliação. 1ªEd. Porto Alegre: Artmed, 2011.

QUADROS, Ronice Muller de, KARNOPP, Lodenir Becker. **Língua de sinais brasileira**: estudos linguísticos. 1ªEd. Porto Alegre: Artmed, 2004.

QUADROS, Ronice Muller de. et al. **O que bilíngues bimodais têm a nos dizer sobre desenvolvimento bilíngue?** Francês, v. 48, n. 3, p. 380-388, 2013. Disponível em: <<http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC389070/>>. Acesso em: 2 de Nov. 2017.

QUADROS, Ronice Muller de; MASUTTI, Mara. CODAs brasileiros: Libras e Português em zonas de contato. In: QUADROS, R. M. de; PERLIN, G. (Org.). **Estudos Surdos II**. Petrópolis, RJ: Arara Azul, 2007. p. 239-266.

SACKS, Oliver. **Vendo vozes**: uma viagem ao mundo dos surdos. Tradução de Laura Teixeira Motta. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SALLES, Heloísa Maria M. L. et al. **Ensino de língua portuguesa para surdos**: caminhos para a prática pedagógica, v. 1. Brasília: MEC, SEESP, 2004.

SANDER, Ricardo Ernani. **Educação bilíngue de filhos ouvintes de pais surdos (CODAs) com o olhar de pais surdos**. 2016. 115f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2016.

SANTOS, Antonio C. de A. **Fontes Oraís**: Testemunhos, trajetórias de vida e história. UEL, Londrina, p. 1-11. Disponível em: <<http://www.uel.br/cch/cdph/arqtxt/Testemunhostrajetoriasdevidaehistoria.pdf>>. Acesso em mar. De 2019.

SOUZA, Joana. **Crescer bilíngue: As crianças ouvintes filhas de pais surdos.** 2012. Disponível em: <<http://www.porsinal.pt/index.php?ps=artigos&idt=artc&cat=13&idart=263>>. Acesso em: 21 de Mar. 2016.

SOUZA, José C. F. **INTÉRPRETES CODAS: Construção de identidades.** 2014. 148f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução) – Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2014.

STREIECHEN, Eliziane M. **A aquisição da Libras por crianças ouvintes de mãe surda num contexto multilíngue.** 2014. 130f. Dissertação (Mestrado). Universidade Estadual do Centro-Oeste. Guarapuava, 2014.

STRNADOVÁ, Vera. **Como é Ser Surdo.** Petrópolis, RJ: Babel Editora Ltda, 2000.

STROBEL, Karin. **As imagens do outro sobre a cultura surda.** Florianópolis: Editora da UFSC, 2008.

STROBEL, Karin Lilian; FERNANDES, Sueli. **Aspectos Linguísticos da LIBRAS: Língua Brasileira de Sinais.** Editora: SEED/SUED/DEE, Curitiba, 1998.

TANAKA, Priscila Junko. **Atenção: reflexão sobre tipologias, desenvolvimento e seus estados patológicos sob o olhar psicopedagógico.** v.16, n.13, p. 1-15, São Paulo, dez.2008.

VYGOTSKY, Lev Semenovitch. **A formação social da mente.** 6ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

_____. **A construção do pensamento e da linguagem;** Tradução Paulo Bezerra. 2ª ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009.

_____. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores;** organizadores Michael Cole. [et al.]; tradução José Cipolla Neto, Luís Silveira Menna Barreto, Solange Castro Afeche. 7ª ed. São Paulo: Martins Fontes – selo Martins, 2007.

_____. **As raízes genéticas do pensamento e da linguagem.** In: Pensamento e Linguagem. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

_____. **Pensamento e Linguagem.** Tradução Jefferson Luiz Camargo. Revisão técnica José Cipolla Neto. 4.ª ed. - São Paulo: Martins Fontes, 2008.

ANEXO 1 - O TEXTO QUE SERVIU DE BASE PARA A PESQUISA

CODA GABRIEL: NASCEU, CRESCER E APRENDEU COM AS DUAS LÍNGUAS.

Como a história começou a vida do Gabriel, se o nasceu e cresceu até hoje que ele aprender duas línguas Português/ Libras, mas onde ele aprendeu? Quando ele nasceu e começou pais surdos treinam junto o filho frente a frente com olhos, todos os dias, porque frente aos olhos e presta atenção para comunicar, também acostumar atenção com pais falando com mãos, por causa visual.

É importante que contato com olhos frente com pais e filho, caso cultura surda utilizada visão para falar com mãos (Libras). Sempre treina bastante que chamar atenção para mãos do que ouvido, porém, pais surdos não precisam falar (oral) e ouvir.

Começou 1 a 3 meses o Gabriel fracasso presta atenção com os pais, por quê? Porque quando mãe do Gabriel estava casa dos avôs do Gabriel pela licença da maternidade. Avôs e tia do Gabriel (da Mãe Aline) são ouvintes, mas sabem muito bem Libras. Casa dos avôs ainda barulho e som, Gabriel estava mais atenção que ouvindo para barulho na casa do que menos atenção dos pais surdos. Não é fácil. Quando a mãe tentou conversar com mãos (Libras) com o filho no quatro e sem com pessoas ouvintes. O Pai do Gabriel não estava, porque ele trabalha. Mas alguns ele junto com filho.

Mãe do Gabriel obrigatório que avôs e tia da mãe do Gabriel utilizada Libras e oral com Gabriel. Porque os pais não querem que o Gabriel fica acostumar utilizada falada (oral) do menos Libras, o futuro filho derramar a Libras para comunicar com os pais. Eles aceitavam que respeitado que a língua materna família surda, é importante. Mas só uma língua, não é. Precisa duas línguas portuguesas e libras. Sempre primeiro lugar uma língua materna da família e depois segunda língua com escola, membros família e sociedade.

Membro da mãe do Gabriel uso Libras todos os dias comunicavam com o Gabriel, mas infelizmente, avôs e tios do pai do Gabriel não sabem nada Libras, só usa falada. Imaginou que quando Pai do Gabriel era criança surda barreira comunicar com pais ouvintes sem Libras.

Após 4 meses de vida, Pais e Gabriel voltávamos em Pato Branco, porque antes mãe do Gabriel esta sem ser mãe trabalho na UTFPR, ela morou sozinha, avôs e pai moram outra cidade. Aline ganhou um bebê, quando Gabriel nasceu e precisa quem cuida com mãe. Ficam com avôs e pai. Agora nós moramos aqui em Pato. Mãe acabou receber Licença de Maternidade, voltou trabalho. O Pai cuidou com filho.

O pai surdo conversou com libras, brincou, banho, dar comer, faz tudo por filho, todos os dias e nunca cansa. Ele estimular com filho. Começou perceber que filho sentiu estranho na nova casa, porque mudou casa diferente. Aqui casa silenciosa e sem barulho. Ele começou presta atenção com os pais e mais ou menos cinco meses (não lembro). Pai e Gabriel brincavam com brinquedos com cores fortes e bichos (animais), ensinou os sinais (Libras) e o filho fez balbuciar com mãos, mas não certo sinalizar e só falhar e tentar falar com pai. Também conversar com a mãe.

Um dia certo, o Gabriel fez sete meses, estava doente muito, foi na consultar e após ir à farmácia com meus pais. Gabriel estava com a mãe entrar na farmácia, quando o pai dele pegou o Gabriel, estava chorando e queria mamãe. Gabriel primeiro fez sinalizar M-A-M-Ã-E, ele me mostrou sinal (CM 1) ele fez contrato que dedo dentro no nariz. Mamãe estava emocionada, primeira vez palavra Libras, ele entende Libras para comunicar. Foi quem descoberta, é mãe.

Passam dez meses após, à noite pai cuidou o filho e brincavam com os brinquedos do Gabriel, quando mãe chegou à casa que terminar trabalho, ficaram com filho e fizeram um filme que o Gabriel sabe todos os animais dos brinquedos e também outros objetos, pais fizeram sinalizar e filho procurou e encontrar os brinquedos acertar combinar sinal (Libras). Pais estão muito felizes. Mas filho não mostrou sinalizar e só visual e dedo dele mostrar os objetos. Última sinalizar o Pai fez sinalizar: O-N-D-E M-A-M-Ã-E? O Gabriel estava parar, olhos dele e parar cabeça ficou quieta, ele fez mostrar olhar a frente para mamãe, ele era muito esperto.

Um dia certo, a mãe do Gabriel fez recortar e colar os desenhos dos animais para colocar na parede em casa, fazer sinal cada os animais, não só animais em Libras, explicou o que tamanho, textura, adjetivo e sentimento, etc., conversação com interrogativo. Mas não perguntas pesadas e só simples conversação com filho. Alguns

o Gabriel entendeu e não entendeu. Porque depende não conhece os animais realidades.

Gabriel já adorou e olhar os desenhos na parede, sempre chamou os pais, os avôs e aos tios conversação sobre os animais e sinalizar, e todos os dias e nunca parar. Ele falta antes fez um aninho (11 meses e meio) primeira vez sinalizou uma palavra Libras. Pais estão muito contentes. Mãe lembra que Gabriel primeiras palavras sinalizou que “cachorro, coelho, ursinho, sapo, comer, banho, água, mamãe.” Após fez um aninho, ele sinalizou aumentou as palavras “papai, dormir, pássaro, porco, mais, tchau, não, sim, papai Noel, árvore”. Mãe Aline lembrou, a noite a mãe colo com filho olharam na janela, Gabriel criou sinalizou um sinal e parece estranho, mãe não entende o que ele falou, se mostrou-me o dedo dele lá aquilo, mãe procurou até não consegue entender nada, ele sinalizou repente as vezes o sinal mesmo. O tempo depois a mãe descobriu que o ele fez um sinal era “B-A-N-D-E-I-R-A”, teve campo de futebol na frente em na minha casa, estava admirada que Gabriel consegue visão mais forte do que pais surdos e também ouvintes. Porque comunidade surda melhor visual do que pessoas ouvintes por causa mais utilizada som e ouvida. São cultura surda. Mas o Gabriel é ouvinte que consegue visual, também sozinho criou sinal correto e nem pais ensinar o BANDEIRA. Que incrível!

Como bebê acordou e chorou os pais dormir a noite? Os pais têm babá elétrica vibrador é especial, dentro travesseiro na cama, quando o bebê chorou e babá vibrou volume aumentou que os pais sentirem e acordam. Já acontecem e acostumam. O Gabriel era bebê até oito meses ainda acompanha a babá elétrica, este dia marca minha vida era maravilhosa, e nunca vi, então, amanhasse a mãe estava dorme e o Gabriel com nove meses, acordou sem chorou, mas antes os todos meses acordou e chorou, porque atenção a mãe pegou. Quando ele acordou sem chorou e levante no berço perto na cama da mãe, ele chamou e mão dele tocou no braço da mãe. Ela acordou e olhou Gabriel estava sorriso. Percebeu que o Gabriel entendeu que os pais são surdos e não precisou mais chorar. Já todos os dias acordou e sem chorar, mas as vezes acordou sem chamar a mãe e ficar sozinho no berço e brincar com móbile. Não usou mais babá elétrica até 2 anos. Mas tirou babá, só tentei todas as noites e ele nada chorou as noites. Só ele fez provocou comigo, um dia amanheceu e quando babá

estava barulho mãe acordou com susto e olhou com filho, o que acontece ele fazer. O filho não chorar e brincou com babá elétrica e olhou a mãe e ele sorria. Após mais ou menos dois anos o filho dorme sozinho no quarto, quando acordou a madrugada e sem chorou, ele levante e andar até no quarto dos pais, chamou a mãe ou o pai, quando eles acordaram e pegar-lhe e dormir na cama dos pais e sempre até hoje. Ele já sabe que os pais são surdos e não precisa mais chorar e gritar, mas dependeu que acontecer ele pegou sonhar pesadelo e chorou sozinho sim, ele foi até no quarto dos pais.

Nossa casa silencia o filho já acostumou sem barulho na casa, porque os pais surdos. Os pais estavam preocupados que pedir alguns ouvintes ajudam que estimular melhor para o filho ouvir. Afilhada dele (irmã da mãe do Gabriel) ganhou presente do Gabriel que CD nomes músicas “Patati & Patatá”, “Galinha Pintadinha” e “XuXa”, para o Gabriel, porque ele é ouvinte, precisou estimular ouvir melhor. Não poder obrigar só Libras. Porque ele é língua portuguesa também cultura ouvinte. Os pais respeitado o filho. Afilhada do Gabriel tentou arrumar melhor CD com legenda para acompanhar com os pais surdos. Porque os pais podem assistir junto o filho e também ensinar tradutor Libras. Todos os dias os pais e filho assistiram TV com musica e também fizeram Libras com legenda, o Gabriel começou aprender sinais umas palavras que “pintinho e palhaço”.

Na Primeira vez creche, o Gabriel nada fala e só quieto e usa Libras, quando entrou na creche. Percebeu que o Gabriel começou dificuldade comunicar com as professoras e colegas, mas bom aluno, comeu bem, brincou bem, dorme bem e só principal problema comunicar com pessoas. Porque o Gabriel só usa Libras outras pessoas não entendem. Outras pessoas falavam com ele, mas nem responde com outros. Quando mãe pegou o filho, uma professora me perguntou que um sinal que não entendeu e ela me mostrou uma palavra sinalizou. Mãe respondeu: A-G-U-A. às vezes dias as professoras perguntas ou escreveu os recados na agenda e também dependeu a interprete de Libras ajudou e explicou sobre esse. Alguns dias após o Gabriel fez um ano e meio mais ou menos consegue falar pouco e não completo e só cada palavra fala.

O Gabriel primeira vez férias viagem com os pais na praia, na casa dos avôs do Gabriel (Pai do Gabriel). Um dia o Gabriel deixou com avôs na casa e os pais saiam em casa. Aconteceu casa da avó que tem problema comunicar com relação avó e neto, porque o neto não fala e só Libras direto e avó não sabe Libras, quando avó dou comida o Gabriel, ele pede com sinalizou e avó não entendeu e pedir falar. Ele sinalizou repente muito vezes até chorou, Avó estava nervosa e preocupada. Quando os pais chegavam em casa. Avó perguntou a mãe o que neto falou? O Gabriel disse e sinalizou: M-A-I-S C-O-M-I-D-A. Avó estava apertada coração, disse “coitado o meu menino que não entendeu”. Avó aprendeu uma palavra sinalizar “MAIS”, porque o neto não falou.

Um certa vez os pais dificuldade descobrir que o filho criou diferente que eles não conhecem um sinal. Quando a noite ele pede a mãe, ele disse: quer (CM) Mãe não conhece um sinal estranho. Perguntou o que é este sinal? Ele falou repente às muitas vezes. Os pais não conseguem entender nada e parecido que comunica barreira. Mãe pensou e ideia q falar o Gabriel: VOCÊ PODE PEGAR? O Gabriel estava feliz e correndo no quatro dos pais, a mãe segue com filho o que ele fez. Como ele fez?

O Gabriel foi ao quatro dos pais, armário abriu e gaveta abriu pegou um sutiã da mãe. Que estranho, como? O filho voltou na sala e deitou a sofá, ele fez mexer a alça do sutiã, mãe descobre que o filho criou sinal, por causa sutiã. Ele acostuma e mania alça do sutiã. Porque as vezes ele sentiu falta a mãe e aproveita pegar alça e usar e mania e cheiro sutiã.

Também aos avôs e tia contavam a mãe que Gabriel falou uma palavra estranho o mesmo sutiã que chamou “onha”. Mais também ele fez sinal diferente iogurte e o que ele fez (CM) parece uva. Os pais pensavam que sinal era uva, pegavam uva para ele, a cabeça dele e expressão facial negação, diz “não”. o Pai ou a Mãe sinalizou:COMO? O QUE VOCÊ QUER? O filho sinalizou mesmo sinal, “eles mandavam você pode pegar na geladeira”, o filho foi andar até à geladeira e pegou iogurte. Descobriu este mesmo o sinal que ele sinalizou, os pais memória, porque depois pode ser ele falar sinal e os pais já sabiam. Também português iogurte chamado “Buti”. Também alguns sinais que ele criou que os pais precisam investigar até

descoberta e também falha e mudar acertar, o que ele fez diferente sinais “QUERER, O QUE?, SUBMARINO,” (não lembro mais e tem sinais estranho).

Em dois anos, ele aprendeu sinalizou duas ou três palavras dentro frases, ele sinalizou: “eu xixi, eu fome comer, TV musica, nós passear andar ou nós passear carro.” Só simples que ele usa Libras, mas ele não consegue que mãe ou pai perguntas e ele nem responder. Já muitas vezes tentam até nem acertou. Só membro da família da mãe consegue comunicar com interrogativo para o Gabriel. Mas ele aprendeu aumentada muitas palavras da Libras e pouco aprendeu verbos o que ele entendeu o significado o Verbos, “dormir, tomar, ir, passear, não poder, poder, sentar, ver, não quer, gostar. Ele adora brincar cores em Libras, todos os dias com mãe, ele pede mãe que quer sinais cores em Libras. Só cores, depois a mãe ideia estragaria fazer forma de geometria com cores. Ele aprendeu novas vocabulários dia-a-dia na casa.

Um dia o Gabriel esta doente fica em casa, mãe pegou atestado do trabalho para cuida de Gabriel. A mãe fez cozinhar e Gabriel leu um livro nome titulo “Primeiras Palavras” pagina 99, muitas palavras e mais desenho de imagem, ele só olhou visão o imagem e ele sozinho sinalizou todas as paginas. Já gravou o vídeo e coisas lindas. A mãe estava admirada e alguns palavras que mãe ensinou poucas palavras, mas ele tentou aprender todos e só alguns o desenho objeto estranho que ele não conhece, por exemplo, aspirador de pó, sabão em pó, lavadora de louças, mixer. Ele gosta muito de este o livro, todos os dias e mesmo pede a mãe ou pai ajudou língua de sinais, também estranho que o Gabriel chamou avó e Tia (elas sabem Libras, Família da mãe do Gabriel), ajudavam língua de sinais para ele e também junta fala e voz e que ele aprender o novo vocabulário português.

Após ele aprendeu ex- creche uma professora contada a história “Três Porcos”, depois volta em casa, ele primeira contou três porcos as frases bases, a mãe estava muito emocionada e vontade chorar, muito lindo que ele contou. Ele sinalizou: “3 PORCOS E LOBO SOLTO CASA DERRABAR”. Quase certa frase maior. A mãe avisou avôs, tios e aos amigos. Ele falou muitas vezes três porcos e lobo mal. Quando começou ele primeiro sente “MEDO” lobo mal, ele acreditou Lobo mal entrou na casa dele. A mãe, avó, tia e uma amiga explicavam ele que não precisa medo o lobo mal pegar você, por quê? Porque sua casa era tijolo, lobo mal não consegue entra a sua

casa, também sua casa não tem chaminé. Ele entendeu e menos medo, gostou muito de falar a história de três porcos.

Uma noite engraçada, ex- aluna da mãe do Gabriel convidou de casamento, aos pais, o filho e uma amiga interprete de Libras junto de viagem outra cidade, após missa da igreja e foram na janta, estava-lhes sentar da redonda ao lado o filho só olhou as crianças correm, quando dois garçons passam a frente o filho viu dois porcos (suínos) e cara dele susto, chamou a mãe, olhou lá que tem dois porcos mortos, por quê? Ele confuso entendeu esta história “3 porcos” e mas dois porcos mortos”. Mãe e uma amiga interprete não conseguem explicar ele. O pai dele direto falou com ele, disse: “nós poder comer porcos”. Mãe disse: “PAREI, NÃO PODE FALAR PESADO PARA ELE”. Por causa ele confusão entender significado. Ainda ele olhou inteira a noite os porcos mortos, têm apertado dó para ele.

Uma mulher é interprete de Libras, chamada Mirélia e amiga da mãe do Gabriel, quando mãe estava grávida, ela acompanhou mãe na consulta médica obstetra todos os meses de gravidez até nasceu e cresceu do Gabriel. Um dia Mirélia conversou (com voz) com Gabriel, mas menino direto usa Libras e sem voz. Porque ele acreditou que Mirélia era surda também, mulher tentou conversou com voz e sem Libras, mas Gabriel ainda firme usa Libras. Passam o tempo após, mais ou menos Gabriel tem dois ano e meio, consegue comunicar com voz, mas só pouquinho. Marido dela consegue conversou com Gabriel falou também, mas Mirélia só Libras. Após três anos, Gabriel aceitou comunicar com Mirelia, já acostumou falar muito. Um dia, Gabriel estava com Mãe e Mirélia o que Gabriel fez? Ele tem respeitar mãe, usa Libras com pessoas. Quando sem mãe esta e ele falar e sem Libras com Mirélia. Ele entendeu duas línguas cada respeitadas a mãe.

Com 3 anos, ele descobre letra G era nome próprio, chamou os pais, olhou e mostrar imagem letra “G” ele fez sinalizar: “G era meu nome”. Os pais respondem: isso é seu nome, explicou, você tem dois nomes, por exemplo, nome português Gabriel e nome em Libras (.....), eram duas línguas. Mas percebem que ele entende que tem duas línguas diferentes a cultura ouvinte e a cultura surda. Ele estava cara feliz, sabe era meu nome G, mas ainda não aprende completo nome, desenvolveu e treinamento. Ele percebeu mais forte visão, por exemplo, as imagens qualquer lugar tem principal a

letra “G”, ele percebeu “G” chamou a Mãe e o pai, o Gabriel diz: OLHOU ESTE MEU NOME G, sempre falou. Todas as manhãs ou final de semana, a mãe ou o pai e filho brincavam alfabeto em EVA, ao mãe/pai ensinou datilologia (alfabeto manual) todos, após fez atividade para Gabriel, por exemplo, mãe mandou sinal a letra “L” e Gabriel procurou e achar, acertar e errar. Mãe descobre que quase todo acertou e menos que F, T, K e P. Porque que F e T parecem forma a mão é igual, também K e P. Após mãe ensinou nome para ele soletrar G-A-B-R-I-E-L, treinou bastante. Percebeu que ele gostou muito datilologia. Ele tentou fazer certo o nome certo e só fez errado o que ele fez, G-A-B-R-L e só falta “I” e “E”. Quantos dias após, ele já aprendeu rápido ele fez certo nome próprio, também fez certo nome e sinal.

Avó do Gabriel (mãe do Gabriel) contou que Gabriel estava casa dos avôs, ela viu que Gabriel estava à frente TV, ele fez soletrar B-R-A-S-I-L, TV programa BRASIL. Avó estava emocionada, nunca viu que ele fez sozinho soletrar. Mãe lembrou.

O Gabriel começou vontade aprendeu soletrar alfabeto em Libras, pede a mãe que quer ajudar datilologia. Ele pegou qualquer o livro, sentou na sofá junta a mãe, ajudou o Gabriel fez soletrar em Libras.

Fim de semana, família foram passear na praça, o filho falou parar a mãe e ele disse: olhou mim e soletrou G-A-R-A-G-E-M e frente portão tem pintura letra escrita garagem, ele viu e consegue fazer sozinho soletrar, mãe ficou muito feliz, porque antes só mãe o ajudou, agora ele independeu aprender sozinho, também ele perguntou o que é garagem? Mãe responde explicar para ele, após continuando o caminhar mais um escrito na rua, ele fez soletrar S-O-T-O-M, rápido o perguntou o que é? Mãe explicou que era errada, a letra oposto, mãe mostrou rua oposto a letras, pede o ele de novo soletrar. Ele fez soletrar M-O-T-O-S. Mãe responde: sinalizar moto em Libras.

Ele adora escola do que antes, estudou lá e aprendeu muito coisas atividades novas e depois em casa, ele contou novidade muito sobre a escola e aos colegas para com pais, nem parou e falou muito. Quando os pais percebem que o filho comportou diferente, começou ele gostou na escola. As professoras dele pede o Gabriel ensinou cores e sentimentos (feliz, triste, bravo, medo), porque a professora ensinou sentimento emocional para alunos e ela aproveitou chamar o Gabriel ensinou Libras. Aos colegas dele pediram muitas vezes sinais novos e eles querem aprender mais e curiosidades, o

Gabriel já estava cansado e fingiu não saber sinal. Mas ele sabe Libras. Aos colegas adoram Libras e curiosos. Também ensinou as professoras aprendem. Este é importante para inclusão. Um dia maravilhosa, mãe levou o filho na escola, aos colegas vem à frente a mãe dele que elas sinalizam “OI BOA TARDE, TUDO BEM?” mãe estava emocionada forte e brilho olhos e seguro lagrima e depois saiu na sala e caiu enchente as lagrimas, coisa mais lindas, nunca viu aos colegas fizeram apresentar muito bonito e respeitado mãe surda e também inclusão de necessidades especiais. Também o filho da professora do Gabriel e chamado Eduardo, todos os dias que ele sinalizou “OI” à frente a Mãe do filho. Ele melhor amigo do Gabriel.

O Gabriel começou primeira aprender escrever as letras nome deles no caderno, nossa, já anos muito cedo, fez três anos e meio meses. Não pareceu e pensou que mais tarde 4 ou 5 anos aprender escrita. Ele mais cedo aprender escrita às letras. Ele ganhou um livro o título “Pato Branco contra a DENGUE e o BORRACHUDO”, tem atividade de cruzadinha, mas ele não sabe o que significado a cruzadinha, só que ele percebeu quadradinha dentro tem palavra e quer escrever também. Mãe ajudou que como colocar lugar certo e também perguntas (horizonte e vertical). Ele fez sozinho e escreveu copias as palavras, quando fim cruzadinho e ele me pede que queira mais escrever, e a mãe pegou papel rascunho e ele continuou escrito às letras, também ele pede que mãe soletrar em Libras e ele escrito o papel. É muito inteligente.

As fases mesmo três anos, ele perguntou aos pais que “por quê? O quê? O qualquer lugar e objeto, ele perguntou, por quê? sempre muitas vezes, conversou a mãe menos o pai, sempre explicou para filho que resposta porque. Até hoje ainda. Por quê o pai não conversou com filho, porque dia a todo o pai trabalho e mãe fica em casa com filho, tempo mais junto. Mas todas as noites pai e filho ficam em casa e sim conversam.

Ele já aprendeu que a professora explicou sobre conta história de crianças e tem livros na escolas, todas quartas-feiras empresta livros para leva casa e troco, a noite o filho sempre chamou a mãe deitavam na cama do Gabriel, ele escolheu um livro qualquer assunto o livro, mãe começou contar a história com Libras e após terminar contada a história e fez um orar antes dormir, todos os dias e nunca falta. Se a mãe

esquece contadas a história ou orar, ele avisou que “lebraste que você esquecer”. Também, ele sempre perguntou “Deus sabe Libras? Também ele me viu?”, a mãe responde: Deus sabe sim Libras, Claro que sim ele viu você. Ele sente medo e pegou cobertura e escondido, não quer a Deus viu que filho e mãe falaram sobre Deus. Porque a Deus sabe Libras e o filho vergonha falar sobre Deus, por causa ele sabe. Adora que jeito dele.

Ultimo domingo a noite, família estava assistir TV jornal Fantástico, o filho ouviu a palavra “DIABO”, ele rápido olhou o TV e imagem o diabo e a mãe estava distraída. O filho chamou mãe, ele fez oral sem voz fez devagar oral “DIABO”, mãe percebeu que entender com estranho e olhou TV, descobre por causa TV. Então, dou sinal para ele. O perguntou “o que é diabo?” A mãe explicou ele sobre Diabo. Ele estava curioso muito e novidade novo e quer aprender diferentes, sempre perguntar a mãe.

O Gabriel é muito esperto e mais visual do que comunidade surda, mãe falou que verdade. Nem acreditou, estava admirada. Então, uma manhã mãe e filho estavam assistiram TV programa “Dora Aventureira” para criança, apareceu a Bicha-Preguiça, mas ele não sabe sinal, dou sinal (CM) para ele. Mas percebeu a cara dele expressão facial que “duvida”, rápido responde.

- Filho disse: VOCÊ ERRADA.

Mãe pergunta: Por quê?

Porque Bicha-Preguiça tem três dedos, fez sinalizou (CM). Filho respondeu.

Mãe expressão admirada, não percebeu nada, como ele é criança e ouvinte mais visual forte do que comunidade surda. Porque dicionário de Libras completo sinal Bicha-Preguiça (CM) são dois dedos, como comunidade surda não percebeu visual a imagem animais e como criança ouvinte consegue forte visual. Esta interessa. Também adora que ele falou que engraçada que criou sinal, quando orar antes dormir, mãe falou orar, disse: “MAMÃE QUER FUTURO SUA VIDA BOA, NÃO QUER SUA VIDA RUIM”. O filho cortou e falou parar, o que é vida boa e ruim? Mãe explicou, após ele entendeu. Ele deu criar sinal VIDA BOA e VIDA RUIM. Como fazer? (CM) e (CM). Ele é muito esperto. Mas ainda orar mesmo falou estas vidas.

Este dia especial da mãe, último dia a mãe foi fazer a prova após ir a restaurante com família, terminaram almoço e pagou na caixa a frente um garçom dou

ganhar um bombom, por causa especial da mãe, Garçom pede o Gabriel que tradutor para mãe. Gabriel primeira vez interprete para mãe que sinalizou: “ELE FALOU QUE PARABÉNS DIA DA MAMÃE.” Mãe parece que não sabe como explicar palavras que Gabriel falou, emocionada forte e nunca viu a vida, caiu as lagrimas e este dia muito especial da vida, é primeira vez interprete de Libras. Saiu no restaurante a mãe abraçou forte e dou beijar todos os rostos dele e sem parar. Nem para pensar e emoção! Mãe sente muito orgulhosa. O Gabriel é muito importante que tem filho ouvinte CODA.

Então, explicou esta a história da vida do Gabriel, é muito importante CODA, o Gabriel já sabe muito bem duas línguas, mas já aprendeu inglês. Sabe onde ele aprendeu. Não vai o curso de inglês, Avôs, tias ou amigos não ensinam. Como? Ele sozinho aprendeu a internet Youtube a música inglês, só aprendeu que números, cores e alguns poucos vocabulários. Mãe não sabe, quem foi a madrinha do Gabriel (irmã da mãe do Gabriel) contou a mãe. Quase três línguas.

Ele tem respeito bem com os pais surdos. Na casa dos surdos que ele fez? Fala com voz ou usa Libras? Ele direto usa Libras sem voz na casa. Quando visita na casa dos avôs ou amigos ouvintes que ele falada muito. Ele sabe cada língua diferente e também sabe culturas são diferenças.

Ele tem amigo mais velho do que Gabriel, é surdo. Gabriel tem respeito e só usa Libras e apoiar, brincou, correu. Se um menino surdo gritou, mas ele não sabe, porque família dele não sabem Libras e não ensinar que aprender educado. Então, ele gritou o filho imitou também. Uma amiga da mãe do Gabriel, explicou o Gabriel, disse: “não pode gritar e feio”. Depois o Menino surdo gritou de novo, o Gabriel avisou “silêncio”, ajudou ele. Dois meninos amigos e gostavam muito. Mas o Gabriel entende diferentes amigos ouvintes e surdos, ele tem amigo surdo e ouvinte. Um dia ele brincou com amigos ouvinte e falada normal. Também muitos amigos surdos dos pais sempre visitar na casa, antes os pais avisam o Gabriel que amigos são surdos, o Gabriel já ficou saber, depois ele conversou com normal. Dependeu percebeu uma pessoa surda e meio ouvinte, ele perguntou a mãe ou o pai, disse: “ela não é surda, é ouvinte. Explicou ele, ouve pouco. Ele disse: Hum”, cara dele desconfiou. Ele sabe muito bem as culturas.

Até hoje o Gabriel nem parou e só falou muito Libras, criou a história, novidade, perguntas e respostas e todos os dias. A mãe sempre apoiou com ele, também ajudou novos vocabulários em Libras e só mais principalmente os verbos para estimular melhor desenvolver para interprete ou comunicar melhor.

ANEXO 2 - ALFABETO MANUAL DA LIBRAS - DATILOLOGIA



ANEXO 3 - VERSÃO DA DISSERTAÇÃO EM INTERLÍNGUA: LIBRAS E PORTUGUÊS

UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

ALINE BRANCALIONE

AQUISIÇÃO BILINGUE LIBRAS-PORTUGUÊS POR UMA CRIANÇA CODA

DISSERTAÇÃO EM ANDAMENTO

PATO BRANCO
2018

ALINE BRANCALIONE

AQUISIÇÃO BILINGUE LIBRAS-PORTUGUÊS POR UMA CRIANÇA CODA

Dissertação em andamento apresentada ao programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, para o exame de qualificação, como requisito parcial para obtenção do título de mestre em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Anselmo Pereira de Lima

Coorientadora: Prof^a. Ma. Mirélia Flausino Vogel

2018

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Sinal GABRIEL (antes x depois)	Erro! Indicador não definido.	2
Figura 2 – Sinal OI		12
Figura 3 – Sinal BOM DIA	Erro! Indicador não definido.	2
Figura 4 – Sinal BOA TARDE.....	Erro! Indicador não definido.	3
Figura 5 -Sinal BOA NOITE.....	1Erro! Indicador não definido.	
Figura 6 – Sinal TOMAR BANHO.....	Erro! Indicador não definido.	3
Figura 7 – Sinal MAMAR.....	1Erro! Indicador não definido.	
Figura 8 – Sinal CHEIRO MAL	Erro! Indicador não definido.	3
Figura 9 – Sinal DORMIR.....	1Erro! Indicador não definido.	
Figura 10 – Sinal MAMÃE AQUI	Erro! Indicador não definido.	4
Figura 11 – Sinal MAMÃE AMAR VOCÊ.....		14
Figura 12 – Sinal PAPAÍ CHEGAR	Erro! Indicador não definido.	4
Figura 13 – Sinal VOV@		15
Figura 14 – Sinal O QUE FOI?.....	Erro! Indicador não definido.	5
Figura 15 -Sinal POR QUÊ CHORAR?		15
Figura 16 – Sinal MAMÃE (defeito x original).....		38
Figura 17 – Animais em imagens na parede		41
Figura 18 – Banheiro.....		42
Figura 19 – Brinquedos de Gabriel.....		42
Figura 20 – Livro: “As <i>Palavras e palavras</i> ” e 600 palavras e figuras		42
Figura 21 – Pai sinalizando com o filho.....	4Erro! Indicador não definido.	
Figura 22 – Primeira vez, o filho produção sinalizar		45
Figura 23 – Expressões Faciais em animais		46
Figura 24 – Primeira vez, ele lendo e sinalizando. Sinal VIOLÃO.....		47
Figura 25 – Dias seguintes, Gabriel continua sinalizando		48
Figura 26 – Sinal BANDEIRA (defeito x original).....		54
Figura 27 – Sinal SUTIÃ (criação x original).....		55
Figura 28 – Sinal IOGURTE (criação x original).....		56
Figura 29 – Sinal TELEFONE / BORBOLETA.....		57
Figura 30 – Babá Vibradora		62
Figura 31 – Babá eletrônica em luminoso		62
Figura 32 – Babá Eletrônica Luminosa X Babá Eletrônica Vibratória.....		64
Figura 33 – Babá Eletrônica com câmera		64
Figura 34 – Pintinho Amarelinho no Youtube		67
Figura 35 – Sinal AGUÁ (defeito x original).....		68

Figura 36 – Sinal MAIS (defeito x original)	69
Figura 37 – Mirélia e Gabriel se comunicavam em Libras.....	70
Figura 38 – Surdocego e criança CODA estavam a conversar com Libras Tátil.....	75
Figura 39 – Mãe e filho tentavam a comunicar através a Libras Tátil	75

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

LIBRAS	Língua Brasileira de Sinais
CODA	Children of Deaf Adults
L1	Primeira Língua
L2	Segunda Língua
ASL	American Sign Language

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	08
1 O INÍCIO DA AQUISIÇÃO BILÍNGUE PELO CODA.....	11
1.2 O desenvolvimento visual pela criança CODA.....	16
1.3 Análise.....	18
2 INTERFERÊNCIA DA PARTE OUVINTE DA FAMÍLIA NA ATENÇÃO DO CODA: COMPETIÇÃO SOM VERSUS IMAGEM.....	20
2.2 As várias formas de Comunicação dos surdos.....	21
2.3 Análise.....	25
3 DUAS LÍNGUAS UMA ORDEM DE PRIORIDADE.....	26
3.1.1 Participação da família materna e paterna.....	27
3.2 Nas L1 e L2 pelo Bilíngue.....	28
3.3 Análise.....	30
4 NOVA EXPERIÊNCIA FAMILIAR: CONCILIAR VIDA DO TRABALHO, VIDA EM FAMÍLIA E CUIDADOS COM O FILHO SEM AUXILIO DIRETO DAS AVÓS.....	31
4.1.1 O pai cuida o filho.....	32
4.1.2 Mãe trabalho fora.....	32
4.2 Aquisição à Língua Materna.....	33
4.2.1 Sociedade Ouvinte desconhecido na comunidade surda.....	34
4.3 Análise.....	36
5.1 PRIMEIRO SINAL.....	38
5.2 Balbucio Manual.....	39
5.3 Análise.....	40
6.1 PAIS ESTIMULAM FILHO UTILIZANDO DESENHO DE ANIMAIS E SINAIS....	41
6.1.1 Filmagem: pais estimulam filho, sinais e brinquedos.....	43
6.1.2 Crescimento do vocabulário: resultado do estímulo.....	45
6.1.3 Gabriel lê livro: palavras e imagens.....	47
6.2 Didática para estimulação da sua língua por criança Coda.....	48
6.2.2 Apontação.....	51
6.3 Análise.....	52
7.1 CRIANÇA CODA DESENVOLVENDO LIBRAS COM DEFEITO.....	54
7.1.1 Cria sinais, cria palavras; experimentação com as línguas.....	55
7.2 CRIAÇÃO DE SINAIS FAMILIAR EM BASE ICÔNICA.....	57
7.3 Análise.....	58
8.1 FORMAÇÃO DE FRASES E AUMENTO DO VOCABULÁRIO.....	59
8.2 Desenvolvimento combinação as orações.....	59

8.3 Análise.....	60
9.1 ESTRATÉGIA DOS PAIS PARA COMUNICAÇÃO NOTURNA COM FILHO: BABÁ VIBRADORA.....	61
9.2 Babá vibradora no auxílio na rotina diária.....	62
9.3 Análise.....	65
10.1 VIDA EM SILÊNCIO: OS PAIS SURDOS BUSCAM FORMA DE ESTIMULAR A AUDIÇÃO DO FILHO.....	66
10.1.1 CODA e as dificuldades de comunicação com a comunidade ouvinte...67	
10.1.2. Primeira vez férias: avó paterna e neto não se entendem.....68	
10.1.3 Fala em Libras com ouvinte fluente em LIBRAS.....70	
10.2 Influência da oralidade sobre a sinalização ou dificuldade de comunicação.....	71
10.3 Análise.....	72
11 FILHO CODA APRENDENDO MAIS AS NOVAS LÍNGUAS ESTRANGEIRAS...74	
11.2 Nova aprendizagem da multilíngue.....	76
11.3 Análise	
Referências.....	77

INTRODUÇÃO

Meu objetivo da temática da pesquisa sobre o meu filho CODA, pois, preocupação e afeto as crianças CODAS e surdas, principalmente as crianças aquisição a primeira a língua materna pelo nosso peito. Os pais surdos poderiam o meio de comunicação com os filhos CODAs no cotidiano.

Estes estudos teóricos sobre CODA, Children Of Deaf Adults, traduzido para o português como filhos de pais surdos. Um dos pontos interessantes destes é o apreender que os CODA têm duas línguas maternas – Língua de Sinais e Língua Portuguesa, pois, um CODA, geral, cresceu em meio a duas culturas, duas línguas e experiências visuais, distantemente de outras crianças normais que não são filhas de surdos. Desta forma, estas crianças ouvintes crescem em ambiente bilíngue e bicultural. Fundada em 1983, pela organização internacional *Children of Deaf Adults* (CODA)⁸, sediada nos EUA, vivenciam experiências muito semelhante, se reconhecendo como pessoas biculturais. No caso da associação, é empregada a sigla CODA, usada com letras maiúsculas para referir-se à organização, em contraste com a palavra de letras minúsculas, e se refere às pessoas.

Quando fiquei jovem, comecei a desenvolver o interesse sobre as crianças CODAs. Observava a relação entre pais surdos e crianças ouvintes e queria saber qual a língua dominante dos filhos ouvintes no cotidiano. Assim, fui observando que os próprios pais surdos influenciavam os filhos CODAs a aprenderem primeiramente a Língua Portuguesa, porque tinham preocupação de que se este aprendizado ocorresse tardiamente, poderia comprometer o seu desenvolvimento. Poderia ser que as crianças perdessem o interesse a língua materna dos pais surdos. Algumas ouvintes faltam de conhecimento a cultura surda e um mundo e duas línguas maternas. Afirmado que as crianças capacidade duas línguas e duas culturas e sem atrapalha o desenvolvimento da linguagem.

Vygotsky (1989) afirma que:

⁸Fonte: <http://www.coda-international.org>

(...) o desenvolvimento cognitivo das crianças é construído a princípio por processos biológicos, em seguida orientado por interações sociais que favorecem o desenvolvimento das habilidades cognitivas. Aprender não é o mesmo que desenvolver. Contudo, para aprender é preciso desenvolver. O processo do desenvolvimento do pensamento infantil vem em decorrência do social. Começa do social para o individual tendo como pressuposta interação.

O desenvolvimento cognitivo é construído a língua materna é primeira Libras por pais surdos convive em casa. Segunda língua adquire com social para interação a falada.

Aos vinte e quatro anos me casei com um surdo e assim que descobri que estava grávida do meu primeiro filho, como casal surdos também tivemos a inquietação sobre qual a melhor L1 para o nosso bebê e assumimos o compromisso de, quando o filho nascer, sendo ele ouvinte ou surdo, nós ensinaríamos a ele como (L1) primeira língua, a língua materna da família, a língua de sinais brasileira, e depois, na relação com familiares e amigos ouvintes ele aprenderia também, naturalmente, a Língua Portuguesa como segunda língua (L2). Para Quadros (1996, p.1),

Qualquer língua, seja ela falada, sinalizada ou escrita, representam possíveis manifestações da faculdade da linguagem¹. Assim, a aquisição de uma L1 e/ou de uma L2, independente da modalidade, envolve processos internos. Tais processos são determinados pela capacidade para linguagem específica dos seres humanos e apresentam uma sequência natural. É por essa razão que se torna possível identificar processos comuns de aquisição de qualquer língua (falada, sinalizada e/ou escrita).

Deste modo, quando meu filho nasceu, nós preparamos a estimular o filho ouvintes através comunicação pela língua de sinais. Desde o tempo, primeiros dias de vidas, iniciando a aquisição da Libras pelo meu filho, cujo nome é GABRIEL.

Eu e meu marido nascemos ouvintes e após ficamos surdos, caso doenças. Eu nasci ouvinte, com 9 meses ficava febre altas e levou-a na consulta e dou o remédio errado e perdeu audição. O Pai mesmo era ouvinte, avó paterna acreditou que ele pegou a doença pela meningite, em mais ou menos seis meses de vida, perdeu a audição.

Como vivemos agora? Somos normalmente a vida, fluência a Libras, formandos da graduação e pós-graduação. Ele trabalha os professores da Libras, uma professora universitária e outro um professor estadual.

Nesse estudo, principalmente o focado Vygotsky (1989/1993) e Quadros (1997), investigação e observação sobre aquisição a linguagem de crianças e também à Libras. A linguagem é o principal instrumento de desenvolvimentos das funções complexas do pensamento, como memória e abstração. Para Vygotsky (1993, p.44),” [...] o crescimento intelectual da criança depende de seu domínio dos meios sociais do pensamento, isto é, da linguagem”.

Quando a infantil domina a linguagem ocorrem transformações no modo de forma relação com seu central, das novas formas de comunicação e de organização de pensamento que são estimuladas pelo uso da linguagem. O caso das crianças ouvintes de pais surdos, na aquisição da linguagem e da sua língua de sinais pelos pais aos seus filhos de forma natural, prontamente que o ambiente linguístico é saudável para essa aprendizagem e sem barreiras de comunicação.

Segundo Laborit (1994, p.9), explica dessa forma com seu ponto de vista sobre emprega o termo ‘natural’:

Utilizo a língua dos ouvintes, minha segunda língua, para expressar minha certeza absoluta de que a língua de sinais é nossa primeira língua, a nossa, aquela que nos permite sermos seres humanos ‘comunicadores’. Para dizer, também, que nada deve ser recusado aos surdos, que todas as linguagens podem ser utilizadas, sem gueto e sem ostracismo, a fim de se ter acesso à vida.

Para Quadros e Karnopp (2004) e têm os vários pesquisadores, descrevem a Língua de Sinais Brasileiras – Libras, como uma língua que tem regras de organização gramatical em todos os níveis: fonológico, morfológico, semântico e pragmático. Por ser uma língua minoritária, sinalizada por um grupo específico: surdos, famílias, interpretes e professores bilíngues, ainda existem mitos em relação ao status de língua verdadeira da Libras. É equivocada considerada somente uma mímica.

A pesquisa de focada no CODA, meu filho Gabriel, primeiros anos de vida até 5 anos. Eu fiz filmagens de vídeos que Gabriel sinalizando, quando começa a primeiro sinal, duas palavras combinações, aquisição as bilíngues e biculturais, bem assim, observei a qual dificuldade a relacionar com sociedades e histórico-cultura. Todas partes de capítulos, faixas de idades, o desenvolvimento da aquisição de linguagem e relato de experiências pela mãe surda estudando de mestrado com meu filho.

1 O INÍCIO DA AQUISIÇÃO BILÍNGUE PELO CODA

A aquisição bilíngue Libras/Português pelo meu filho CODA⁹ iniciou pela comunicação com seus pais surdos através da Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS e com os membros ouvintes da família, uma tia e avós maternos e avó paterna, através da Língua Portuguesa.

Desde o seu nascimento em 17 de abril de 2011 até os dias de hoje a comunicação entre os pais surdos e o filho ouvinte-CODA se estabeleceu através da Libras. Já nos primeiros dias de vida nos preocupamos em usar somente a Língua de Sinais e começamos a estimular o bebê ao contato visual, frente a frente, porque queríamos que o filho aprendesse o contato pelos olhos, que prestasse atenção à nossa forma de comunicação e também se acostumassem a olhar e a interagir conosco somente através do uso dos sinais.

O aspecto visual é umas das principais características culturais do “ser” surdo. Assim, era muito importante fortalecer esse aspecto na criança, para que ele, desde os primeiros dias de vida aprendesse a entender o mundo e a se comunicar conosco também pela visão.

Entre o povo surdo o contato visual e a comunicação pelo os olhos é utilizada em substituição à audição. Essa experiência visual faz parte da construção de sua identidade e cultura. Assim, no dia a dia, estimulamos e treinamos o nosso filho ouvinte a desenvolver, junto à compreensão da Libras, às percepções visuais, já que a fala e a audição não são utilizadas em nosso grupo familiar.

Para isso foi indispensável o olhar frente a frente, e a continua repetição dos sinais. Fui percebendo que a atenção do bebê foi se voltando cada vez mais para as minhas mãos e a partir daí, qualquer movimento de mãos que eu fazia chamava a atenção dele e com a repetição dos sinais a aquisição da Libras foi acontecendo.

Cada dia era uma nova aprendizagem pelo bebê. Comecei, junto com o pai, a estimular o nosso filho CODA a perceber a nossa forma de comunicação através de pequenas frases do dia a dia, como mostra os SINAIS a seguir:

⁹ O termo CODA – Children of Deaf Adults, traduzido para o Português como Filhos Ouvintes de Pais Surdos.

Figura 1: Sinal GABRIEL (antes e depois)



Este foi um dos primeiros sinais sinalizados para Gabriel. A Letra “G” (Datilologia), para indicar o nome dele. Mas, aos sete meses, Gabriel foi batizado pelo pai em Libras, com outro sinal que representará para sempre o seu nome, na Comunidade Surda.

Sinais do dia a dia:

Figura 2: Sinal OI



Figura 3: Sinal BOM DIA



Figura 4: Sinal BOA TARDE



Figura 5: Sinal BOA NOITE



Figura 6: Sinal TOMAR BANHO

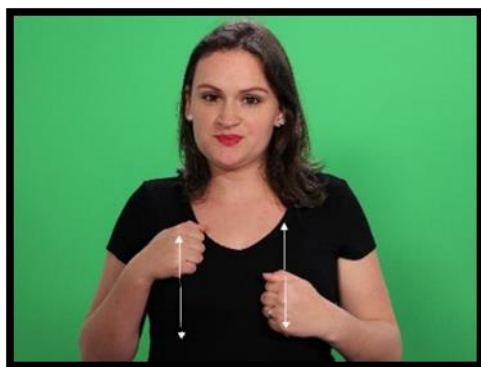


Figura 7: Sinal MAMAR



Figura 8: Sinal CHEIRO MAL

Figura 9: Sinal DORMIR



Figura 10: Sinal MAMÃE AQUI

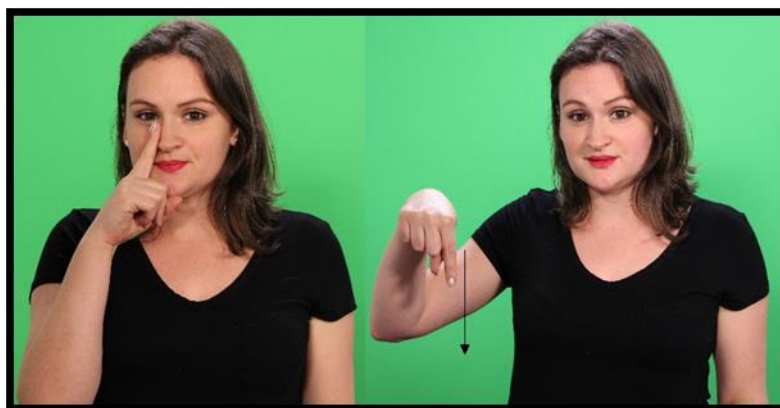


Figura 11: Sinal MAMÃE AMAR VOCÊ



Figura 12: Sinal PAPAÍ CHEGAR

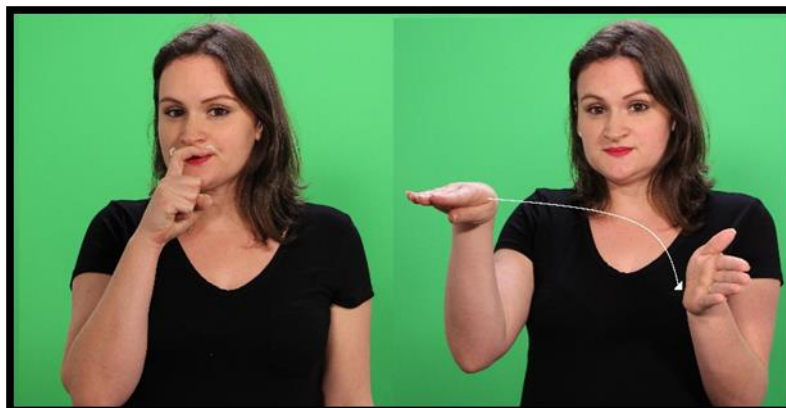


Figura 13: Sinal VOV@



Figura 14: Sinal O QUE FOI?



Figura 15: Sinal POR QUE CHORAR?



1.2 O desenvolvimento visual pela criança CODA

Eu acredito que o desenvolvimento visual pela criança CODA é muito importante para a convivência com os seus pais surdos, usuários da Língua de Sinaise na vivência com a cultura surda e comunidade surda. Os pais surdos precisam, desde o berço, influenciar o bebê às experiências visuais.

Os autores surdos Perlin e Miranda afirmam que:

Experiência visual significa a utilização da visão, em (substituição total à audição), como meio de comunicação. Desta experiência visual surge a cultura surda representada pela língua de sinais, pelo modo diferente de ser, de se expressar, de conhecer o mundo, de entrar nas artes, no conhecimento científico e acadêmico. [...] (PERLIN e MIRANDA, 2003 apud STROBEL, 2008, p. 39).

Strobel (2008, p. 38) concorda e diz que o sujeito surdo percebe o mundo através dos seus olhos.

O primeiro artefato¹⁰ da cultura surda é a experiência visual em que os sujeitos surdos percebem o mundo de maneira diferente, a qual provoca as reflexões de suas subjetividades: De onde viemos? O que somos? E para onde queremos ir? Qual é a nossa identidade?

¹⁰ [...] o conceito “artefatos” não se referem apenas a materialismos culturais, mas àquilo que na cultura constitui produções do sujeito que tem seu próprio modo de ser, ver, entender e transformar o mundo. (STROBEL, 2008, P.37)

Assim, mesmo sabendo que meu filho era ouvinte, pensei em torná-lo mais próximo à cultura surda da família, à cultura visual, e comecei a treiná-lo para que se tornasse mais visual e menos ouvinte, o que facilitaria a nossa comunicação e o seu desenvolvimento no contexto da surdez.

A pesquisadora Perlin, que é surda, afirma sobre a cultura surda que

A cultura como diferença se constitui numa atividade criadora. Símbolos e práticas jamais conseguidos, jamais aproximados da cultura ouvinte. Ela é disciplinada por uma forma de ação e atuação visual. Já afirmei que ser surdo é pertencer a um mundo de experiência visual e não auditiva. Sugiro a afirmação positiva de que a cultura surda não se mistura à ouvinte. Isso rompe o velho *status* social representado para o surdo: o surdo tem de ser um ouvinte, afirmação que é crescente, porém oculta socialmente. Rompe igualmente a afirmação de que o surdo seja um usante da cultura ouvinte. A cultura ouvinte no momento existe como constituída de signos essencialmente auditivos. (Perlin, 1998, p. 56).

Eu tentava estimular o contato visual no dia a dia, mas o bebê ouvinte estava cercado de vários sons: o barulho da TV ligada, das pessoas que falavam ao redor, dos pássaros cantando, dos carros que passavam na rua.

Segundo a autora Karnopp

O input visual é, obviamente, necessário para que o bebê passe para etapas posteriores no desenvolvimento da linguagem. Aspectos como o contato visual entre os interlocutores, isto é o olhar fixo do bebê surdo na face da mãe/pai, o uso de expressões faciais, a atenção que o bebê surdo coloca no meio visual, a produção de um complexo balbúcio manual, de gestos sociais e do 'apontar' são aspectos relevantes para o desenvolvimento linguístico da criança. (KARNOPP, 2004, P.82)

Sacks (1998) afirma que os sujeitos surdos usuários da língua de sinais mostram-se muito competentes na capacidade visual e completou que a pessoa surda "pode desenvolver não apenas a linguagem visual, mas também uma especial sensibilidade e inteligência visual" (p. 118).

E essa inteligência visual foi perfeitamente absorvida pelo meu filho CODA, ele foi desenvolvendo a sua comunicação através de muito contato visual, expressões facial e corporal que eu utilizava, aproveitando, principalmente, os momentos da amamentação.

Segundo Vygotsky (2001),

Todo individuo nasce com condições e capacidades para aprender, guardar informações e adquirir conhecimento. O aprendizado passa a fazer parte da vida de um ser humano assim que ele nasce, por meio das interações e mediações. (P.44).

Sobre a identidade surda, Strobel (2008, p. 44) comenta:

A língua de sinais é uma das principais marcas da identidade de um povo surdo, pois é uma das peculiaridades da cultura surda, é uma forma de comunicação que capta as experiências visuais dos sujeitos surdos, sendo que é esta língua que vai levar o surdo a transmitir e proporcionar-lhe a aquisição de conhecimento universal.

É importante que os pais estimulem com os bebês estiver perceptivo aprofundamento os objetos ou as figuras no campo, conseguirem adquirir o desenvolvimento cognitivo e já nasce aprendida e os pais ou outras as pessoas não precisam ensinar e apenas principal o que deve olhar. Portanto, o bebê já começou a olhar o movimento o desenvolvimento a linguagem completa, essencial que perceptivo é muito valorização do que outro sentido. Também o bebê com estimulação visual ou a prática o desenvolver mais rápido da coordenação olho e mão, a ambiente novo conhecimento, que conseguir pegar ou perceber a aprendizagem. Acreditei certamente que desenvolvimento visual e perceptivo é muito mais importância que os bebês CODAS e os bebês surdos, entretanto, os bebês surdos e pais surdos ou pais ouvintes sabiam a língua de sinais do menos sem saber a língua.

O Gabriel é muito esperto e mais visual do que comunidade surda, mãe falou que verdade. Nem acreditou, estava admirada. Então, uma manhã mãe e filho estavam assistiram TV programa “Dora Aventureira” para criança, apareceu a Bicha-Preguiça, mas ele não sabe sinal, dou sinal (CM) para ele. Mas percebeu a cara dele expressão facial que “duvida”, rápido responde.

- Filho disse: VOCÊ ERRADA.

Mãe pergunta: Por quê?

Porque Bicha-Preguiça tem três dedos, fez sinalizou (CM). Filho respondeu.

Mãe expressão admirada, não percebeu nada, como ele é criança e ouvinte mais visual forte do que comunidade surda. Porque dicionário de Libras completo sinal

Bicha-Preguiça (CM) são dois dedos, como comunidade surda não percebeu visual a imagem animal e como criança ouvinte consegue forte visual. Esta interessa.

1.3 Análise

Como primeira análise posso dizer que foi muito importante estimular o bebê, desde os primeiros dias de vida, ao uso da língua de sinais, a língua materna da família e ao contato visual. Assim, mesmo dentro de um mundo sonoro, o CODA foi, naturalmente, desenvolvendo a experiência visual e assumindo mais e mais a identidade e cultura surda.

O bebê foi entendendo a sinalização dos pais no cotidiano e os sinais da Libras, como por exemplo: comer, banho, dormir. Foi aprendendo as diversas ações dos pais, através das sinalizações e expressões faciais como sorrir, chorar, afirmar e perguntar. Esse desenvolvimento da aquisição da Libras pode ser bem percebido, porque quando chegava à minha casa pessoas ouvintes que falavam com o bebê, ele dava mais atenção às mãos e ao rosto das pessoas do que à sua voz. Isso para nós, pais surdos foi muito importante e nos motivou a continuar estimulando o nosso filho à aprendizagem da língua de sinais, que seria a sua L1, primeira Língua.

2 INTERFERÊNCIA DA PARTE OUVINTE DA FAMÍLIA NA ATENÇÃO DO CODA: COMPETIÇÃO SOM VERSUS IMAGEM

Depois que eu tive meu filho, eu fiquei na casa dos meus pais até o bebê completar três meses e meio, em função dos cuidados para com ele, já que eu era surda e bem inexperiente e se tratava do meu primeiro filho.

Os avós maternos e uma tia que auxiliavam nos cuidados a ele são ouvintes e dominam bem a Libras. Na casa dos avós sempre havia muito som e barulho, então o bebê começou a mostrar-se curioso com os diversos tipos de sons, e à forma dos ouvintes se comunicarem com ele usando a fala e alguns gestos para lhe chamar a atenção.

Como eu e o pai só usávamos a Libras para nos comunicar com o nosso filho, os avós e a tia se preocuparam em estimular a oralidade, a fala do bebê e a sua audição, devido ao medo de, sendo ele ouvinte, ocorrer algum comprometimento no desenvolvimento da sua linguagem. Assim, a família ouvinte começou a trabalhar com ele alguns estímulos a fim de chamar-lhe a atenção. Usavam diversos tipos de vozes, batiam palmas, ligavam sons em brinquedos para bebês, cantavam para ele canções de ninar e etc.

Um dia, eu estava sozinha no quarto com o bebê e comecei a interagir, conversar com ele sinalizando com as mãos – Libras, conforme sempre fazia. Porém, levei um susto. Meu filho não me deu a menor atenção, virando o seu rostinho para os diversos lugares de onde vinham alguns sons. A partir deste dia, e mais exatamente, quando ele completou três meses, percebi que ele começou a dar mais **atenção** aos sons que ouvia e à fala das pessoas do que à comunicação com os pais através dos sinais e da visão. Fiquei muito triste e apreensiva e sem saber o que exatamente fazer. Chamei meu marido e expliquei a ele o que aconteceu foi então que decidimos que, como pais, era mais importante para nós que o nosso filho CODA continuasse firmando a sua atenção à língua de sinais e aprendendo a se comunicar conosco somente através dela. Então, chamamos a família, conversamos e pedimos que eles se comunicassem com o bebê, utilizando o Português falado e a Libras – **Comunicação Bimodal** - assim Gabriel iria adquirindo as duas línguas com duas modalidades

distintas, uma língua sinalizada e uma língua falada, o que contribuiria para que ele não se perdesse ou se desinteressasse pela forma de comunicação para com os pais surdos.

A família respeitou a nossa decisão e a partir de então só utilizou a Comunicação Bimodal com o bebê. Eu percebia que ele prestava muito atenção também a essa forma de comunicação que produz simultaneamente a fala e os sinais

2.2 As várias formas de Comunicação dos surdos

A história da educação dos surdos mostra que houve diversas formas de realizar a comunicação com os surdos. Dentre eles destacam-se o oralismo, a comunicação total, o bimodalismo, bilinguismo e Língua de sinais.

Abordagens Educaionais dos métodos de comunicação dos surdos;

- **Oralismo**

Na Década de 80, o principal objetivo do método Oralista é desenvolver a fala do surdo, porem os defensores deste método para a comunicação e desenvolvimento integral das crianças surdas. Foi proposta e defendida em o evento internacional realizado em Milão/Itália chamado “Congresso Internacional de Educação de Surdos”. Para o oralismo, linguagem é um Código de formas e as regras estáveis, a pessoa surda deve aprender a falar por meio de reabilitação da fala em direção à “normalidade” e na escrita sua via de manifestação mais importante.

A autora destaca que

O Oralismo percebe a surdez como uma deficiência que deve ser minimizada pela estimulação auditiva. Essa estimulação possibilitaria a aprendizagem da língua portuguesa e levaria a criança surda a integrar-se na comunidade ouvinte e desenvolver uma personalidade como a de um ouvinte. Ou seja, o objetivo do Oralismo é fazer uma reabilitação da criança surda em direção à normalidade. (GOLDFELD, 2002, p. 34).

Após o Congresso, a metodologia Oralista, utilizado que a maioria das escolas na educação de surdos de vários os países. Foi proibida a língua de sinais, essa começando uma longa e sofrida do povo surdo para defender o direito linguístico por sua língua natural, a língua de sinais.

- **Comunicação Total**

Após o método oralista, foi outro o método que ficou chamado Comunicação Total. A principal meta o uso qualquer estratégia que pudesse a permitir por meio de comunicação das pessoas surdas. Este método modelo combinava que a língua de sinais, gestos, mímicas, leitura labial, entre outros recursos, com o desenvolvimento da língua oral.

Para Ciccone (1996, p. 06-08),

A Comunicação Total é uma filosofia de trabalho voltada para o atendimento e a educação de pessoas surdas. Não é, tão somente, mais um método na área e seria realmente, um equívoco considerá-la, inicialmente, como tal (...). A Comunicação Total, entretanto, não é uma filosofia educacional que se preocupa com ideais paternalistas. O que ela postula, isto sim, é uma valorização de abordagens alternativas, que possam permitir ao surdo ser alguém, com quem se possa trocar idéias, sentimentos, informações, desde sua mais tenra idade. Condições estas que permitam aos seus familiares (ouvintes, na grande maioria das vezes) e às escolas especializadas, as possibilidades de, verdadeiramente, liberarem as ofertas de chances reais para um seu desenvolvimento harmônico. Condições, portanto, para que lhe sejam franqueadas mais justas oportunidades, de modo que possa ele, por si mesmo lutar em busca de espaços sociais a que, inquestionavelmente, tem direito.

A Comunicação Total não surtiu o resultado satisfatório, visto que a sua abordagem defendia o uso simultâneo das duas línguas: a fala e os sinais (bimodalismo).

- **Práticas Bimodais**

Na implementação das diretrizes da comunicação total, o trabalho pedagógico envolve interlocuções em sala na aula centradas em Práticas Bimodais, a partir de elementos das línguas falada e de sinais. Trata-se de práticas de comunicação em que estão envolvidas duas modalidades, fala e sinais, usadas concomitante; também podem incluir outros recursos.

O bimodalismo ou português sinalizado consiste no uso simultâneo de sinais e da fala, obedecendo à estrutura da língua oral.

Essa forma de comunicação surgiu na década de 70, como um dos métodos da Comunicação Total, está que na expectativa de acabar com o oralismo, defendia todos os meios que pudessem facilitar a comunicação entre ouvintes e surdos.

Hoje, a maioria dos autores da área da surdez mostra-se contrário ao uso da comunicação bimodal.

Para Gorski e Freitag (2010),

O uso simultâneo entre as duas línguas (línguas falada e português sinalizado), apesar de proposto pela comunicação total, não tem respaldo teórico. Na verdade, tal conciliação nunca foi e nem poderia ser possível, devido à natureza extremamente distinta das duas línguas em questão. Sendo assim, não demorou muito para que a comunicação total cedesse lugar ao bilinguismo. (p.17)

Goes (1994) a ideia de que:

[...] o uso simultâneo de uma língua oral e uma língua de sinais é impraticável se se quer preservar a estrutura das duas. E chama a atenção para outro indicador da impossibilidade de ajuste fala-sinais: a plena simultaneidade não poderia existir também porque expressões faciais e movimentos da boca, que estão implicados em muitos sinais, são incompatíveis com a articulação oral das palavras a eles correspondentes. (p. 159)

Porém existe também a concepção de que os CODAs representam um grupo de bilíngues bimodais, pois seus pais usam uma língua sinalizada e moram num país onde se usa uma língua falada, são bilíngues por falar em duas línguas e bimodais por se tratar de línguas de diferentes modalidades, ou seja, no caso do Brasil, a Libras e o Português.

Segundo Petitto (2001, apud Quadros, Lililo-Martin e Chen-Pichler, 2013, p. 381)

As crianças bilíngues são sensíveis ao interlocutor, ou seja, escolhem a língua alvo de acordo com quem está interagindo. No caso específico das crianças bilíngues bimodais, as pesquisas verificaram que o desenvolvimento linguístico é alcançado em cada língua, de forma consistente, assim como observado em crianças bilíngues mono-modais (PETITTO et al., 2001).

Nesse estudo as autoras ainda concluíram que:

(5) não há necessidade de criação de mecanismos específicos para explicar o comportamento de bilíngues bimodais e bilíngues unimodais; (6) a aquisição da linguagem em crianças bilíngues bimodais acontece por meio das duas línguas de forma análoga a de crianças bilíngues unimodais; (7) as diferenças decorrentes do desenvolvimento bilíngue bimodal estão relacionadas com a diferença na modalidade, ou seja, parecem ser exclusivas da interface articulatória-perceptual; (8) bilíngues bimodais com implante coclear com acesso à língua de sinais e à língua falada precocemente apresentam um desenvolvimento análogo ao observado em crianças bilíngues bimodais; (9) as línguas estão sempre disponíveis aos bilíngues e podem ser acessadas de forma alternada ou simultânea, neste último caso, se forem em modalidades diferentes. (p.387)

Mas para mim e meu esposo, fazer com que a família ouvinte usasse a comunicação bimodal foi melhor forma que encontramos para que o filho CODA não perdesse a atenção à Libras.

A pesquisa verificação sobre imagem e som e também dos pais surdos comentaram a acreditar que essencialmente na aplicasse a imagem a visão geral para chama atenção de a criança a aquisição da linguagem e a construção do cérebro de cognitivo cada vez, “A visão tem importância primordial em todos os aspectos de nossa vida cotidiana” (FARRONI, 2013). Bem como, está à importância que o filho CODA praticar do som, porque ele é ouvinte deveu reconhecimento nos sons e vozes, o principalmente que primeiro lugar aprender o olhar/visão e em seguindo a som/vozes. De acordo autores demonstrassem:

Segundo Schirmer et al (2004) a criança ao nascer, utiliza o choro, que é a primeira forma de comunicação na qual poderá ser estimulada com sons e vozes. Ela tem também a habilidade de usar o olhar, a expressão facial, e o gesto para se comunicar com os outros, além de poder discriminar precocemente os sons da fala. [...] (CAVALCANTI e ROLDÃO, 2014).

Característica da atenção que foi a humana, assim como começa a usar da percepção, o sujeito tem cada capacidade de desenvolvimento a apreender do conhecimento sócio- cultural e histórico, o nascer já possui uma espécie de atenção denominada por Vygotsky (2001) de instinto – reflexivo, ou seja, uma atenção involuntária, não intencional, guiada por instinto e por estímulos fortes, como a luz e o som alto, dentre outros.

A criança estiver atenta ao ouvir o som, olhar diante as mãos movimentos, perceber de objetos coloridos em movimentos e também vira-cabeça rapidamente o perceber algo os indivíduos, ou seja, no ambiente encontra, ela conhecimento de desenvolvimento da atenção e reflexo a linguagem. Por interesse de Vygotsky (2001, p. 162):

Na fase inicial da vida, a atenção é de caráter quase exclusivamente instintivo-reflexo, e só gradualmente, através de um treinamento longo e complexo, transforma-se em atitude arbitrária que é orientada pelas necessidades mais importantes do organismo e, por sua vez orienta todo o desenrolar do comportamento.

É importante uma estimulação de processo a aprendizagem de o bebê, os pais surdos deem-no atenção espacial à comunicação visual: a língua de sinais, o objeto, o

desenho, a figura e etc. como interação percepção e baseado apenas sua própria experiência, conhecimento de aprendizagem de desenvolvimento a linguagem. Como bem, o filho ouvinte necessita à atenção para adquirir linguagem um domínio das línguas sinais e faladas e capacidade de atenção é valorização do campo visual para meio de comunicação das pessoas surdas.

O desenvolvimento da atenção visual de crianças ouvintes e surdas no primeiro ano e meio de vida foram descritos por Spencer (2000), indicando que esta coordenação da atenção visual precoce está associada e potencialmente influenciada pela complexidade das interações, das experiências comunicativas e de outras habilidades do desenvolvimento. A valorização do canal visual como caminho intacto para a comunicação da criança surda é enfatizada por muitos autores (Lichtig et al., 2001; Spencer, Swisher&Waxman, 2004). Aprender a coordenar a atenção visual entre objetos e a comunicação dos pais é especialmente importante para que crianças surdas tenham acesso a informações lingüísticas (Spencer, 2000; Spencer, Swisher&Waxman, 2004). (ALVES, 2009, p.10)

Para Vygotsky, é relevante perceber a “língua não apenas como uma forma de comunicação, mas também como uma função reguladora do pensamento”.

2.3 Análise

Com pouca dificuldade, e que chamar a atenção dos olhos de Gabriel para os pais surdos sinalizadores, e era fracasso, de tal forma que em casa do som que ele se mais atenção de audição com som menos que os olhos. Desde em três meses ficamos em casa dos avôs.

Mas, nós nunca desistimos que para estimulamos-lhes chamar a atenção com o Gabriel, sempre firmamento. Um dia vai mudar na casa de silêncio, ele vai aprender que como a conviver os pais em silêncio e seu sentimento que os ouvidos substituírem os olhos. Em breve que como ele sentir e conhecer que ambiente de silêncio. Vou explicar o outro capítulo sobre atenção.

O Bimodalismo para avôs do Gabriel usasse ainda até hoje, mas não é só este e alguns usam a falada sem sinais. Nós só queríamos que avôs mostrassem de sinais/falada de o Gabriel percebeu a conhecer duas as línguas distintas para aprendizagem a aquisição da linguagem as línguas de sinais/oral. Depois troca o método que bilinguismo, aprender duas línguas sem simultâneo, por exemplo, sujeito surdo utiliza

sinalizado e outro ouvinte utiliza falados ensinamento e correção à linguística de Libras e Português, às vezes ouvinte usa Libras.

3 DUAS LÍNGUAS UMA ORDEM DE PRIORIDADE

A mãe do Gabriel pede dos avôs e da tia que se obriga usar sinais e oral pelo o pequeno Gabriel. Porém, os pais surdos preocupados e/ou medos que o Gabriel se cresça que aquisição a aprender primeira da língua falada sem os sinais, pode ser o futuro que a criança não se interesse a língua materna dos pais e na comunidade surda.

Eles sabem a língua de sinais, conhecimento bem da cultura surda e também se participarem na comunidade surda e associação dos surdos, haviam respeitado que a língua materna e da família surda, eles acreditavam que importante o Gabriel aprendeu duas línguas Libras/ Portuguesa. Pessoas ouvintes utilizado bimodal e o uso de brinquedo para que indicou mostrar o Gabriel.

Não somente uma a língua, ele se aprendeu bilíngue. Todavia que principalmente em o primeiro lugar que o filho ouvinte aprendesse a língua L1¹¹ da família surda e em a segunda língua L2¹² contato as pessoas ouvintes e na escola e na comunidade ouvinte.

Nós combinamos entre esses dois campos, os pais surdos estimulam sinalizar, ensinar, brincar com o filho CODA, e os avôs e a titia também o mesmo que os pais fizeram e somente estímulo a falar e oral, entretanto uso da Libras os dias.

Um dia certo, o Gabriel era pequeno dois ou três meses, da mãe e da Tia (irmã) conversamos e sinalizamos qualquer assunto de adulto e o Gabriel olhando muito que através as mãos delas, e parecido que ele lhe entendeu que elas falando. Às vezes sempre ele olhando que as pessoas sinalizadas. Bem assim, o bebê colo na coxa da mãe fez massagem da barriga dele pela cólica, ligou a televisão e elas assistissem e o Gabriel ouve som e a cabeça virando que procurar aonde está? Até consegue ver lugar na televisão e também assiste, portanto, a televisão havia as cores e o tipo de sonoro.

¹¹ L1: Primeira Língua

¹² L2: Segunda Língua

3.1.1 Participação da família materna e paterna

Como experimentação o diálogo cotidiano entre pais ouvintes e filhos surdos, da mãe Aline e do pai Heron através a Libras. De quem conhecesse da língua de sinais e a tradição na vivência com os pais utilizados Libras ou língua caseira/ gestual em casa. Os pais eram crianças surdas e dos pais ouvintes como comunicação acontecido as crianças adquirirem a qual na língua materna ou a segunda língua, até hoje criação de comunicação com o CODA Gabriel foi aquisição sua língua.

A Família da mãe Aline, conhece muito bem a Libras, sinalizados, a cultura surda, participação na comunidade surda, ajudam a interpretar de Libras, escola das surdas ligada que lugar da associação de pais dos surdos, também eles se apoiam muito da associação, o sempre fez dar um curso básico de Libras para família da surda, utilizados até hoje sempre. Quando eles conhecem o novo membro é o genro surdo dentro na vivência com a família da Aline.

Todavia que infelizmente, a família do Pai Heron saiba muito pouco e quase nada Libras e só uso sinais caseiros¹³ de sinais dentro tradição na casa de família e também usa escrita com o papel através comunicação com Heron, entretanto muita dificuldade que meio de comunicação com maior à barreira. A sua cidade do Pai é grande e o população maioria, mas nada teve associação de surdos, foi falência associação. Não soube o que motivo à falência de associação em desde passado. Não teve o curso de Libras, o evento de Libras para família da surda foi nada apoiar. Os pais e um irmão utilizado só caseiro e às vezes comunicação mal ou entenderem mal. O Heron quase nada aprendeu o conhecimento do munda da vida pela falta a informação, por causa os pais não saibam libras e sem explicar.

Até hoje ainda eles utilizado língua caseira e escrita com papel, sempre usa mandarem umas mensagens pelo celular. Porquanto ele não morou mais com família dele, ele ficou em casa de pais da Aline. Começou o Heron aprendendo muito as coisas

¹³ Sinais caseiras correspondem aos gestos ou construção simbólica inventadas no âmbito familiar, é comum a constituição de um sistema convencional de comunicação entre mãe-ouvinte e criança-surda, a família acaba lançando mão desse recurso apesar de muitas vezes não aceitar a Língua de Sinais por pensar que esta atrapalhará a aprendizagem da fala do seu filho. (ALBRES, p.4, acesso em: dez. 2016, <http://editora-arara-azul.com.br/pdf/artigo15.pdf>).

de informação e conhecimento pelos pais saibam a Libras, e também Aline ajudou bastante com ele foi bem suicido. Eles se sinalizados com normalmente.

3.2 Nas L1 e L2 pelo bilíngue

Como ensina o filho CODA aprendizado a qual a primeira língua? Pessoas pensavam que a língua materna era incapaz com filho ouvinte? Também uma criança nascida a adquirir bilíngue ou somente uma à língua? Então, é normalmente, que a criança nasceu adquirem a primeira língua e segunda língua qualquer idioma. Por exemplo, a criança ouvinte e os pais ouvinte aprendeu a língua materna é falada/portuguesa, criança surda e os pais ouvintes é complicada a língua, mas eles obrigarem que a criança aprendesse ser falada ou, seja, se eles conhecidos a Libras e a criança é primeira língua de sinais e segunda língua materna dos pais, criança ouvinte e os pais surdos como, era contrário à língua materna dos pais sinalizados.

À aquisição duas línguas de forma natural são chamadas Bilíngue, o CODA teve duas línguas quaisquer as línguas idiomas, por exemplo: língua materna dos pais e após aprendem a segunda língua acompanhou parentes, escolas. Quando nasceu um bebê aprendeu a primeira a língua balbuciu é Libras dos pais comunicação com mãos e durante de meses aprendeu a nova língua por caso sons e falada e acompanhado com os parentes ou na escola.

Skutnab-Kangas (2000) apresenta uma definição de bilinguismo tendo em conta quatro critérios:

- Origem: caso se tenha aprendido duas línguas no seio familiar com os nativos da língua desde sempre; se tenha usado as duas línguas em paralelo para comunicar desde o início.
- 2. Identificação: interna: identificação pessoal como sendo bilíngue, tendo duas línguas e duas culturas.
- 3. Identificação: externa: é identificado por outros como sendo bilíngue, como sendo falante nativo de duas línguas.
- 4. Competência: conhecimento profundo das duas línguas; enquanto nativo controlar as duas línguas; ser conhecedor profundo de igual forma das duas línguas; conseguir produzir um discurso completo na outra língua; ter pelo menos conhecimento e controlo da estrutura gramatical da outra língua; ter estado em contato com outra língua.
- 5. Função: usar, ou conseguir usar duas línguas, com concordância com a sua própria vontade e com as demandas da comunidade.

Crianças CODA usam duas línguas Libras/Língua português, pode ser o futuro elas vão aprender mais línguas e é multilíngue. O que é multilíngue? Bilíngue domina as duas línguas que quaisquer idiomas e o multilíngue domina mais de duas línguas. Não obrigar e só criança ter vontade aprender ou curioso para a nova língua outra, mesmo minimamente.

De acordo com McCleary (2009, p.28) “essa condição, de poder falar duas línguas como sua língua materna, é chamada bilinguismo equilibrado. É um tipo de bilinguismo, e não é o mais comum”.

Alguns autores discutem sobre “Língua Materna”, concordo os Quadros (1996/1997/2008), e Goldfeld (2002), que algumas escritas os livros sobre crianças surdas/ouvintes aprendizados a língua. Na comunidade surda é primeira língua da Libras, porque a língua é verdadeira natural. Contudo que teve problema que as pessoas ouvintes a língua Português competição a língua de sinais, pelos pais ouvintes. Por consequência que algumas os pais desconhecido a Libras por filhos surdos.

Para Salerno (2003) diz:

O social diz respeito à necessidade de os surdos aprenderem a língua do país onde vivem. Exemplo: A pessoa ouvinte que mora nos EUA e fala inglês porque é a língua do país. O Surdo que vive no Brasil e fala o português porque é a língua do país. Certo? Devido às famílias ouvintes 95% são filhos de pais ouvintes e 5% são filhos de pais Surdos. Disponível em: <<http://saci.org.br/?modulo=akemi¶metro=5473>>. Acesso em: dez. 2015.

Para Quadros (1996) diz “A nossa língua materna é a primeira língua que adquirimos. Também podemos chama-la de L1, em oposição à L2, que é qualquer outra língua aprendida depois da língua materna. [...]” É muito importante que todos os pais estimulam com os filhos foi à linguagem de aprendida a primeira língua materna que vivencia com os pais surdos pelo meio de comunicação através Libras.

Crianças surdas/CODAs adquirissem de língua materna dos pais surdos ou pais ouvintes somente sabem Libras, estabeleceu obedecer da língua de sinais é oficial no Brasil, a segunda língua portuguesa. Onde o oficial teve a Lei?

Indicou a Lei nº 10.436/2002:

[...]Art. 1º É reconhecida como meio legal de comunicação e expressão a Língua Brasileira de Sinais - Libras e outros recursos de expressão a ela associados.

Parágrafo único. Entende-se como Língua Brasileira de Sinais - Libras a forma de comunicação e expressão, em que o sistema lingüístico de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria, constituem um sistema lingüístico de transmissão de idéias e fatos, oriundos de comunidades de pessoas surdas do Brasil.[...]. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/L10436.htm>. Acesso em: set. 2016.

Os pais estimulassem a comunicar com a criança à língua materna para aprendizado, mas o principalmente que a aquisição da linguagem da criança que sinalizado/falada natural. De acordo o Sánchez (1990 aput. Quadros, 1997, p. 21) explicação “Não há opção, porque a questão configura-se nos seguintes termos: a linguagem se aprende, mas não pode ser ensinada”. Este é tão importante que as crianças adquiriram natural na língua materna dos pais.

Apresenta para GOLDFELD (2002, p. 109) “[...] a criança surda adquire a língua de sinais da mesma forma e na mesma velocidade que a criança ouvinte adquire a língua oral, [...]”. Este mesmo o meu filho CODA e também as outras crianças CODAs.

3.3 Análise

Está a linguagem tão importância que em primeiro lugar que adquirindo a L1 e sinalizados, e o filho olhando e perceptivo que as pessoas sinalizadas ou faladas em dias, ele se entendido que os pais nos diálogos através a Libras.

O Gabriel adquirindo bastante estas a Libras/sinal e a Portuguesa/audição, o visual por produtos usa as cores, tons, sonoros e várias coisas em todos os dias, porém ele conhecendo os diversos para aprendizado.

Muitas vezes, algum sinalizada ou falada que o filho percebeu com aprendizado e sem dificuldade. Quando ele olhando e sorrindo ou rir que aquela falando ou sinalizando. Assim bem, e que percebido o Gabriel quer ou tenta conversar com outros.

4 NOVA EXPERIÊNCIA FAMILIAR: CONCILIAR VIDA DO TRABALHO, VIDA EM FAMÍLIA E CUIDADOS COM O FILHO SEM AUXÍLIO DIRETO DAS AVÓS

Passam quatro meses depois, aos pais e o Gabriel devesse a voltar para cidade pela mãe trabalho, porquanto a sua mãe foi aprovada no teste de seletivo na Universidade foi que antes o bebê, morou-se a sozinha e longe dos avós materna e do pai moravam outro estado. E quando (Mãe ou Aline) se descobre que estava grávida.

A mãe ficou preocupada preparar para dar à Luz Gabriel, e precisasse que algumas me ajudam para cuidar de gravidez e todos de meses de vida do bebê, portanto foi ela se a primeira vez que ser mãe, por isso nunca a experiência ter filho. Enfim que conseguiu que receber uma Licença de Maternidade, foi ficar em casa dos pais da mãe do Gabriel e também ao lado o pai do Gabriel.

Então, a mãe já logo acabar a licença de maternidade. Além do mais, os pais começavam a aprenderes com filho CODA e nenhuma as ouvintes apoiam, em sua nova experiência o filho.

Certo dia, na casa de silêncio dos pais surdos e filho ouvinte que estabeleceu em primeiro dia os pais e bebê CODA fichava-se o dentro na casa e o todo mudou som e o barulho, parecido que dentro a casa está vazia dos barulhos, por isso os pais surdos. Assim, não tenham o rádio, telefone, muda de volume na televisão e sinalizadores em silêncio. O lugar dos pais que as diferentes, colocam as cores, texturas das figuras através visuais pelo o Gabriel. Os pais esforçam fazer por tudo o neném em dia a dia, para novo aprendizado o desenvolvimento de fases a vida em vivências entre os pais e o neném.

Nós ajudássemos a dar comida, tomar banho, dormir, brincar, passear, sinalizar, ir ao pediatra, tomar o remédio e etc. com o filho CODA, aprendessem muitas coisas às novas etapas da vida a família.

O bebê começou a acostumar-lhe a nova etapa com os pais surdos silêncios, e também que ele precisou a treinar que separada a mãe, por causa a mãe voltou trabalho. Há quantos tempos à mãe estava gestante dou carinho na barriga até nasceu, amamentou e as todas que mãe fez pelo filho. O que ele entende a jeito as horas da mãe e o pai saírem.

4.1.1 O pai cuida do filho

Hora a relação o entre pai e filho ficarem em casa e sem a mãe, porém ela se trabalho fora. O pai estava desempregado, caso que antes mãe de gravidez estava sozinha e quando o bebê nasceu e o pai precisou mudar a cidade com uma esposa e para cuidar o filho era pequeno. O pai sabendo a cuidando o filho, banho, troca a fralda, mamadeira, dormir, brincar e etc. que todos os dias e nunca cansa. Ele sinalizando a frente o bebê e se perspectivo os sinais que o pai fez estimula-o em sinais.

De vez em quando o filho mudou o sentido que começou mais silêncio com tranquilizado na casa, por vezes os sons, portanto a fora na estrada, os vizinhos e entre outros sonoros. O Gabriel iniciou que prestar a atenção com o pai, assim também, a mãe sinalizando em mais ou menos cinco meses após apenas a atenção e contata visual que os individuais sinalizadores.

4.1.2 Mãe trabalho fora

Acontecimento comigo, das muitas pessoas, dos parentes, dos vizinhos e das colegas do trabalho havia preocupação ou estranho e continuando as perguntas que “como os pais surdos não ouviram que bebê chorar à noite? Como o bebê tem doentes, os pais não conhecem o nome de remédio? O que o médico explica com os pais surdos?” Teve várias perguntas.

Até o meu trabalho, quando começou a poucos alguns meses de gravidez, as alguns colegas olhavam comigo e maiorias perguntavam às vezes a minha amiga/ interprete de Libras, proferissem as muitas vezes: “Como?” e “Por quê?” ainda até nascendo e crescendo que mesma novamente que as perguntas sobre mim e meu filho.

Porquanto o povo ouvinte desconhecido sob no povo surdo, na cultura surda e da língua de sinais pela falta de conhecimento e acesso a informações, como também a sociedade nunca a experiência de comunicação às pessoas surdas. Estabeleceu que eles se fossem à primeira vez que conhecer a colega surda do trabalho.

4.2 Aquisição à Língua Materna

Achado que um assunto é tanto importante para a relação de entre pai e bebê, este um livro “A Vida do Bebê” que os pais foram em primeira vez ser um filho e os pais aprender a como cuidar bem o bebê, por isso nós estudamos o nosso filho. Eu citei um a citação do autor Lamare (2009) profere:

O pai já aos cinco meses é muito importante para brincar e conversar com o bebê, que ficará mais receptivo e terá seu desenvolvimento fortalecido, mais do que se ele permanecesse sempre com sua mãe. Hoje o pai tem participação ativa na criação do seu filho, desde os primeiros dias nascido. É necessário chamar a atenção das mães para que não tratem seu filho como sendo de sua única propriedade. [...]. É neste momento importante que se fortalece a presença do pai, a pessoa que a mãe aceita e se mostra contente. (p.257)

Neste tão interessado sob o relacionado do pai e da bebê participação mais fortalecida e a atenção do pai.

De acordo com Vygotsky (1984), importante o papel na percepção, como resultado que a criança começa a perceber o mundo pelos os seus olhos, mas não somente os olhos e assim como que as mãos, na criação de novas as relações entre as funções psicológicas e de desenvolvimento a linguagem a percepção visual, como se o estímulo combinação a dinâmica imediata de sua percepção.

Quando a criança transfere sua atenção para um outro lugar, criando dessa forma um novo foco na estrutura dinâmica de percepção, sua mão, obedientemente, move-se em direção a esse novo centro, junto com seus olhos. Em resumo, o movimento não se separa da percepção: os processos coincidem quase que exatamente. (VYGOTSKY, (1984, p.26).

A criança começa a dominar a atenção seu no campo visuo-espacial, as suas atividades e uso de instrumento para reorganizar o campo percepção que básico de desenvolvimento com a história natural e a criança capaz de processor o movimento. O aspecto mais importante é o uso de instrumento, e a visual, as quais caracterizaram as crianças após seis meses na toda vida, esta análise que postula independência o campo visual a prática de inteligência pelo os olhos e campo visual. Para o autor, “o sistema de atividade da criança é determinado em cada estágio específico, tanto pelo seu grau de desenvolvimento orgânico quanto pelo grau de domínio no uso de instrumento”.

O desenvolvimento pré-linguístico deveria que a criança aquisição da linguagem na sua língua e seu visual do que é denominado balbucio manual, pela língua de sinais, porém quanto à forma, semelhantes os sinais, mas não existe significado. A autora afirmou que as crianças surdas adquirindo a língua de sinais, portanto contato visual.

O input visual é, obviamente, necessário para que o bebê passe etapas posteriores no desenvolvimento da linguagem. Aspectos como o contato visual entre os interlocutores, isto é, o olhar fixo do bebê surdo na face da mãe/ pai, o uso de expressões faciais, a atenção que o bebê surdo coloca no meio visual, a produção de um complexo balbucio manual, de gestos sociais e do 'apontar' são aspectos observados nessa fase. (KARNOPP, 2005, p. 2)

4.2.1 "Sociedade¹⁴ Ouvinte desconhecido na comunidade surda"

As sociedades, ao longo da história, visão o povo surdo como incapazes, deficientes, anormais, doenças de surdez, não sabe a falar. Eles se consideram que como os surdos fossem homogêneos e sempre expressos os marcados que "coitado" as coisas de negativos no povo surdo, desconhecido o que é ser surdo?

Strobel (2008, p. 21 e 22) diz que:

Estes questionamentos ocorrem porque as pessoas não conhecem e não sabem como é o mundo dos surdos e fazem suposições errôneas acerca de povo surdo. Quando a palavra "surdo" é mencionada, que imagens vêm a mente das pessoas? Lane (1992, p. 26) explica que é comum as pessoas deduzirem que os surdos vivem isolados e que para se integrar é preciso adquirir a cultura ouvinte isto é, para viver "normal", [...]. Os sujeitos ouvintes vêm os sujeitos surdos com curiosidade e, às vezes, zombam por eles serem diferentes. Wrigley (1996, p.71) explica que a política ouvintista prevaleceu historicamente dentro do modelo clínico e demonstra as táticas de atitude reparadora e corretiva da surdez, considerando-a como defeito e doença, sendo necessário de tratamentos para "normalizá-la".

Os ouvintes afirmam que os sujeitos surdos têm a cultura ouvinte e o modelo a identidade ouvinte e ponto de visto que não é diferente dos surdos, porém não se conhece a cultura surda. Skliar (1998, p. 29) esclareceu sobre "problema de representações porque se acha que não há nada fora do seu normal, de sua própria

¹⁴ Segundo Strobel (2006), a história dos surdos no sentido pedagógico, político e subjetivo foi marcada pela arbitrariedade dos ouvintes, sem dar direito de escolha aos surdos. Isso significa que por muito tempo p surdo foi ignorado e desvalorizado como sujeito. Além de este receber o estereótipo de "doente" e "deficiente", a língua de sinais era fortemente criticada e descartada quanto a sua legitimidade. (SOUZA, 2014, p.28)

autor referência cultural. [...], a cultura surda seria um desvio, uma anomalia, o espaço limitado onde se produzem atividades irrelevantes. ”.

Essa a minha pesquisa que para buscado na comunidade surda as relações sociais onde se realizam as representações de diversificada na família surda e ouvinte (adultos surdos e ouvintes CODAs) os depoimentos de experiências vivências o dentro na casa.

Para Streiechen e Krause-Lemke (2013, p. 4):

Muitas pessoas demonstram curiosidade em entender como ocorre a relação da mãe (surda) com seus filhos (ouvintes). As dúvidas e os mitos são muitos. As principais questões que deixam inquietação nas pessoas são: será que a mãe surda saberá cuidar de seu filho (ouvintes)? Como ela saberá quando o bebê está chorando? E quando o filho fica doente, como ele vai explicar sua dor à mãe? E como ela explicará ao médico? Como ele aprenderá a falar? Este último é o principal questionamento entre as pessoas.

A princípio, os CODAs, veem a situação de forma muito natural. Eles não têm noção de “diferença” e acreditam que todas as mães devem ser como a delas. A partir do contato com outras crianças e suas mães: vizinhos, escola, festas vão descobrindo essa diferença linguística. Sabem, apenas, que precisam usar outro tipo de comunicação com a mãe, mas não conhecem as causas, ou seja, não associam a diferença linguística com a surdez.

Maiorias as ouvintes continuando a dúvida para perguntas: De quem ensina a criança aprende a falar? Aprender a ler a língua de portuguesa e com a alfabetização? Porém, os pais surdos não sabem falar ou não sabem ler, pela falta não ouvir. As pessoas ouvintes preocupação que o filho CODA adquiere atrasada a linguagem, são culpados os pais surdos inúteis a língua, no que Streiechen e Krause-Lemke (2013): “Há um mito por parte de algumas pessoas de que os CODAs por terem pais surdos, podem adquirir tardiamente sua linguagem. Essa crença existe pelo fato das pessoas acreditarem que as crianças aprender a falar, [...]”

Encontrei um vídeo pelo aquele youtube que uma filha CODA sinalizou a narrou sobre os pais surdos, fiz a traduzir pelo o vídeo de youtube:

“Oi tudo bem?

Eu expliquei que a minha família, meu pai esse sinal e a minha mãe esse sinal. Eles se namoravam na escola, há oito anos após casavam-se e não tem filho. Há cinco anos após que eles ganhavam de gravidez, têm dois filhos, e uma filha esse sinal (eu) e segundo o irmão esse sinal.

As pessoas me perguntavam que disse “como eles são surdos?”.

Clarice disse: sim, eles são surdos e filhos ouvintes. Eu conheço muitos surdos que eles casados e têm filhos ouvintes, é normal, comunicamos bem. Eu gosto de surdos, os pais são surdos que eu gosto de sinalizar.

*Eu gosto, família é normal que tem carro, casa, se trabalhar é normalmente. Mas as pessoas e sociedade pensavam que os estranhos não acreditavam e que parece dificuldade e não conhece. Eles falavam que como fazer aconselhar os filhos cresce?
Sempre me ensinava-lhes à língua de sinais L1 e segunda a língua de português L2. [...]”.*

Já acontecimento que família surda puramente, e uma mãe surda estava desabafada com raiva na facebook e o que ela escreveu no mural e colocar emocionts (imagem) “*se sentindo com raiva*”, pela filha surda:

Hoje já faz um dia que sabemos que a Fiore é surda, pois ela fez exame ontem. Então, quando entramos aqui no apartamento, vizinha nos perguntou se ela é surda ou ouvinte (foi coincidência que vizinha estava na clínica também, por isso ficou sabendo que Fiore ia fazer exame), nos sorrimos e respondemos: "ela é como nos, é surda!". Ela mudou expressão e falou: "ah que pena". Afff não entendemos porque que ficou com pena, ela sabe que somos professores e fazemos doutorado. E ainda sente pena gente?! (Facebook, abril de 2015).

É realmente infelizmente, as coisas da ouvinte recebimento a negação, por isso a falta de conhecimento no mundo surdo. Mas, como os pais surdos são professores universitários e estudam doutorando, a ouvinte sem percebeu. Apenas pensamento de negar. As crianças CODAs e surdas são capacidades de inteligência e a desenvolvimento a linguagem rapidez da língua materna e da língua de sinais.

4.3 Análise

Às vezes, os pais surdos têm momentos alegrias e triste, com preocupação com filho CODA para futuramente que como sentindo-o entre sociedade ouvinte e surdo, e até culturas diferenças da história. Fizeram preparar o equilíbrio os dois mundos com filho adquiram, assim estimulando o aprendizado as duas línguas sem atraso.

Família dos pais do Gabriel sempre apoiam comunicação com Gabriel, explicando sobre o cuidar o bebê, hora de refeição certo e organização de receitas de remédios, eles fizeram todos por pais surdos, também pesquisam a internet ou livro mais informação sobre bebê.

Os pais acreditam com certeza que todos os pais surdos podem ter um bebê e eles responsáveis, cuidar bem e fazer tudo por bebê, isto igualmente outro casal ouvinte ter um bebê, haver defeito ou erros, mas nunca rejeita, alguns pais foram primeira vez um bebê com sempre aprendizagem novas etapas com criança. Isto mesmo o casal surdo.

Os pais surdos têm satisfeito com filho e essa desfeita que as novas fases e tão aprendizado lhes.

5 PRIMEIRO SINAL

Este dia que nosso momento de alergia, foi incrível. O Gabriel com sete meses, quando ele ficou doente e pegou uma febre, nós pais fomos no consultar do Gabriel, acabou a receita de remédio para ele e após ir à farmácia, A Mãe ficou o colo de Gabriel que durante o dia.

Então, a mãe dá o bebê colo de pai estava seguro. A Mãe foi pegar as fraldas e virou a cabeça e olhando de repente que o bebê começou chorando, se chamou mamãe pelo colo dela, a mãe viu que o Gabriel estabeleceu a primeira vez sinalizar: M-A-M-Ã-E a frente da mãe, ele fez sinal: Mão com 1, indicador tocando a entrar na nasal, este apenas pouquinho falha (sinal é certo que indicador fora com tocar na narina). Contudo era normal com a criança.

Foi nosso momento inesquecível. A mãe pegou rapidez o colo de Gabriel, abraçou forte e contente muito, sentimento muito e não tinha de explicar uma palavra da Mãe.

Certamente, o filho entendeu o que significado sinalizar M-A-M-Ã-E, estabeleceu-se adquire a língua natural.

Figura 16: Sinal MAMÃE (defeito x original)



Alguns dias após ele foi parar sinalizado pela a MÃE em Libras, porém, em desde passam alguns meses, começou a fazer um balbucio com as mãos, imitou que

os pais sinalizadores, a apenas algum os sinais não é língua verdade, pelo motivo de certamente que é um balbucio, também ele quis conversar com as pessoas.

Da mesma forma o Gabriel fez responder “SIM ou NÃO” com o movimento da cabeça dele pelas as pessoas perguntas. Por exemplo, um individua pergunta: Você quer comer? Vamos tomar banho? Agora a hora de dormir? Ou outras várias perguntas, e o bebê respondeu com virando da cabeça através “não” ou “sim”. Às vezes, ele se respondendo um pouco o complicado, porque ele fez responder sim com sorriso, contraria que a cabeça era “não”. Os pais ainda têm dúvida que isso seja sim ou não. Mas também, ele sabe muito bem e fez provocar as outras.

Ainda mais, os pais sinalizados continuando a utilizar a Libras com o filho. Eles se nunca desistiram a sinalizar.

5.2 Balbucio Manual

“Assim como os bebês de pais ouvintes começam a balbuciar com cerca de sete meses..., os bebês de pais surdos começam a “balbuciar” com as mãos imitando a língua de sinais dos pais”, mesmo sendo ouvintes. - *Jornal londrino The Times*. (Disponível em: <<http://interpretelibras-libras.blogspot.com.br/2010/07/filhos-de-pais-surdos.html>>. Acesso: set. de 2016)

Os estudos sobre o pré-linguístico e o balbucio como aquisição da linguagem para bebês surdos e ouvintes são similares a sua língua natural pela falada/Sinal. As diversas pesquisas de colaboradores estudos de Karnopp (1994), Quadros (1997/2011), Petitto e Marentette (1991), dentre outros.

Segundo Petitto (1991) descreveu que os bebês surdos adquirindo a sua língua de sinais dos pais surdos e este o cotidiano de sinalizado da Libras os primeiros de vida de bebê já começou a balbuciar com as mãos e na idade 6 e 12 meses. Petitto (1991) disse que os bebês ouvintes que têm “pais surdos que sabem sinalizar, gesticulam de maneira diferente, seguindo um padrão rítmico específico, distinto de outros movimentos com as mãos... É um balbucio, mas com as mãos”.

Petitto e Marentette (1991) verificarem-se um estudo o sobre o balbucio em os bebês surdos e ouvintes, os estágios de idade o desde nascimento até 14 meses de idade que mesmos períodos em todos de bebês. Elas observaram que o balbucio é um

fenômeno que ocorreu eles, como fruto da capacidade inata para a linguagem, como adquire a capacidade inata que é balbucio oral e manual, todavia não somente balbucio oral. Elas pesquisarem os dados analisados para a organização sistemática desses períodos todas as produções orais e manuais os bebês surdos e ouvintes. Nos bebês surdos apresentam usar as duas formas de balbucio Manual: “o balbucio silábico e a gesticulação. O balbucio silábico apresenta combinações que fazem parte do sistema fonético das línguas de sinais. Ao contrário, a gesticulação não apresenta organização interna.” (QUADROS, 1997, p.70).

Segundo autor descreveu que os bebês começaram a adquirir a linguagem de pré- linguística com idade, não apenas o bebê surdo e também bebê ouvinte, ele adquire a oral.

O período pré linguístico se inicia desde o nascimento até por volta dos 14 meses de idade, período em que surgem os primeiros sinais. Neste período a criança se comunica através do choro e balbucio. [...], constataram que o balbucio em bebês surdos e ouvintes ocorrem no mesmo período de desenvolvimento. E também observaram que o balbucio oral e manual é um fenômeno que ocorre em todos os bebês, independentemente de serem surdos ou não. (GURJÃO, p. 30, 2013).

5.3 Análise

Observassem que o filho começou a adquirir a sua primeira língua, realmente que ele sabendo bem a Libras com os pais surdos. Também, dependeu como que jeito dele apresentou a expressão facial esta era respostas ou dialogar que as pessoas perguntas ou diálogo, por exemplo, interrogativo, afirmativo, negação, exclusivo. O Gabriel fez mostrar a expressão: sorriso, triste, chorar, bravo, por isso é as respostas, às vezes que utiliza a balbuciar ou sinalizador.

Como ele apresentou a balbuciar com mãos, não é somente balbucio manual, também ele balbuciou oral.

6 PAIS ESTIMULAM FILHO UTILIZANDO DESENHO DE ANIMAIS E SINAIS

Essa dinâmica para o filho que aprendizado e do conhecimento os animais e as cores. A mãe preocupada que a qual a melhor didática para estimular o filho por meio a Libras. Foi à ideia que atividades a recortou os papeis de figuras em animais e das cores para colocar na parede, porém, uso de espaço-visual.

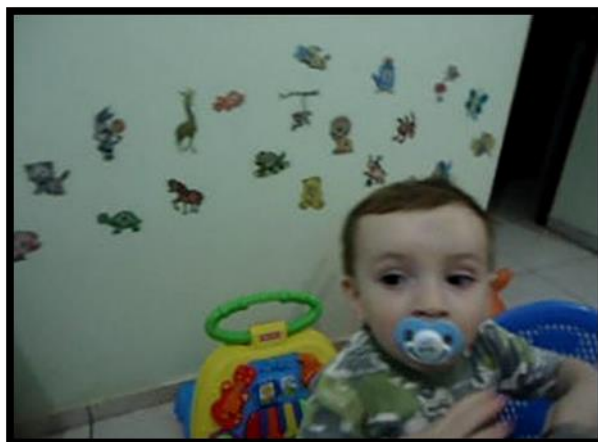
Começou a mãe preparando as atividades para mostrar-lhe as imagens, a primeiro lugar que ele conheceu novos dos animais no espaço, após, no começo a mãe se o sinalizando em aos animais de Libras. Não somente que sinais de animais, assim como, explicando que tipos de características, tamanhos, texturas, adjetivos, cores e etc., também conversação baseado com expressões faciais e corporais, a ligação de interação no tipo de frases: Afirmação, Negação, Exclamação e Interrogação.

Como apresenta-se da atividade de dinâmica os pais e filho relacionamento? Qualquer uma pessoa sinalizando e o filho apontar as figuras, por exemplo:

- Sinalizou: B-O-R-B-O-L-E-T-A?
- Gabriel apontou este lugar de figura: “Borboleta”.

Também, sinalizou com expressão facial: L-E-Ã-O (cara zangada).

Figura 17: Animais em imagens na parede



O Gabriel adquire os sinais que a mãe sinalizada. Às vezes ele não entendendo que é o que significado, seja, ou sim, portanto que ele falta de conhecer que algumas

as animais realidades para tocar e sons. Somente conhece que cachorro, porque ele tem um cachorro.

Essa na parede de desenho que só didática, é não, tem mais as atividades outro lugar que o Gabriel utilizado, exemplificado, colocou adesivos de parede (peixes) no banheiro, no quarto de berço do Gabriel atrás com adesivo e uso de instrumento os bichos de fofinhos, brinquedos e os livros de palavras.

Figura 18: Banheiro



Figura 19: Brinquedos de Gabriel



Figura 20: Livro: “As Palavras e palavras” e 600 palavras e figuras.



Os pais sempre estimular com estratégia de atividades diferentes processo e desenvolvimento visual e da linguagem para melhor a língua de sinais.

6.1.1 Filmagem: pais estimulam filho, sinais e brinquedos

Em quase chegando um ano, ele já adquire a Libras, entende muito bem. Então, os pais mostrassem os brinquedos somente animais com fofinhos, cada sinal os animais e depois brinquedos colocava no chão ou no sofá, os pais sinalizando “animais em Libras”, isto é, sinalizar: S-A-P-O? O Gabriel pegou ou apontou o brinquedo era sapo correto, cada sinal era certamente, ele entende muito bem. Mas alguns que ele sinalizou muito pouquinho o vocabulário cotidiano que somente sinalizou: COMER, DORMIR, MAMADEIRA, BANHO.

Para esta a foto que o pai sinalizado e o filho pegando os animais de fofinhos.

Figura 21: Pai sinalizando com o filho



Após de um ano e um mês de vida, está uma noite foi maravilhosa, o pai brincava com filho dos brinquedos, não apenas, o pai estimulou a sinalizar os brinquedos de animais fofinhos para Gabriel adquirindo a Libras.

Quando a mãe chegou à casa que foi a terminar no trabalho, o pai contou-a que o filho conseguindo a sinalizar sozinho, a mãe desconfiei e curiosa. O Pai chamou-lhe

mostrar para a mãe que fazer sinal os animais. A mãe disse o pai: *“Parei, Heron, eu quero a gravar o nosso filho”*.

A mãe procurando o celular da bolsa, começou a filmar na frente o filho apresentado pelo sinalizado.

- Pai: Apontou o “cachorro fofinho”, na cabeça de interrogativo.

- Gabriel: Sinalizando C-A-C-H-O-R-R-O.

- Pai: a cabeça movimento que respondeu “SIM”.

- Gabriel apontou o sapo e mostrando sinalizar a frente o pai respondeu: acertar.

Gabriel sinalizou: U-R-S-O, após parou sinalizar e somente brincou com bichos fofinhos. O pai tentou chamar a atenção com filho, ele sinalizou: S-A-P-O, B-O-L-A, C-A-R-R-O. O Gabriel procurando na barraca de brinquedo e achou um carrinho para expondo o pai.

O Pai jogou uma borboleta de brinquedo e apontou este, o Gabriel sinalizou: borboleta. Este sinal contrário que era meio parecido “C-A-S-A-R”, mas com os dedos movimentos iguais a voar. Apesar as configurações de mão e movimento imperfeito.

Durante eles sinalizam, depois o pai sinalizado:

- ONDE COELHO? PEGAR COELHO.

Gabriel achou o coelho e dar o pai.

- Pai: ONDE CAVALO?

Gabriel imitou o cavalo e parecido a pular.

- Gabriel sinalizado: - Mão dele tocou no nariz e a boca.

- Pai pensando: pegou o coelho e dar ele.

Gabriel virou da costa e procurando na barraca e olhando-lhe o pai, sinalizou repente o mesmo antes ele fez. Achou a cabeça do palhaço e expor o pai e apontou o palhaço é sinal, Gabriel sinalizou.

Pai percebeu que foi o palhaço, antes pensou que cachorro, porque o Gabriel sinalizou muito similar CACHORRO X PALHAÇO. Mas só pouco diferente o movimento eles.

O Gabriel olhando o narigão com vermelho do Palhaço e perguntou o pai, ele sinalizado: apontou no narigão e procurou o nariz dele. Ele teve dúvida ou estranho no

nariz do palhaço. Ele repente as muitas vezes sinalizou o P-A-L-H-A-Ç-O à frente o pai também sinalizar.

Último finalmente a filmar, a mãe pede Heron que mostrar o sinal MAMÃE pôr o Gabriel pela mãe curiosa.

Pai sinalizando: M-A-M-Ã-E, ONDE?

Gabriel sem sinalizar, só os olhos dele rápido virando a olhar à frente a mãe estava a filmar. O Pai perguntou novamente: M-A-M-Ã-E? Gabriel virou a olhando da mãe. Ele era muito esperto. Ele apenas sinalizando e sem falar. Porque ele ainda não adquirir a falada pelos os pais surdos, preferiam que ele aquisição a língua natural dos pais.

Em a foto de gravar de celular: O pai conversou com Gabriel.

Figura 22: Primeira vez, o filho produção sinalizar



6.1.2 Crescimento do vocabulário: resultado do estímulo

Gabriel gostando de olhar os desenhos na parede em dia a dia, muitas vezes que ele se chamou os pais, os avôs e aos tios que prestação a atenção o Gabriel sinalizando os animais e sem parar.

Alguns dias depois o Gabriel começou a sinalizar mais os novos vocabulários em animais, outras palavras que uso de cotidiano. Anteriormente, ele sinalizou pouco e maioria usou a apontador.

Os pais percebessem que filho sinalizado aumentando os vocabulários de língua de sinais. A mãe lembrou que ele utilizado primeira sinais que antes e depois.

Antes: CACHORRO, COELHO, PALHAÇO, COMER, MAMÃE, SAPO, COMER, MAMADEIRA, AGUÁ, URSO e BORBOLETA.

Depois: PAPAI, DORMIR, PÁSSARO, PORCO, MAIS, TCHAU, SIM, PAPAI NOEL, ÁRVORE, MACACO.

Nós estivemos contente com filho sinalizado aumentando em dia a dia novos sinais e quase meio de comunicação com os pais surdos. Bem assim, importante que a pessoa mostrou a expressão facial com contexto da língua de sinais para filho.

Quando a mãe e o filho sinalizando junto às imagens na parede, ponto que a figura de leão, o Gabriel apontou este leão e mãe sinalizou L-E-Ã-O com expressão facial: bravo.

De repente o Gabriel assustou e olhando que a cara de mãe brava e sinalizando L-E-Ã-O. A mãe percebeu que cara dele ficou medo ou estranho. Ela perguntando-o.

Mãe sinaliza: POR QUÊ LEÃO BRAVO?

Gabriel não responde e somente dúvida.

Então, mãe explicou-se o sobre característica de Leão, todavia, ele nunca ver o leão realidade.

Também alguns animais que mãe fizer no uso de expressão facial e corpo para mostrar Gabriel imitou-o e também ele sozinho criou a expressa pelo espaço de expressões faciais e corporais.

Por exemplo, apresenta-se as fotos de expressão facial/ corporal com baseado.

Figura 23: Expressões Faciais em animais



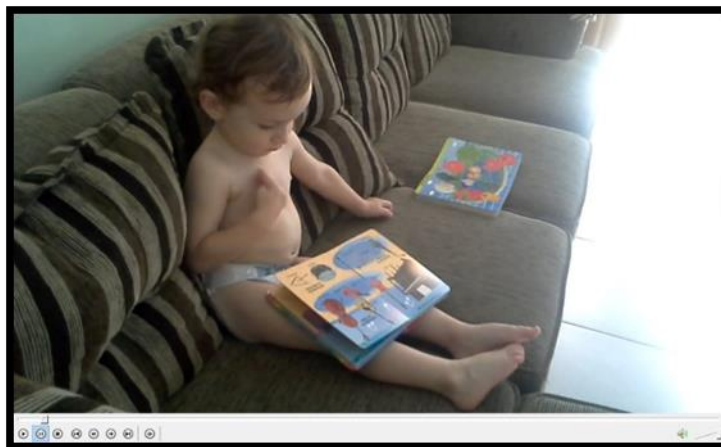
6.1.3 Gabriel lê livro: palavras e imagens

Desta vez, com um ano e meio, quase chegando a ter dois anos, quando o Gabriel ficou doente com uma febre. A mãe deixou o trabalho por caso ele. No dia amanheceu, a mãe estava na cozinha e ao lado na sala e o filho fez a ação no sofá. A mãe Aline percebeu rapidamente que aquele o movimento ao lado o Gabriel que ele fez isso, enfim, e a olhou o Gabriel sinalizando, e a mãe ficou admiranda e emocionante por Gabriel.

Do Gabriel sentando e lendo o daquele o livro chamado “Primeiras Palavras” havia a incluir das figuras de imagem (ver no capítulo 6, com foto em livro) e 600 palavras e imagens. Ele olhando direto das imagens e parecido a ler. O que ele fez pelo livro? Ele sinalizando cada o desenho de livro sozinho e sem pessoa ajuda, além disso, algumas as figuras que ele já conheceu.

Aline gravou o vídeo por ele sinalizando. Foi muito incrível.

Figura 24: Primeira vez, ele lendo e sinalizando. Sinal VIOLÃO



Porque antes a mãe ou o pai dialogou com filho esse o livro, após ele já adquiriu a língua de sinais, todavia não todas as páginas, às vezes ele não conhece ou não sabe sinais as palavras/imagens, e também dependeu a criação de sinais sozinho e sem querer e/ou sem significado neste o livro, em outras palavras, isto os objetos estranhos ou não tem realidade em nossa casa, ou seja, “aspirador de pó, sabão em pó, lavadora de louças, mixer, kit de ferramentas e outras coisas”. Aos pais ensinou com ele e também mostrar nos objetos realidade.

Ele gostou muito, sempre ler e sinalizar por todos os dias, também sempre pedir a mãe ou o pai que ler junto e surgiu-lhes os sinalizados até chamou avó materna e tia do Gabriel, pois, elas conhecem a língua de sinais, acompanhado na voz, foi ele aprendeu o novo vocabulário em português.

Figura 25: Dias seguintes, Gabriel continua sinalizando



6.2 Didática para estimulação da sua língua por criança Coda

No começo do desenvolvimento a criança se relaciona com os objetos que ver, poder a tocar. Do domínio da linguagem a criança desprende-se do fato próximo e usa palavras para designar objetos. De acordo como afirma Luria (1986, p. 33)

[...] com a aparição da linguagem como sistema de códigos que designam objetos, ações, qualidades e relações, o homem adquire assim como uma nova dimensão da consciência, nele se formam imagens 27 subjetivas do mundo objetivo que são dirigíveis, ou seja, representações que o homem pode manipular, inclusive na ausência de percepções imediatas. Isso consiste na principal conquista que o homem obtém com a linguagem.

No Objetivo de aprendizagem, em modalidade completamente à primeira “visualgestual”, compreender a importância da presença da leitura de imagem assim prática periódica todas as áreas de conhecimento por diversos temas, pode dialogar com diferentes representações de modo objeto, as coisas e as cores em longo dos tempos. As pistas Visuais da imagem a esses estímulos dentro de uma linguagem, podemos afirmar que é pela visualidade que os conhecimentos as crianças serem adquiridos com facilidade.

Campello afirma ser importante das artes visuais:

[...] contação de história ou estória, jogos educativos, envolvimento da cultura artística, cultura visual, desenvolvimento da criatividade plástica, visual e infantil das artes visuais, utilização da linguagem de Sign Writing (escrita de sinais) na informática, recursos visuais, sua pedagogia crítica e suas ferramentas e práticas, concepção do mundo através da subjetividade e objetividade com as “experiências visuais” (p. 129).

Considero que a Libras é uma sistematização gramatical de língua, é espacial-visual e as mãos existe muita forma criativa de exploração em crianças surdas e ouvintes, utilizado novo vocabulário para as estruturas as sinalizadas já aprendidas. Os ligados à metodologia que ensino as crianças que aspectos de linguística minoria, apresentadas as propriedades de cada parâmetro em Língua de sinais brasileira, configurações de mão, movimentos, expressões faciais gramaticais, localizações, movimentos do corpo, espaço de sinalização, classificadores que tal à língua proporciona para ser explorados durante o desenvolvimento da atenção, memória, abstração, ou seja, preparar o mundo cultura para a infantil.

Bakhtin diz:

Na prática viva da língua, a consciência linguística do locutor e do receptor nada tem a ver com um sistema abstrato de formas normativas, mas apenas com a linguagem no sentido de conjunto dos contextos possíveis de uso de cada forma particular. Para o falante nativo, a palavra não se apresenta como um item de dicionário, mas como parte das mais diversas enunciações dos locutores... os membros de uma comunidade linguística normalmente não percebem nunca o carácter coercitivo das normas linguísticas. A significação normativa da forma linguística só se deixa perceber nos momentos de conflito, momentos raríssimos. (p.95)

É possibilitar o aprender, usar os recursos didáticas visuais para criança, também gosta de brincar os objetos de brinquedos em suas brincadeiras e proveito esta prática de sinalizante a língua de sinais é valorizar e estimular p aprendizado na sua primeira língua. De acordo com VYGOTSKY (1994), “a criança opera com significados desligados dos objetos e ações aos quais estão habitualmente vinculados, havendo uma contradição interessante uma vez que, ela inclui, também, ações reais e objetos reais em suas brincadeiras”.

Como o enfoque neste trabalho é didática de Libras com sua visão e os vocabulários, se adequado e necessário que a criança em interação com as pessoas surdas ou os pais surdos com quem ele convive. É tão muito importante que utilizada a didática e dinâmica. De acordo com QUADROS (2008), “o jogo instrumentalizado em língua de sinais é no seu formato representado em língua gestual, significando que é tridimensional e de natureza visual-motora”.

Provavelmente, Vygotsky (1989) ‘essa maneira de teorizar aparece particularmente na análise da inteligência prática das crianças, cujo aspecto mais importante é o uso de instrumentos”.

É fato afirmar que, quanto mais cedo a criança estiver em contato com a sua língua natural, de acordo com o desenvolvimento de suas capacidades, mais cedo ela se reconhece como indivíduo inserido na comunidade em que vive. Antes mesmo de a criança desenvolver uma língua própria, o processo dessa aquisição começa após o seu nascimento e desenvolve-se ao longo de toda sua formação como sujeito pensante. Assim, segundo Fernandes & Correia (2005, p.18) “propiciar à pessoa surda a exposição a uma língua o mais cedo possível, obedecendo às fases naturais de sua

aquisição é fundamental ao seu desenvolvimento, privá-la desse direito, sob qualquer alegação, é desrespeitá-la em sua integridade”.

Para Lyons (1987, p. 252), criou-se a aquisição da linguagem assim como o “processo que resulta no conhecimento da língua nativa”, pois a língua não é ensinada, mas adquirida naturalmente.

Um estudo que aborda o desenvolvimento de vocabulário, neste sentido inicia o processo de aquisição de língua de sinais por a criança, Karnopp (1999), Quadros (1997), Pizzio (2006) e Grolla (2009) observaram que a ordem usada pelas crianças surdas durante nessa fase de estágio, das palavras é aplicado para a afirmativa das relações gramaticais de língua de sinais.

Karnopp (1999) estudos de aquisição da linguagem infantil, realizados nas línguas de sinais e nas línguas orais, manifestar-se quaisquer generalizações interlinguísticas e intermodais em relação à produção dos primeiros sinais, em a começa por volta dos 12 meses da criança surda e anda período até os dois anos, e na relação do desenvolvimento de vocabulário. A aquisição dos primitivos sinais representada a limitação estágios entre os pré-linguísticos e o linguístico, sendo que as produções do período linguístico se referem a qualquer o sinal do modelo o adulto que é proferido pelo bebê que é entendido pelos interlocutores com significado e variável.

Segundo Quadros (1997), afirma sobre estágio de um sinal que como inicia em 12 meses até pode se estender os dois anos em a criança surda, a seguir:

Nessa fase, a criança se refere aos objetos apontando, segurando, olhando e tocando-os. Como a criança engatinha e caminha, ela se comunica com brinquedos, luzes, objetos, animais e alimentos. A criança começa a ter iniciativa e participa de outras atividades, como colocar e tirar objetos de armários, de caixas, etc. ela utiliza uma linguagem não verbal para chamar a atenção para necessidades pessoais e para expressar suas reações, mas já varia seu olhar entre o objeto e a pessoa que a ajuda a pegá-lo. Nesse nível, a criança imita sinais produzidos pelos outros, apesar de apresentar configurações de mão e movimentos imperfeitos. Ela pode chegar a usar alguns sinais com significado consistente. (Quadros, 1997, p.19)

Para Vygotsky, a aprendizagem sempre inclui as relações entre os pais e as pessoas, importante que a relação do sujeito com o mundo está sempre medida pelo outro. O desenvolvimento é um processo de aprendizagem a sua língua natural que acontecesse a apropriação da cultura com o contato nas relações sociais.

A criança aprendendo a falar e a gesticular, a nomear objetos da cultura, a adquirir a informação do mundo, a sua posição dinâmica de desenvolvimento de aquisição de determinada a língua de sinais (língua natural). Evidente havia interesse tanto o neste tema, as pesquisas caminham para o estudo da percepção e da memória, esse que uso de instrumento de objetos. Principalmente que aspectos encontrados em a língua de sinais, estão relacionados com visuoespacial da língua de sinais de brasileiros, descrições visuais no espaço de sinalização pelo linguístico das Libras e os espaços no ambiente para gravação de didática para a criança.

6.2.2 Apontação

O estudo de Quadros (1997) explicação que termos ‘apontação’ literalmente, da mesma forma à Libras pode ser associado a pontos específicos (local) no espaço da sinalização. São formados apontando-se com o dedo indicador que a quem o sinalizador se refere: o tipo de associado mencionado que utilidade os pronomes pessoais de terceira e localização são sinalizados apontando-se diretamente ao referente e a um local. Petitto (1987) “os pronomes de terceira pessoa usados para fazer referência às pessoas que estejam presentes no contexto do discurso são sinalizados apontando-se diretamente ao referente.” De mesma forma, a apontação pode ser usada para referir objetos e lugares no espaço, de outros com o sinalizador aponte com olhos, exemplo, olhe ou gire o corpo no local previamente.

Baker e Cokely *et al* e Loew *et al* apresentam vários mecanismos que citar sobre apontação para estabelecer referentes no espaço:

- f) Fazer o sinal em uma localização particular (se a forma do sinal permitir);
 - g) Apontar um substantivo em uma localização particular;
 - h) Direcionar a cabeça e os olhos (e talvez o corpo) em direção a uma localização particular fazendo o sinal de um substantivo ou apontando para o substantivo;
 - i) Usar um pronome antes de um sinal para um referente;
 - j) Usar um pronome numa localização particular quando é óbvia a referência;
- [...] (Quadros, 1997, p. 55).

Conforme já foi mencionado anteriormente, o segundo Baker e Cokey, na ASL¹⁵ formas pronominais usadas que são feitos para representar referentes como pessoas, lugares ou objetos.

6.3 Análise

Observei que o Gabriel tanto o interessante que dos desenhos de imagens, os tipos de cores e texturas dos objetos. Ele gostou mais de animais do que outros objetos. Bem assim, ele adquiriu mais rapidez o desenvolvimento da aquisição de linguagem. Porque didática ficou mais claro que uso de visual.

É tão importante que estratégia de didática para dinâmica com os brinquedos e vários objetos para os novos vocabulários. Não precisasse comprar os novos brinquedos educativos, e é melhor fez em casa e pedagogia que criativo de didática e Gabriel amasse. Os pais percebessem que a qual melhor a atividades, fizeram as novas atividades diferentes sempre estímulo para o bebê pela Libras melhor do que sem imagens. Continuando atividade diferente e não podem que atividade igual como sempre.

O Gabriel apontou-lhes objetos e as primeiras produções da língua de sinais base para apresentar os pais utilizassem conversação “perguntas e respostas”.

O filho imitou os pais sinalizadores a mostrassem uso apontação os objetos, e utilizado a linguagem não verbal através os olhos e ainda a visualizar. Todos os dias que ele apontava os objetos de repente, configuração de mão imperfeito, e semelhante que a outra criança ouvinte configuração de voz imperfeito, é normalmente.

Também ele teve dúvida com estranho que sobre narigão de palhaço, os pais explicavam sobre narigão pra Gabriel, acreditavam que ele entendendo o que significado o narigão. Ele percebeu o narigão e tocando e mexer o nariz do Gabriel pela comparação para entender. Sempre que Gabriel tirou dúvida sobre objeto ou coisa diferente e os pais darem explicar-lhe.

Finalidade, sobre expressão facial, Gabriel começou a cedo que o desenvolvimento de aquisição de linguagem mais rapidamente a língua materna e

¹⁵É a sigla de *American Sign Language* (Língua Americana de Sinais).

ligado linguístico de Libras pela expressão facial. Por isso ele usa o visual mais forte e uso de linguagem não – verbal é mais fácil. Ainda chama a atenção que faces dos pais sinalizadores com a expressão facial.

Os pais acreditassem-se que tão importante a dinâmica de língua de sinais e com linguagem “não-verbal” pelo filho, por causa a nossa cultura é uma “experiência visual” e as expressões faciais e corporais para meio de comunicação mais clareza. No povo surdo utilizassem mais os nestes e sistema de linguístico de Libras. Sempre comunicação com baseado o cotidiano de vivência da Libras no dentro em casa relacionamento entre os pais e o filho CODA.

7 CRIANÇA CODA DESENVOLVENDO LIBRAS COM DEFEITO

A Mãe Aline lembrou, à noite, a mãe pegou o colo com filho em frente à janela que estavam-lhes olhando a fora na estrada o movimento de automóveis, Gabriel virou olhando os olhos da mãe e sinalizou-o este sinal estranho a configuração de mão e a mãe não entendeu ou não conheceu o sinal, a pede-lhe novamente que Gabriel sinalizar, mas sinalizando o sinal mesmo que antes ele sinalizou repente, a mãe tentando procurar no lugar à fora até não consegue entendendo. A mãe lembrou, ela o perguntou: “Mãe sinalizou: ONDE?”

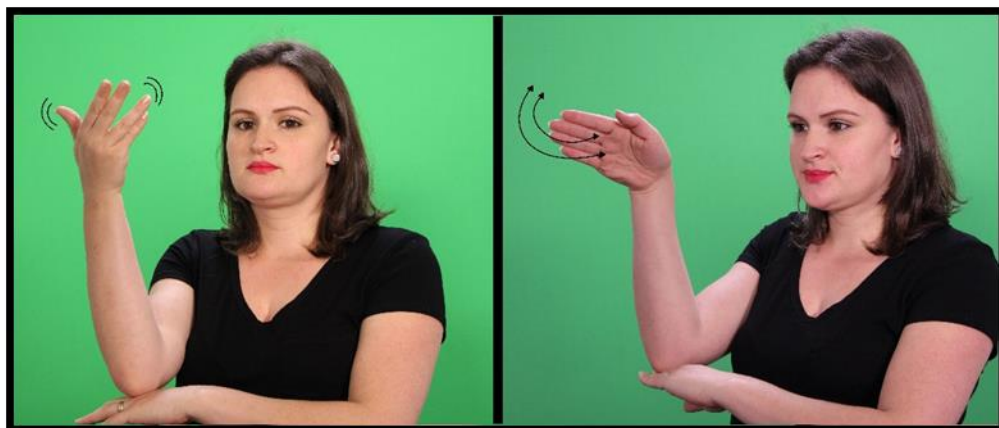
Gabriel apontando se a mostrou o dedo dele sinalizou “lá” em fora na janela, aquilo aonde no campo de futebol ao lado no galpão em frente a nossa casa, mas esse estava o escuro. Mãe tentando a procurar o lugar que ele mostrou, e procurou até não consegue entender nada, ele sinalizou às vezes o sinal igualmente. Passou o tempo em seguida, a mãe descobriu, o que ele fez um sinal significou é “B-A-N-D-E-I-R-A” imperfeito de configuração. Mas o sinal era correto.

A Bandeira está colocando para cima o telhado de Galpão. Contudo, bandeira era muito pequena, não dá ver bem ou não perceber, mas como o filho conseguindo ver do menos a mãe surda.

Não esperava nisso e admirando o filho dou novo um sinal criação natural e nunca viu que ele fez e a mãe ainda não ensinou pela bandeira. Foi ele criou sozinho. A mãe ficou emocionante. Que incrível!

Qual a configuração de mão que ele sinalizou, veja abaixo:

Figura 26: Sinal BANDEIRA (defeito x original)



7.1.1 Cria sinais, cria palavras; experimentação com as línguas

Aumentando a criação de língua de sinais por Gabriel fez os novos sinais, esses alguns não é linguístico de língua de sinais, parecido bem que era criação os sinais em base icônica.

Aos pais observam a descobrir que o filho criou alguns sinais, foi era diferente, eles se não conhecessem um sinal.

Lembrassem que esta noite, o filho CODA pede-a mãe:

Criou um sinal pelo familiar. Gabriel sinaliza:

Figura 27: Sinal SUTIÃ (criação x original)



Um sinal estranho que mãe não conheceu e esse sinal que nunca usar. Ela o perguntou: O que é este sinal? Ele respondeu: o sinal mesmo antes e repente tanto. Até os pais não conseguem entender nada, e o parecido que essa comunica barreira. A Mãe tentou a entender, após uma ideia, conversou-se com o Gabriel: Mãe sinalizou: *VOCÊ VAI PEGAR?*

O Gabriel estava contente, e correndo-lhe ir no quarto dos pais, a mãe seguindo com filho, por isso queria saber que o que ele fez. Daí o Gabriel foi ao quarto deles, abre no armário, puxou da gaveta e procura a pegar um sutiã da mãe. Foi muito estranho. O filho voltou na sala e deitou no sofá, ele gostou de mexer na alça do sutiã, ele inventou sinais para sutiã e chamava-o “onha”. Gabriel pegou mania de mexer na alça do sutiã, era uma forma de se acalmar e também brincar, ficava tempo fazendo isso.

Ainda mais um, um sinal que ele fez.

Figura 28: Sinal IOGURTE (criação x original)



Gabriel fez sinal semelhante ao de uva, os pais deram uva para ele, mas ele falou não.

Mãe sinaliza: COMO? POR QUE VOCÊ PEDIR A UVA?

Gabriel respondeu: cara de negação.

Mãe sinaliza: O QUE VOCÊ QUER?

Gabriel sinaliza: sinal estranho (mesmo)

Mãe sinaliza: VOCÊ PODE PEGAR NA GELADEIRA.

A mãe pegou o Gabriel no colo levou-o até a cozinha e pediu para ele mostrar o que ele queria. Gabriel apontou para o iogurte.

Descobrimos então que esse sinal era de iogurte, mesmo ensinando o sinal correto ele continua a usá-lo dessa forma até hoje.

Os avós maternos e a tia do Gabriel contavam Aline sobre ele fez criar as palavras também. Na casa dos avós maternos, o Gabriel pedindo a avó ou a tia:

Gabriel para conseguir se comunicar criava palavras e também sinais, quando estava com fome e pedia e sinalizava para nós “buti”, quando queria iogurte. Na hora de dormir pedia o “onha”, se referindo ao sutiã, objeto com o qual ele usada para se acalmar e dormir. (TATIANE BRANCALIONÉ)¹⁶

¹⁶Agradeço a Tatiane Brancalione pela contribuição de sua narrativa como exemplo para esta dissertação.

7.2 CRIAÇÃO DE SINAIS FAMILIAR EM BASE ICÔNICA

Dessa forma, a iconidade será a característica idêntica que o ícone tem em comum o objeto ou desenho que representa. A modalidade gestual-visual-espacial pela qual a Libras, por decorrência de sua natureza lingüística. A iconidade está presente em grande dos sinais, porém, a relação entre a “forma” e o “sentido” é mais visível.

A Autora comenta:

Um aspecto que se sobressai no contraste entre as modalidades visuoespacial e oral-auditiva é a questão da arbitrariedade do signo lingüístico. Es se conceito estabelece que, na constituição do signo linguístico, a relação entre o significante (imagem acústica/fônica) e o significado é arbitrária, isto é, não existe nada na forma do significante que seja motivado pelas propriedades da substância do conteúdo (significado). Uma característica das línguas de sinais é que, diferentemente das línguas orais, muitos sinais têm forte motivação icônica. Não é difícil supor que esse contraste se explique pela natureza do canal perceptual: na modalidade visuo-espacial, a articulação das unidades da substância gestual (significante) permite a representação icônica de traços semânticos do referente (significado), o que explica que muitos sinais reproduzam imagens do referente; na modalidade oral-auditiva, a articulação das unidades da substância sonora (significante) produz sequências que em nada evocam os traços semânticos do referente (significado), o que explica o caráter imotivado ou arbitrário do signo linguístico nas línguas orais. (SALLES, 2004, p. 83)

Exemplo, sinais icônicos é uma foto, porque reproduz a imagem do referente, isto é, constituídos a partir de características da imagem dos objetos do seu significado. Dois sinais icônicas, exemplo abaixo:

Figura 29: Sinal TELEFONE / BORBOLETA

Fonte: STROBEL E FERNANDES, 1998, p.4.



No entanto, somente da iconidade estar mais presente na Libras, não podemos considerar essa a característica exclusiva das suas línguas visuo-espaciais. Além disso, não podemos afirmar que a libras é uma língua exclusivamente icônica, pois, como nos mostra Gesser (2009):

[...] mesmo os sinais mais icônicos tendem a se diferenciar de uma língua de sinais para outra, o que nos remete ao fato de a língua ser um fenômeno convencional mantido por um “acordo coletivo tácito” entre os falantes de uma determinada comunidade. (GESSER, 2009, p. 24 apud SAUSSURE, 1916)

7.3 Análise

Descubra que Gabriel era incapaz de visualizar exclusivamente que expressou que criação o sinal natural “Bandeira”. Entretanto ele percebe o tipo de formas pela bandeira tem quadrado tecido está voando, percebeu que os tamanhos, as formas, cores e etc., igualmente, sinais caseiros sutiã, iogurte e outras coisas.

Acreditasse-se que como é sutiã? Pode ser que ele percebe os seios de mamãe, colocou a forma combinação o corpo de mãe, o que ele entendeu. Outro iogurte, provavelmente, quando ele era pequeno bebê com 6 meses, a mãe deu comida iogurte Danoninho, utilizou uma colher de chá, ele percebe que jeito de mãe fez a colher de iogurte, ele acostumou olhar que a mãe e adquire, foi criação.

Para estes sinais “sutiã e iogurte” são muito diferentes que não é a Língua de Sinais na comunidade surda. Sozinho ele foi criação os sinais dentro em casa para comunicação com os pais surdos, porém, visual as imagens (icônica). Seguinte o sinal “bandeira” era correto, mas ele sinalizou com imperfeito. É um Balbucio.

8 FORMAÇÃO DE FRASES E AUMENTO DO VOCABULÁRIO

A partir dos dois aninhos do Gabriel, aparecem as primeiras frases, com 2 a 3 palavras e começa a formar frases curtas e perguntas simples. Ele sinalizando: “*eu xixi, querer comer, quer tomar suco, eu dormir, TV música, passear carro*”. Nesse baseamento a formar de comunicar dos pais no cotidiano, desenvolvimento de frases na uma sintaxe em à língua natural - Libras, assim bem, antecipai a sinalizar apenas uma palavra de sinais da mesma maneira que objetos para usa, por exemplo, música, mais, suco, etc.

Ele brincou com trenzinho em cores, pede a mãe sinalizou cada a cor: AZUL, AMARELO, VERMELHO e VERDE, algum o tempo após a mãe teve uma ideia e fez a estratégia na forma frases curtas na língua de sinais para ele aprender mais. Inventou os tipos de geometria ligada as cores, ou seja, círculo verde, triângulo amarelo, etc., da mesma forma, quaisquer o brinquedo teve cores para ele aprendeu mais novos. O vocabulário é de cerca de cinquenta palavras, usa até palavras inventadas por ela, para pessoas, coisas e brinquedo com que contato diário, também nome de sinal que os pais e Gabriel até cachorro. Começou o adquirido usado de verbos reunir as palavras, ou seja, “*dormir, tomar beber, ir passear, brincar, sentar, ver, quer, não quer, gostar*”.

Talvez, os pais dialogavam com a integrar ele sob “*Perguntas e Respostas*”, contudo, às vezes, o filho não produção eles. Mas alguns o tempo mais, ele conseguiu a soltar sim. Apenas de conquistou raro que ele produção para avós maternos conversação com interrogativos.

Praticamente o desenvolvimento de linguagem rapidez que aumenta os vocabulários em diariamente.

8.2 Desenvolvimento combinação as orações

Segundo Quadros (1997), este estágio surge por volta dos 2 anos e a ordem usada nas combinações, por exemplo, a criança surda a partir desse estágio, começa a ordenar palavras para estabelecer relações gramaticais como SV (sujeito-verbo), VO (verbo-objeto) ou no SVO (sujeito-verbo-objeto). Existindo uma limitação no que diz

respeito às ligações lexicais e fonologias, além de não ocorrer a flexão de alguns verbos. Devido as crianças surdas e filhos de pais surdos utilizam duas estratégias para marcarem as relações gramaticais: a incorporação dos indicadores e a ordem das palavras.

Neste estágio, é iniciado o uso da forma pronominal, mas de forma ainda inconsistente, principalmente, consideravam que diz respeito às indicações pronominais seria mais fácil, por exemplo, na utilização do pronome “tu” e “eu”, parece óbvio que uma criança aprendesse a regra rapidamente e a utilizasse sem cometer erros. Em pesquisas, foi observado que a apontação envolve o sistema pronominal, o sistema dos determinadores e modificadores, onde objetos são nomeados e referidos somente em situações do contexto imediato, ou seja, que estejam presentes no espaço onde se encontra o não-ouvinte.

8.3 Análise (FALTA)

9 ESTRATÉGIA DOS PAIS PARA COMUNICAÇÃO NOTURNA COM FILHO: BABÁ VIBRADORA

Como o bebê chorando e aos pais dormem em durantes noites? Havia o auxílio de aparelho chamada “Babá Elétrica Vibradora”. Os pais já preocupados que logo chegada de um bebê, eles se resolvessem que comprar uma babá vibradoracom dois produtos de babá: um para bebê e outro para aos pais. Eles conhecem a babá vibradora, porque soubessem informação a auxilia nas acessibilidades do surdo, antes de nascimento de Gabriel.

Mas, como essa babá utilizar todas as noites? Daí a babá colocava debaixo do travesseiro na camae outro produto de babá colocou o chão no berço o perto mede 30 cm metro da cabeça dele e estava a dormir, ou seja, também colocou o assento de cama para cima.

Quando o nené estava chorando, e a babá transmite os de bebê para chamar os pais sintam a vibração. Não é somente a noite, qualquer lugar que a pessoa estava ação, babá colocou no bolso do adulto.

O Gabriel era bebê até nove meses ainda segue a babá elétrica. Assim me aconteceu, esta marca de minha vida, nunca vi o Gabriel fez quando amanhecer. Então, começa em dia manhã, mãe estava a dormir e ao lado no berço do filho, ele também dorme. Durante de tempo, a mãe lembrou pelo filho, estava-o quieto e não vai mais chorar, da babá não apareceu mais vibrar. A mãe dou-a susto e levantou a cabeça para olhar rapidamente o filho o que ele fez? Imaginada que ainda dormir, algum problema de saúde e etc. a mãe vendo o Gabriel olhando a mãe e sorrindo-lhe, que emoção e lindo. Ele acordou sozinho sem chorar e brincando com travesseiro e móbile, ele tranquilo.

Percebesse que o Gabriel sabe que os pais são surdos e não precisou mais chorar. Começa nos todos os dias ele se acordou e sem chorar, do modo o adulto continua a dormir e Gabriel tocando o braço dele, e percebeu-se que filho chamar de acordado. Não usou mais babá elétrica até 2 anos. Todavia continuado a colocar a babá mais seguro por causa pode ser acontecer, desde durante de todos as noites que ele não mais chorar.

Em dois anos de após o filho estava a dormir sozinho outro no quatro, quando a madrugada, dependendo a hora que ele foi pegar pesadelo ou fome em durante a noite. Gabriel foi acordar, levantar em pé para caminhar até no quatro de pais surdos estavam a dormir, chamou a mãe ou o pai, quando eles acordaram e pegaram-lhe e deitar na cama dos pais e às vezes foi até nossos dias.

Figura 30: Babá Vibradora



9.2 Babá vibradora no auxílio na rotina diária

Figura 31: Babá eletrônica em luminoso



[...] ele estava chorando com o auxílio de um aparelho chamado “babá eletrônica”. O microfone ficava acima do berço e o sinalizador luminoso, ligado

por um longo fio, ia comigo para todos os lugares. Enquanto estava na cozinha fazendo meus afazeres, ficava de olho na lâmpada para saber se está piscando. Sem problemas! (STRNADOVÁ, 2000, p. 139).

As mães surdas preocupação com filhos surdos ou ouvintes que como chamar atenção que bebê estiver chorando. Assim bem, elas fato uma estratégia das luzes sonoras pelo o chamado do bebê.

Apresentando a ter dois tipos de auxilia de aparelho ou sem aparelho, primeiro lugar: mães cuidam o bebê a noite e sem auxilia o aparelho: bebê está ao lado a mãe surda na cama, quando o bebê mexeu e mãe acordou e olhar que o bebê chorar ou não em todas as noites sem as pessoas ouvintes ajudam.

Cito exemplo de uma situação de uma mãe surda:

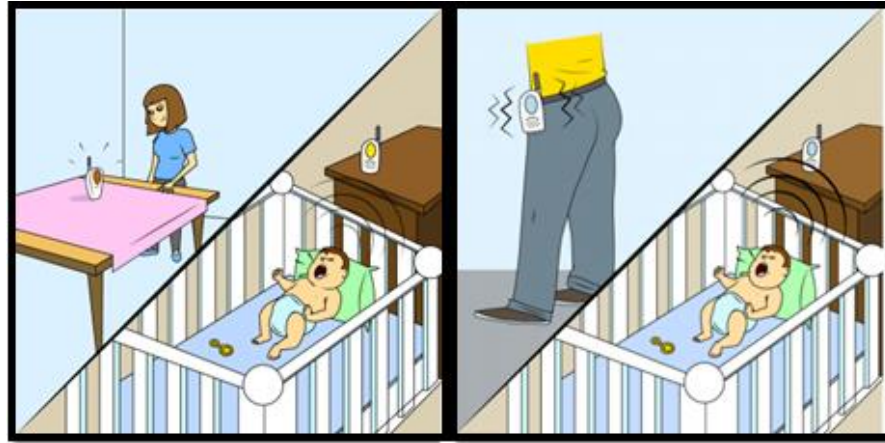
[...] então dormíamos nós três na mesma cama, e sempre que a nossa filha se mexia, a gente acordava, mas o pai ficou com medo de machuca-la e decidimos eu ele iria dormir na rede. Qualquer movimento da nossa filha, eu acordava, olhava e dormia de novo, de madrugada do mesmo jeito, ela chorava, eu a colocava pra mamar, e está sendo assim até hoje, ela está com cinco meses de idade. (Disponível em: <<http://www.prac.ufpb.br/enex/trabalhos/7CEARDEEPROBEX2013489.pdf>> Acesso em: dez de 16.)

Essa a mãe, não tive a aparelho de babá, mas este historicamente de as mães surdas fizeram utilizado é assim que mesmo uma mãe depoimento, até hoje dias. Porém, dependem que algumas recebessem a falta de informação sob o aparelho para auxilia de os pais surdos, ou seja, não haver dinheiro para comprar o aparelho de babá eletrônico.

Outro exemplificam, a mãe surda usa aparelho de auditivo ou IC (Implanta Coclear) para defende que chamar a atenção o choro de bebê. Igualmente, usa aparelho de auditivo em dias e as noites, qualquer lugar que elas atividades para ouvir. Segue um comentário da mãe surda diz “[...] *no primeiro mês de vida, usei o aparelho auditivo quando dormia mesmo sabendo que ela estava por perto para ouvir, queria tentar se iria conseguir ouvir algum choro [...]*”

Com aparelho de babá, cita dois diferente a forma de modelo, cada estratégia de uma ideia:

Figura 32: Babá Eletrônica Luminosa X Babá Eletrônica Vibratória



Essa babá é útil quando os pais surdos, uma independência em relação ao cuidado com bebê. Auxilia a babá vibratória emite um alerta de choro do filho, possibilitando maior segurança e tranquilidade dos pais. Também, existe o modelo de babá luminosa que consiste na comunicação do sinal sonoro do choro de bebê em alerta luz no receptor que fica em poder dos adultos surdos.

Até hoje, nova tecnologia de babá com câmera, maioria adultos surdos compram essa babá com câmera, porém, ficou mais fácil e olhar o rosto de bebê o que fazer a dormir, sorrir, brincar e todos vários e os pais podem assistir a câmera e receber arrepiar as novas fases de bebê.

Figura 33: Babá Eletrônica com câmera



9.3 Análise

Na babá vibratória tão importante para auxilia dos pais surdos e mais segurança e cuidado, além disso sintam que independência e tranquilidade.

A tecnologia de auxilia das pessoas surdas, na comunidade surda necessário muito que essa babá vibratória ou com câmera. Continuando a criar a nova babá fica melhor e boa qualidade. Porque quase diminuindo babá vibração do mais com câmera. Querem que fazer dois ou três formas em um produto, por exemplo, usa vibrar, luminoso e câmera que melhor a qualidade de auxilia aatenção dobro.

Meu interessante, o Gabriel entendeu que os pais são surdos, não precisa mais chorar e gritar para chamar eles se acordarem. O filho foi caminhar até no quatro, e cutucado os braços dos pais acordem. Mas ele pegou cair a lagrima e os eles percebem que Gabriel estava chorando a noite.

10 VIDA EM SILÊNCIO: OS PAIS SURDOS BUSCAM FORMA DE ESTIMULAR A AUDIÇÃO DO FILHO

Na casa surda há muito silêncio com isso o Gabriel se acostumou sem muito estímulos auditivos e tranquilidade.

Os pais estavam preocupados que pedido aos alguns ouvintes ajuda que estimulação desenvolvido audição do Gabriel para conhecimentos de várias vozes e do som. Para objetivo que ele conhece a ligada entre português e Libras, por exemplo, para construir tipos de frases nas sinaliza/falada por isso aprender as novas palavras/sinais de Língua de sinais. Tão importância.

Então, encontramos uma madrinha de Gabriel (irmã mais velha da Aline) enviou uma carta de correio, no dentro de DVD de músicas: “Patati & Patatá”, Galinha Pintadinha” e “Xuxa” com legenda. Foi Gabriel ganhou.

Mãe de Gabriel fique muito feliz, porquanto a irmã lembrou que irmã é surda, procurou para gravada de músicas com LEGENDA. Aos pais conseguem ler a legenda na TV e acompanhados com a criança. Estas ajudas para os pais aprendem mais as palavras e as frases da língua portuguesa.

Todos os dias, a mãe e o filho sentavam no sofá e assistirem TV de músicas, ela se tentando interpretação de Libras para filho, de repente as letras de músicas, o filho olhando a mãe sinalizando. Por enquanto, a mãe leitura a legenda e fez interpretação, o Gabriel percebesse a língua de sinais e a língua Portuguesa.

Uma vez certa, quando o Gabriel pede que “Quero ligado da TV de música”.

Gabriel sinalizou: “Galinha Pintadinha” com imperfeito a configuração de mão.

A mãe descobre que o filho quer assistir à TV de Galinha Pintadinha, que ele copiou um menino cantou com Galinha, ele mostrou “cabe aqui na minha mão”, o nome músico é “pintinho amarelinho”, Gabriel se acreditou que esta mão era língua de sinais. Ele já aprendeu que sinal a música.

Figura 34: Pintinho Amarelinho no Youtube



Até um dia, ele sinalizou: “Patati & Patatá” este é parecido sinal “Palhaço”, porque ele já sabe que sinal palhaço pela narizão (foi ele se primeira aprendeu sinal palhaço este capítulo 7). Apenas ele soube dois sinais “Galinha Pintadinha” e “Patati & Patatá”.

10.1.1 CODA e as dificuldades de comunicação com a comunidade ouvinte

Primeira vez na creche chamado Pequeno Princípio, o Gabriel entrou na sala com outras colegas e a professora, ele não falou com as pessoas ouvintes, somente ficou quieto, mas o sempre tranquilidade, brincou muito com as colegas, a hora de refeição, dormir e todos atividades qualquer o lugar, isso é normalmente. Apenas menos que ele não falar ou conversar com ouvintes. A professora o pedindo que hora a dormir, hora a refeição, ele se entende-a bem.

Em durante de meses, com 1 ano, avistou que dificuldade a relacionam entre o menino e a professora, porém, somente o sinalizou na própria língua e a professora não entendeu que ele sinalizando.

Quando final de tarde, a mãe buscou o filho na creche, professora dele chamou-a, proferiu a mãe sob Gabriel, que ele pede e/ou queria falar com ela e direto sinalizando a frente a professora, ainda não entendeu o que ele sinalizou. Ela tentou muitas vezes disse que Gabriel pode oral, todavia, ele firme ainda fecha a boca e

continua sinalizando. Ela se ansiosa e desesperada. Mãe percebeu que perguntas por ele. Mãe sinalizou: “*O que você quer?*” Ele não respondeu, porém, não lembrou que falar pelo muito o tempo atrás.

Então, mãe a perguntou: “*Qual o sinal que ele fez?*” Ela pede o Gabriel fez um sinal para expor a mãe.

Figura 35: Sinal AGUÁ (defeito x original)



An Aline respondeu: era ÁGUA. Por causa ele pedindo que querer a água. A professora dou um susto e sente dó por Gabriel, quantos vezes, o pede que “água”. Após ela já soube o sinal que ele precisa.

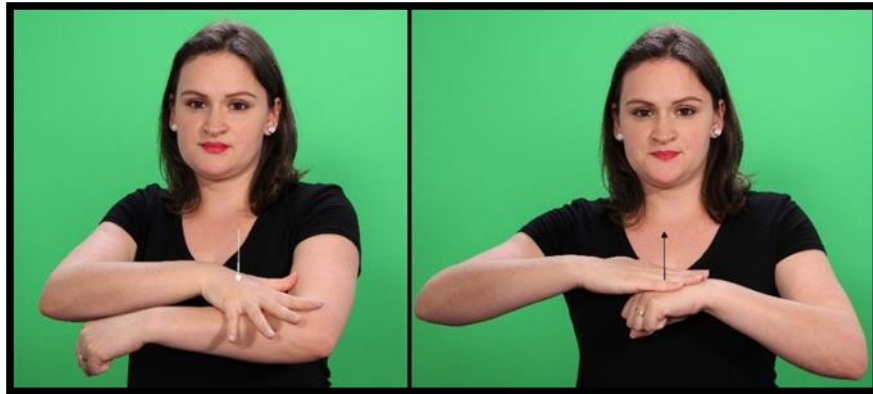
10.1.2. Primeira vez férias: avó paterna e neto não se entendem

No Gabriel foi a primeira vez férias, família da Gabriel foram de viagem na casa dos avôs paterno e também à praia, distância mais ou menos em 500 Km.

Deste dia, o Gabriel ainda sinalizado e sem falada. À noite, os pais foram sair em casa, eles o deixavam e foi cuida avó paterno. Acontecido, entre a avó e o neto relação com barreira comunicação pela através à Libras.

Como foi aconteceu? A avó oferece-o uns biscoitos para comer. Quando acabou os biscoitos, o neto Gabriel caminhou e chamar a avó e sem falada, ele a sinalizou:

Figura 36: Sinal MAIS (defeito x original)



Gabriel sinaliza: MAIS (defeito)

Avó disse: O que você quer?

Gabriel sinaliza: MAIS, MAIS, MAIS (repente)

Avó pegou a água para Gabriel.

Gabriel ficou com uma expressão de negação na cabeça.

Essa barreira de comunicação, por isso avó paterna sabe muito pouco à Libras (já contando idem ver o capítulo 3.1.1) e apesar utilizado os sinais caseiros. Contudo, ela não conhecesse um sinal “MAIS”.

Às vezes, o Gabriel reclamou e ela se desesperada e esperando que os pais dele chegar.

Mais tardiamente, aos pais voltassem em casa dela, avó vim falar com a mãe disse: *“O que ele falando?”* A mãe desconfiou, chamou o Gabriel, a perguntou em sinalizado: *“O que você fala a Vó?”* Gabriel sinalizou: *“Mais, mais (repetir)”*, perguntou novamente avó: *“O que você dá por ele? Porque ele quer “mais. O que ele quer?”*

Avó esta cara susto e apertado coração, disse: *comeu as bolachas polvilho.* Ela correndo e pegar as bolachas para ele. Gabriel ficou alegre e comendo.

- Avó perguntou a mãe: como sinal é MAIS?

- Mãe sinalizou: MAIS (configuração de mão correto).

Ela aprendeu este sinal que mais atenção e quando o neto pedir novamente.

10.1.3 Fala em Libras com ouvinte fluente em LIBRAS

Uma mulher chamada Mirélia, trabalho com mãe Aline, ela cargo professora/interprete de Libras é interprete de Libras, elas são muitas amigas viram comadres. Aline foi primeira vez conheceu a Mirélia, quando a mãe começou trabalho na universidade, eu também trabalho mesmo, fizeram colegas/amigas. Alguns dias após a mãe descobre que gravidez, Mirélia ajuda levar à consulta, durante de meses de gravidez e na frequentemente à consulta de obstetra até 9 meses. Mas ele não juntou e quando nascer Gabriel, somente após ela acompanhou a mãe e o bebê em todos de meses de vida e crescendo a criança, a mesma essa frequenta ao Pediatria. Nesse não é somente da área de médicos, ainda tem mais, quantos tempo junto de amigas qualquer nos lugares que eu contato tanto.

Naquele dia, no primeiro ano de Gabriel, a Mirélia conversando com voz com o Gabriel. O menino direto sinalizado de Libras e sem voz para Mirélia. Que incrível. Por causa ele pensou que a Mirélia era surda também. Amiga tentou a expressar e sem utilizado a Libras, no entanto, Gabriel bem firme usa de Libras. Decide a Mirélia, virou a utilizar de Libras, caso Gabriel, eles comunicação de libras do natural, com tranquilidade.

Figura 37: Mirélia e Gabriel se comunicavam em Libras



Logo após o filho CODA, mais ou menos com dois anos e meio, consegue solto com voz pelo comunicado a Mirélia, não mais que pouco falar. Conheceu o marido dela, conversam com voz, normalmente, exceto a mulher ouvinte.

Desde dia certo, com três anos, a mãe foi de viagem, o pai trabalho a fora dia interno. À manhã, a Mirélia cuidou-se o Gabriel. Ela continuou a conversar com Gabriel, passou a tempo, ele soltou a falar para ela, ficou emoção para ouvir que Gabriel falando. Às vezes, ele ficou quieto.

Se a mãe presente com filho e a amiga, o direto sinalizado na frente elas, por isso a mãe surda e mais respeita por ela. Alguns dias depois, ele acostumou que falar normalmente e sinais.

Esse é estranho, porque avós maternos e titia dele também sabem a Libras, mas só utilizam-lhes pronunciar de menos sinalizador. Apesar de único a amiga Mirélia que comunicado através a Língua de sinais.

Depois com o tempo Gabriel começa a diferenciar quando deve usar a LIBRAS, quando em contato com surdos, e quando usar a língua falada, quando em conversa com ouvintes.

Ele tem respeita bem com os pais surdos. Na casa dos surdos que ele fez? Fala com voz ou usa Libras? Ele direto usa Libras sem voz na casa. Quando visita na casa dos avós ou amigos ouvintes que ele falada muito. Ele sabe cada língua diferente e também sabe culturas são diferenças.

10.2 Influência da oralidade sobre a sinalização ou dificuldade de comunicação

Pelo fato de os CODAs estarem numa sociedade e frequentarem escolas com foco na língua oral, está gera muita influência na escolha da língua, sendo que este fato favorece a perda de aspectos sintáticos da língua nativa, neste sentido a atitude dos sinalizantes e falantes que interagem com essas crianças desempenha um papel decisivo na escolha das línguas. Neste sentido e pelo fatos de a sociedade não valoriza a língua de sinais, os pais de CODAs garantem a manutenção da língua de sinais promovendo encontro de seus filhos com outras pessoas surdas em diferentes contextos (Chen Pichler, D., Lee, J., & Lillo-Martin, D. 2014).

Gabriel sempre foi muito estimulado na língua de sinais pelos seus pais, por isso adquiriu como primeira língua a de sinais, neste sentido até os 2 anos de idade usava apenas esta forma de comunicação e alguns poucos balbucios. Porém dos 2 até os 3 anos, fase onde crianças ouvintes começam a desenvolver melhor a fala, ele preferiu a língua oral. Confirmando o que QUADROS et al (2016, p142) relatou, que a língua de sinais parece se tornar a língua mais fraca, na medida em que os bilíngues bimodais passam a privilegiar a língua falada, mesmo com interlocutores surdos.

Esta fase causou preocupação aos pais pois haveria dificuldade de se comunicar com o filho. Devido a esse fato os pais começaram a estimular mais Gabriel na L1, a mãe ficou mais tempo em casa, podendo estar mais em contato com ele, pois antes ele ficava o dia inteiro na creche, recebendo assim mais influência na língua oral. Com isso Gabriel, com 3 anos passou a fazer uso maior na língua de sinais.

Neste contexto a literatura explica como ocorre a variação na fluência entre diferentes CODAs:

Os CODAs podem ser bilíngues bimodais balanceados e evidenciar fluência em ambas línguas, mas podem também evidenciar dominância da língua falada, a língua que se torna a língua primária desses bilíngues. Os Codas balanceados podem fazer diferentes combinações das duas línguas: (1) usam apenas a língua de sinais; (2) usam apenas a língua falada; (3) usam a língua de sinais como língua primária e a língua falada sobreposta como língua secundária; (4) usam a língua falada como língua primária e a língua de sinais sobreposta como língua secundária; (5) alternam entre as línguas primárias que podem ser a língua de sinais ou a língua falada; (6) mantêm as duas línguas como primárias ao mesmo tempo. A língua secundária pode ser apenas cochichada ou ser falada de forma mais clara com diferentes implicações linguísticas (QUADROS, et al, 2016, p. 142).

Com o passar o tempo Gabriel consegue diferenciar pelo contexto com que está conversando quando usar a L1 e a L2, concordando com o que observa QUADROS, et al (2016, p 141), que os fatores sociolinguísticos podem influenciar as opções usadas pelas crianças CODAs. Elas podem usar o modo bimodal podem evitá-lo dependendo com quem esteja conversando.

Em muitas situações, todas as CODAs são como a criança Gabriel não falada, eles se preferiam a usar a língua de sinais.

A afirmação que CODA é subjetiva que pertence tanto ao grupo cultural dos surdos, para Quadros e Massutti (2007, p. 249), “muitas experiências que são

vivenciadas ricamente em Libras perdem sua potência significativa na língua portuguesa.”

Para autora CODA relata a experiência na escola que não fala e apesar de usa a língua de sinais:

Eu não falava Português quando cheguei na escola, mas lembro que eu entendia as pessoas, apesar de não falar essa língua. Eu só usava a língua de sinais, mas eu sabia que eu não podia usar essa língua com aquelas pessoas. Elas simplesmente não sabiam nada da língua de sinais! Era muito difícil para mim, uma vez que minha vida era na língua de sinais, a língua que eu me sentia à vontade em usar. (Quadros & Massutti, 2007, p. 258)

10.3 Análise

Talvez, análise as línguas audição e à língua espaço visual relaciona o filho CODA, desenvolvimento de organizado as línguas distintas pelo entre as palavras e as orações ligam a Português/ audição e Sinais/ Visual esse equilíbrio as gramáticas, sem atrasado aprendizagem uma língua e audição. Porém, na comunidade surda utilizando a maioria as mãos e experiência visual menos audição/som.

Aos pais ajudam que ele aprendeu o conhecimento o tipo de sonoros para audição, bem como, sinalizado a interpretação à base em Língua materna que ele adquirindo a olhar no TV de música.

Observamos o Gabriel tinha dificuldade de comunicação com ouvintes pela falada, pois, ele já adquire a sua língua após ficou complicado entendido que qual a língua.

11 FILHO CODA APRENDENDO MAIS AS NOVAS LÍNGUAS ESTRANGEIRAS

Desde 3 anos de vida, o Gabriel acostumou a adquirir suas línguas sinais/falada, iniciou aprendendo novas as línguas pelos avós de materna, aprende com amigo surdocego dos meus pais e curiosidade de internet.

Foi primeira vez, ele aprendendo a língua inglesa pelo celular. Porém, a mãe estimula-lhe a conhecimento de sons de animais, também nomes dos animais, descobre que incluiu que falada em inglês, assim bem, músicas e vários a categoria em inglês no Youtube em inglês, de que ele aprendeu o tema em inglês; cores e números alguns vocabulários.

Contudo os pais não ouvirem que ele falou inglês, foi contada que a tia de Gabriel.

Outro, ele aprendendo que duas línguas pelas avós de materna, o pai da Aline falou italiano e a mãe da Aline falou alemã. Eles o ensinam as línguas.

Hora de certo, tínhamos uma visita especial amigo surdocego de aos pais, em casa, fizemos uma janta. Gabriel foi primeira vez, conheceu-lhe, e eles o apresentavam cumprimentar o surdocego que uso libras tátil. Gabriel estava olhando muito que mãe e amigo surdocego conversavam em tátil. Todavia, ele nunca experimentar a usar da Libras tátil.

Daquele dia, o surdocego foi se ministrou da oficina de Libras Tátil, aos pais participam também. Grupo de surdos foram no restaurante, ainda bem a mãe dele conversou muito com amigo, portanto, a mãe gostou muito de conversar em tátil e interesse muito, por causa sonho dela que ser guia-interprete de pessoas surdocegas.

Quando a mãe chamou o filho, tentar conversar com amigo pela Libras Tátil. Mas o com pouquinho tímido, amigo chamou a comunicar em língua de sinais tátil por Gabriel. Eles se conseguem a comunicar na normalmente. Esse muito admirado, tão importante que Gabriel conhecimento outra a língua na comunidade surdocega.

Figura 38: Surdocego e criança CODA estavam a conversar com Libras Tátil



Esta à noite, então, o filho foi dormir com a mãe na cama dele. Quando ele me pede que tomar iogurte para ele. Mas como eles comunicar no escuro pela madrugada. Tivemos uma ideia que possamos a empregar comunicação à língua de sinais tátil entre o filho e a mãe. Nós aproveitávamos até hoje em dia, contudo, o pai não usar à língua de sinais tátil, pois ele teve dificuldade e menos contato as pessoas surdocegos, muito interessante.

Também nós criávamos uma brincadeira através sinais táteis, qualquer umas palavras e as frases na língua de sinais tátil, aprendemos muito. Enfim, a mãe percebeu que o filho aprendeu mais rapidez do que a mãe, portanto, ele é criança facilidade a aquisição a linguagem do adulto.

Figura 39: Mãe e filho tentavam a comunicar através a Libras Tátil



11.2 Nova aprendizagem da multilíngue

Como realizar-se o processo de comunicação entre os pais surdos, filho e outras pessoas de etnias diferentes e que papéis desempenham novas as línguas (Libras Tátil, Italiana, Alemã e Inglês) para aprendizagem e contato com familiar?

Fiz uma pouca entrevista com filho sobre as línguas. Ele comentou que saber mais as línguas são língua de sinais tátil e a língua italiana, outro médio era língua alemã e menos a língua inglesa. Porém, convivência a família do Gabriel contato totalmente à língua de sinais tátil, assim bem, as vezes contato com pessoas Italianos, quando ele apenas visita no grupo de Italiano, pelo avô dele participação de coral de Italiano.

De acordo com Vygotsky (2009, p. 63) “... a função primordial da linguagem é comunicar, relacionar socialmente, influenciar os circundantes tanto do lado dos adultos quanto do lado da criança”. De tal modo, a linguagem nos oferece a capacidade de trocar ideias, histórias, fatos e relatar nossos acontecimentos sem ter a necessidade da presença do objeto ou pessoa da qual estamos sinalizando e/ou falando.

O estudo do desenvolvimento do pensamento e da linguagem, Lima (2010, p.91) afirma que:

Como deve ser, então, o método de investigação do pensamento e da linguagem? No adulto, o pensamento e a linguagem, por já terem passado por um longo processo de desenvolvimento, já assumiram uma forma de existência

fossilizada. É por essa razão, dentre outras, que Vigotski se dedica principalmente ao estudo do desenvolvimento do pensamento e da linguagem infantis como meio de explicação do pensamento e da linguagem adultos. É também por essa razão que frequentemente, Vigotski é visto como psicólogo do desenvolvimento infantil. Tal visão, como sugere Clot (1999/2002, p. 7-15), é redutora da teoria vigotskiana, uma vez que a obra do autor consiste, na realidade, no desenvolvimento de uma Psicologia Geral do desenvolvimento humano. Vigotski empregou, pois, “evidências do desenvolvimento da criança para explicar (compreender) como funciona a mente do adulto” (LANTOLF & APPEL, 1994/1996, p. 25).

Referências

ALVES, F. **Inclusão**: muitos olhares, vários caminhos e um grande desafio. Rio de Janeiro: Wak, 2009.

BEE, Helen L., **A criança em desenvolvimento**; Tradução: Antônio Carlos Amador Pereira e Rosane de Souza Amador Pereira. São Paulo, Harper & Row do Brasil, 1977.

CAVALCANTI, Wanilda Maria Alves; ROLDÃO, Michelle Mélo Gurjão. **Estudo da aquisição de linguagem oral e de sinais de uma criança ouvinte filha de pais surdos**. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO E INCLUSÃO, Campina Grande, 2014, Anais CINTEDI. Campina Grande: Universidade Estadual da Paraíba, 2014. p. 1-11.

CICCONE, Marta. **Comunicação total**: introdução, estratégias a pessoa surda. 2ªed. Rio de Janeiro: Cultura Médica, 1996.

DALCIN, Gladis. **Psicologia da Educação de Surdos**. Curso de Licenciatura em Letras-Libras na Modalidade a Distância, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009.

FARRONI, Teresa; MENON, Enrica. **Percepção visual e desenvolvimento inicial do cérebro**. In Tremblay RE, Enciclopédia sobre o Desenvolvimento na Primeira Infância. Montreal, Quebec: Centre of Excellence for Early Childhood Development e Strategic Knowledge Cluster on Early Child Development; 2013:1-7. Disponível em: <<http://www.encyclopedia-crianca.com/Pages/PDF/Farroni-MenonPRTxp1.pdf>>. Acesso em 20 abr. 2016.

GURJÃO, Michelle Melo. **Aquisição da linguagem oral e de sinais por uma criança ouvinte filha de pais surdos: conhecendo caminhos**. Dissertação de Universidade Católica de Pernambuco, Recife, 2013.

GÓES, Maria Cecila Rafael de. **A linguagem escrita de alunos surdos e a comunicação bimodal**. Dissertação de faculdade de Educação, UNICAMP, 1994.

GOLDFELD, Marcia. **A criança surda**. 3ª ed. São Paulo: Plexus Editora, 2002.

GORSKI, Edair, FREITAG, Raquel Meister Ko. **Ensino de Língua Materna**. UFSC, Licenciatura em Letras-Libras na Modalidade e Distância, Florianópolis, CCE, 2010.

LAMARE, Rinaldo de. **A Vida do Bebê**. Revisão e Atualização Dr. Geraldo Leme. 42ª ed. Rio de Janeiro: Agir, 2009.

LABORIT, E. **O vôo da gaivota**. São Paulo: Best Seller, 1994.

LIMA, Anselmo Pereira de. **Visitas Técnicas**: interação escola-empresa. Curitiba: Editora CRV, 2010, 265p.

KARNOPP, Lodenir Becker. **Aquisição da linguagem por criança surdas – investigações sobre o léxico.** ULBRA, Vol. 02, N. 01, p. 75 e 88, jan/jun 2004.

OLIVEIRA, Sônia Marta de. **CODA: um mundo, duas culturas? Dois mundos, duas culturas?** In: QUADROS, Ronice Muller de; WEINIINGER, Markus J. Estudos da Língua Brasileira de Sinais. Florianópolis: Insular, 2014. Cap. 12. P.277-286. (Volume III).

PERLIN, G. T. T. **Histórias de vida surda: identidades em questão.** Dissertação (Mestrado em Educação) – UFRGS/FACED, Porto Alegre, 1998.

QUADROS, Ronice Muller de. **Educação de Surdo: A aquisição da linguagem.** Porto Alegre: Artmed, 1997.

QUADROS, Ronice Muller de; CRUZ, Carina Rebello. **Língua de Sinais: Instrumentos de avaliação.** Porto Alegre: Artmed, 2011.

QUADROS, Ronice Muller de., KARNOPP, Lodenir Becker. **Língua de sinais brasileira: estudos linguísticos.** Porto Alegre: Artmed, 2004, 224p.

QUADROS, Ronice Müller de; LILLO-MARTIN, Diane; PICHLER, Deborah Chen. **O que bilíngues bimodais têm a nos dizer sobre desenvolvimento bilíngue?** Francês, v. 48, n. 3, p. 380-388, 2013. Disponível em: <<http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC389070/>>. Acesso em 08 nov. 2015.

SACKS, O. **Vendo vozes: uma viagem ao mundo dos surdos.** Tradução de Laura Teixeira Motta. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SALLES, Heloísa Maria M. L. et al. **Ensino de língua portuguesa para surdos: caminhos para a prática pedagógica,** v. 1. Brasília: MEC, SEESP, 2004.

SANDER, Ricardo Ernani. **Educação bilíngue de filhos ouvintes de pais surdos (codas) com o olhar de pais surdos.** Tese de Mestrado. UEM, Maringá, 2016, 115p.

STREIECHEN, Eliziane M. **A aquisição da Libras por crianças ouvintes de mãe surda num contexto multilíngue.** Dissertação (Mestrado em Educação). UNICENTRO, Guarapuava, 2014.

STRNADOVÁ, Vera. **Como é Ser Surdo.** Petrópolis, RJ: Babel Editora Ltda, 2000.

STROBEL, Karin. **As imagens do outro sobre a cultura surda.** Florianópolis: Editora da UFSC, 2008, 118 p.

STROBEL, Karin Lilian; FERNANDES, Sueli. **Aspectos Linguísticos da LIBRAS: Língua Brasileira de Sinais.** Editora: SEED/SUED/DEE, Curitiba, 1998.

VYGOSTSKY, Lev Semenovich. **A construção do pensamento e da linguagem;** Tradução Paulo Bezerra. 2ª ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009.

_____. **A formação social da mente:** o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores; organizadores Michael Cole. [et al.]; tradução José Cipolla Neto, Luís Silveira Menna Barreto, Solange Castro Afeche. 7ª ed. São Paulo: Martins Fontes – selo Martins, 2007.

_____. **Pensamento e linguagem.** São Paulo: Martins Fontes, 1993.